

DIÁLOGOS COM UM ESCULTOR PORTUGUÊS: TEIXEIRA LOPES E O MONUMENTO A BENTO GONÇALVES

Francisco das Neves Alves

Juarez José Rodrigues Fuão




Coleção
Documentos


BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE
Fundada em 1846



CLEPUL | Centro de Literaturas
e Culturas Lusófonas
e Europeias
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

DIÁLOGOS COM UM ESCULTOR
PORTUGUÊS: TEIXEIRA LOPES E O
MONUMENTO A BENTO GONÇALVES

FICHA TÉCNICA

Título: *Diálogos com um escultor português: Teixeira Lopes e o Monumento a Bento Gonçalves*

Autores: Francisco das Neves Alves e Juarez José Rodrigues Fuão

Coleção: Documentos, 7

Composição & Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Setembro de 2016

ISBN – 978-989-8814-40-1

Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto “UID/ELT/00077/2013”

Os autores:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da FURG, Doutor em História pela PUCRS e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); Universidade de Lisboa (2013) e Universidade Nova de Lisboa (2015). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou aproximadamente cem livros.

Juarez José Rodrigues Fuão é Professor Adjunto da FURG e Doutor em História pela UNISINOS. Atualmente é membro do corpo efetivo do Programa de Pós-Graduação em História da UFPEL.

Francisco das Neves Alves
Juarez José Rodrigues Fuão

Diálogos com um escultor português: Teixeira Lopes e o Monumento a Bento Gonçalves



- 7 -

CLEPUL / Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande

2016

Índice

APRESENTAÇÃO	7
O MONUMENTO A BENTO GONÇALVES: DA DOAÇÃO DOS RESTOS MORTAIS À CONSTRUÇÃO DO MONUMENTO	11
ALGUNS DIÁLOGOS COM O ESCULTOR PORTUGUÊS	49

APRESENTAÇÃO

Ao longo da primeira década do século XX, Antônio Teixeira Lopes era já um renomado escultor, com uma obra reconhecida e premiada internacionalmente, estendendo suas atividades artístico-culturais à docência, atuando em academias de Belas Artes. Pois, naquela época, este premiado artista português acabaria por desenvolver uma próxima interface com uma longínqua localidade no extremo-sul brasileiro. Era a cidade do Rio Grande, urbe portuária que evoluiu a partir das atividades mercantis. Naquele início dos Novecentos, parcela da sociedade rio-grandina houve por bem estabelecer a meta de erigir um monumento em homenagem a Bento Gonçalves da Silva (1788-1847), militar que liderou a Revolução Farroupilha. Sem constituir um republicano exacerbado e pautando sua conduta bem de acordo com os preceitos liberais, adaptados ao contexto rio-grandense, Bento Gonçalves acabou por acompanhar a progressão do movimento rebelde, iniciado apenas com a meta de derrubar um governante nomeado pelo governo imperial e que acabou por acirrar-se, chegando ao ponto da ruptura institucional com a monarquia e a formação de uma república independente.

Tal conflito ocorrido no Rio Grande do Sul entre 1835 e 1845 constituiu uma guerra civil entre segmentos oligárquicos, sendo utilizados os trabalhadores rurais, vinculados à aristocracia por relações de clientelismo, como os braços armados. Dentre seus principais fatores estiveram os princípios liberais e federativos que se opunham ao cen-

tralismo imperial e a busca de uma política protecionista à economia sul-rio-grandense. Nessa época a província sulina esteve dividida entre rebeldes e legalistas e o confronto refletiu as ondas revolucionárias que sacudiam não só o Brasil como a Europa e a América. A Revolução Farroupilha foi o mais longo e um dos mais graves enfrentamentos bélicos ocorridos à época regencial, estendendo-se até o alvorecer do II Reinado, colocando em risco a integridade territorial e institucional do Império.

Com base em tal intento, os promotores da ideia da ereção da estátua buscaram nomes para esculpir o monumento, recaindo a escolha sobre o artista lusitano. Daí em diante desencadeou-se uma série de comunicações entre Teixeira Lopes e vários dos membros que compuseram a comissão destinada à promoção da obra estatutária. Desde então foi estabelecido verdadeiro intercâmbio de ideias e conceitos, envolvendo desde representações simbólicas, fundamentos históricos, bases de memória social e concepções artísticas, até questões como valores a serem empregados, locais da alocação do monumento e detalhes técnicos da sua instalação.

Responsável pela intermediação entre a cultura escrita e a cultura oral representando, respectivamente, a cultura erudita e a cultura popular¹, a imagem, enquanto símbolo detentor de um discurso, adquire papel fundamental na construção do imaginário urbano. A capacidade de aceitação e absorção dos valores por ela representados granjeia distinção a partir da leitura feita pelo seu receptor ou observador, estabelecendo uma condição de negociação com a memória representada pelo mármore e pelo bronze. Nesse caso, o episódio ou a figura homenageada em pedra/metal, ou por estes representada, tende a adquirir um significativo sistema de valores e costumes arquitetados de acordo com as estruturas culturais de sua época. Dessa forma, torna-se necessário dedicar atenção a todos os objetos figurativos, à própria composição e estrutura do monumento e suas alegorias, porque em todas as civilizações e na maior parte do passado histórico, as repre-

¹ VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 91.

sentações figuradas possuíam um maior sentido e um alcance mais imediato que a escrita, caracterizando-se tal tipo de documento como de extremo valor para a interpretação do passado².

Assim como uma articulação detalhada de uma leitura oriunda de um texto impresso, as imagens necessitam, enquanto representações estabelecidas por um determinado grupo ou sociedade, passar por uma atenta reflexão acerca das reais motivações presentes no pensamento de seus patrocinadores que, em se tratando de estatuária, comumente apresentam vínculos com os domínios político-partidários. Em alguns pontos, as fontes iconográficas podem parecer mais inocentes ou, ainda, mais reveladoras que o discurso escrito ou oral, graças às significações que delas podem ser extraídas, em termos de confissões involuntárias. No entanto, apresentam-se como fontes de difícil decodificação, sensivelmente menos explícitas que o discurso escrito³. Para uma análise coerente com as representações conferidas às obras, deve-se prestar atenção, dessa forma, ao contexto sócio-cultural quando de suas gestações.

Uma das questões primordiais para a obtenção de um olhar crítico e eficiente sobre as reais motivações acerca das edificações dos monumentos passa necessariamente pela memória. Tal fundamento pode ser tanto um fenômeno coletivo como individual, sendo constituído por acontecimentos vividos pessoalmente; os acontecimentos vividos por tabela; pela presença de pessoas ou personagens pertencentes ao mesmo espaço-tempo ou conhecidas indiretamente e, por último, os lugares⁴. Estes diferentes elementos atuantes na construção da memória são capazes de assessorar a apreensão de boa parte da história equivalente na estatuária em geral.

² DUBBY, Georges. História social e ideologias das sociedades. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 136-137.

³ VOVELLE. p. 70.

⁴ POLLACK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos históricos*. v. 5. n. 10. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992. p. 201-202.

Nesse sentido, tornam-se relevantes os lugares da memória, os quais nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais⁵. De acordo com tais perspectivas, nos processos de erguimentos dos monumentos e estátuas, normalmente no grupo patrocinador, existe uma frequente preocupação em não relegar ao esquecimento um passado consagrado e aplaudido. Contra esse temor da possível deterioração da lembrança, surgem os principais agentes criadores da memória nacional e regional com seus esforços para reservar ao passado um lugar capaz de solidificar e perpetuar uma ideia sobre o mesmo. São designados, de forma idealizada, lugares, personagens, acontecimentos e criadas construções com o intuito da materialização de uma memória no cotidiano das pessoas⁶.

A partir de tais constatações, este livro trata de alguns dos diálogos desenvolvidos entre Antônio Teixeira Lopes e vários representantes da sociedade rio-grandina. Tais contatos variaram desde os diretos, associados à troca de correspondências até os indiretos, tornando-se a obra do escultor amplamente debatida no seio da comunidade, além de descrita e analisada esmiuçadamente pelo jornalismo local. Dessa maneira, Teixeira Lopes, durante o primeiro decênio dos Novecentos teve o seu nome repetido à exaustão na comuna portuária, de modo que arte, história e memória foram temas extremamente recorrentes no ambiente citadino de então.

⁵ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: Educ/FAPESP, 1993. p. 13.

⁶ ALVES, Francisco das Neves & FUÃO, Juarez José Rodrigues. *Estatuária na cidade do Rio Grande nos primórdios da República Velha (1889-1909)*. Rio Grande: FURG, 2005. p. 5-8.

O MONUMENTO A BENTO GONÇALVES: DA DOAÇÃO DOS RESTOS MORTAIS À CONSTRUÇÃO DO MONUMENTO¹

Com a proclamação da República e a ascensão dos republicanos *castilhistas* ao poder estadual iniciou-se uma busca por novos símbolos e personalidades capazes de representar o ideal republicano, tanto na esfera nacional quanto na regional. Enquanto no Brasil a figura do *inconfidente* Tiradentes assumia um importante posto nesse novo imaginário nacional, no Rio Grande do Sul o General Bento Gonçalves da Silva passava a concentrar as atenções no processo de construção de uma *memória* republicana sul-rio-grandense.

O primeiro grande passo para a oficialização da *memória* de Bento Gonçalves no estado foi a inserção de um artigo na Constituição Política do Estado do Rio Grande do Sul², promulgada em 14 de julho de 1891, nas Disposições Transitórias:

¹ Texto extraído e adaptado de FUÃO, J. J. R. *A Construção da memória: os monumentos a Bento Gonçalves e José Artigas*. Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2009.

² De acordo com o que foi dito por outro membro constituinte de 1891, Assis Brasil, o qual junto com Ramiro Barcelos e Júlio de Castilhos, fora nomeado para elaborar essa Constituição, o texto do documento teria sido inteiramente concebido por esse último.

Será elevado, em uma das praças públicas do Estado, um monumento à memória de Bento Gonçalves e de seus gloriosos companheiros da cruzada de 1835, logo que os cofres públicos o permitam, se antes a iniciativa particular não houver satisfeito esse patriótico tributo.³

Transcorrida quase uma década, um grupo de rio-grandinos, liderados pelo historiador Alfredo Ferreira Rodrigues, teve a iniciativa da formação de uma comissão para o erguimento de um monumento em homenagem a Bento Gonçalves da Silva, na Cidade do Rio Grande. Em paralelo à organização dessa obra, a comissão também trabalhou com o intuito de transladar os restos-mortais do General para o município, empenhando-se na ideia de edificação de um monumento-túmulo que tivesse um significado ainda mais amplo para a sociedade sul-rio-grandense. Nesse momento, a Comissão Promotora do Monumento a Bento Gonçalves da Silva contava com os seguintes membros: Carlos Augusto Ferreira de Assumpção, Presidente da Comissão e Intendente Municipal; Coronel Antonio Ilha Moreira; Virgilino J. da Porciúncula Junior; Ignácio Xavier de Azambuja, tesoureiro; e Alfredo Ferreira Rodrigues, secretário⁴.

Após a morte de Bento Gonçalves, seus despojos ficaram sepultados no cemitério da povoação de Pedras Brancas, atual município de Guaíba⁵. No final de 1850, Joaquim Gonçalves da Silva, filho do *farroupilha*, realizou a exumação dos ossos e os transferiu para a casa de sua família na estância de Cristal, em São João do Camaquã, onde permaneceram até setembro de 1893 sob a sua guarda. Com o seu traslado para a cidade de Bagé, os restos mortais ficaram sob a responsabilidade de seu irmão Caetano até seu falecimento quando, então, passaram para os cuidados de sua esposa, Maria Thomazia Azambuja. Finalmente, já no ano de 1900, a última pessoa respon-

³ Apud OSÓRIO, Joaquim Luís. *Constituição Política do Estado do Rio Grande do Sul: Comentário*. Brasília: Ed. da UNB, 1981: 301.

⁴ O cargo de Presidente era exclusivo para o Intendente Municipal em exercício.

⁵ Município integrante do complexo metropolitano da Grande Porto Alegre.

sável pela guarda doou para Ignácio Xavier de Azambuja, seu primo, os despojos de Bento Gonçalves. Membro da Comissão Promotora do Monumento, por sua vez, Ignácio Azambuja repassou a guarda para a Intendência Municipal do Rio Grande, no mês de setembro de 1900, data na qual foram promovidas as festividades.

No entanto, cabe lembrar que Alfredo Ferreira Rodrigues mantinha longa correspondência com o único filho sobrevivente de Bento, Joaquim Gonçalves da Silva, o que foi, de certa maneira, um aspecto facilitador para o processo de doação dos despojos para a cidade do Rio Grande.

Finalmente, Bento Gonçalves da Silva conquista Rio Grande

Embora com a intrincada relação histórica entre Bento Gonçalves e a Cidade do Rio Grande⁶, os restos mortais do general *farroupilha* foram trasladados para esta localidade em agosto de 1900 (FIGURA 01).

⁶ Detentora do único porto marítimo do Rio Grande do Sul, a cidade se constituiu em peça-chave para a resistência do Império na região durante a Revolução Farroupilha, sendo o principal local de desembarque das forças militares oriundas do centro do país. Visando a conquista de uma saída marítima para os *farroupilhas*, Bento Gonçalves chegou a promover uma investida à região da barra portuária que envolvia Rio Grande e a Vila de São José do Norte, do outro lado do canal. No entanto, com um bom contingente de tropas imperialistas, a Vila resistiu aos ataques comandados por Bento Gonçalves e Garibaldi, constituindo-se num duro golpe na estratégia logística dos revolucionários. A partir desse episódio, Rio Grande se tornou no reduto de maior importância para a resistência militar legalista no Rio Grande do Sul. O insucesso nessa empreitada forçou os revolucionários a buscarem novas alternativas como, por exemplo, a expedição à Laguna em Santa Catarina.



FIGURA 01 – “Translado dos restos mortais de Bento Gonçalves para Rio Grande”
Da esquerda para a direita: Caetano Gonçalves da Silva, Nicanor Rodrigues Barbosa,
Capitão Joaquim Gonçalves da Silva, João Alt, Ignácio Xavier Azambuja e João
Francisco Bueno.

FONTE: Arquivo Público do Rio Grande do Sul.

Apesar dos restos mortais terem sido transladados no mês de agosto de 1900, as festividades oficiais, organizadas para serem realizadas no mesmo mês, ocorreram somente em setembro do mesmo ano, devido às fortes chuvas que impossibilitaram o deslocamento de Joaquim Gonçalves, filho do General, da cidade de Bagé para Rio Grande no devido tempo. Mesmo assim, subentende-se que tal atraso também tenha sido estendido para coincidir as cerimônias da transferência com uma data mais simbólica para a ocasião: o *20 de Setembro Gaúcho*.

Após serem desembarcados no porto do Rio Grande, os despojos foram depositados em uma urna de mármore, doada pela Intendência Municipal, com a inscrição: *Aos heróis de 1835 o Rio Grande agradece*. Dessa forma, o prédio público serviu como sede temporária, designando seu salão nobre para a visitação geral da população que, por sua vez, promoveu uma intensa visitação ao local e enfeitou suas residências com bandeiras nacionais e *farroupilhas*.

Na ocasião do ato de entrega dos despojos, o setor *republicano-castilista* deu continuidade à sua apropriação da Revolução Farrou-

pilha e de seu maior representante. Além da glorificação de Bento Gonçalves, o discurso situacionista se valeu do momento para atacar o antigo regime monarquista, retomando parte da oratória comum nos anos que antecederam o 1889 e que nortearam o imaginário do movimento republicano sul-rio-grandense naquele período.

A construção de um monumento-túmulo a Bento Gonçalves da Silva era compreendida como a instalação de um altar cívico para a população. Com a obra, erguer-se-ia um templo para a prática de uma espécie de *civismo religioso*, baseado na adoração de um personagem e seus seguidores, que teriam, segundo a imprensa, vivido e lutado pela liberdade de um povo.

Fazendo parte do processo de apropriação *castilhista*, a organização incluiu um busto relativo a Benjamin Constant ao lado da urna funerária e do retrato de Bento Gonçalves, exposto à visitação no interior da Intendência Municipal de Rio Grande⁷. Por intermédio desse ato, as autoridades *republicano-castilhistas*, parte dela ligada aos apostolados *positivistas*, promoveram a associação entre o *herói* Bento Gonçalves e Benjamin Constant, este considerado um dos fundadores da República, sendo consagrado pela corrente *positivista ortodoxa* nacional comandada por Miguel Lemos e Teixeira Mendes. Para eles, Benjamin Constant havia se tornado alvo não só da veneração brasileira, mas de todas as civilizações responsáveis pela constituição da vanguarda da *Humanidade*, não sendo possível separar sua imagem da de Auguste Comte.

⁷ Devido ao seu papel de destaque na Proclamação da República, Benjamin Constant era integrante da trindade cívica que simbolizava o progresso da sociedade nacional em direção ao seu destino histórico. Esse grupo seria complementado pela figura de Tiradentes, na Inconfidência, e a de José Bonifácio na Independência (CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990: 41). Nesse caso, Benjamin Constant exercia, sobre o círculo *positivista*, uma fascinação peculiar ligada ao movimento republicano, um poder de destaque que deveria ser exposto para que a população pudesse sofrer a sua influência.

A colocação do busto referente a Benjamin Constant ao lado da urna contendo os restos mortais de Bento Gonçalves tinha a intenção de trazer à tona o pensamento de continuidade histórica à história do Brasil, ressaltando a evolução republicana ocorrida nesse país. Foram expostos, frente a frente, dois considerados *heróis* que representariam a luta e a ascensão do sistema republicano em solo nacional. Além disso, a própria doutrina *comtista* aludia que todos os *Grandes Homens*, durante sua experiência terrestre ou *objetiva*, carregavam as entidades e os ideais anteriormente propagados pelos antepassados. Ambos viriam, de acordo com a reflexão, do mesmo lugar e agiriam por meio das mesmas formas e condutas.

Particularmente, a Cidade do Rio Grande possuía uma ligação bastante interessante com a *doutrina positivista* no período que abrange o final do século XIX e início do XX. Nessa localidade, no ano de 1891, foi criado o Clube Cooperador Positivista Sul-rio-grandense por um grupo de militares, engenheiros e funcionários públicos⁸. Como função, essa agremiação oferecia o apoio à atividade de propaganda da doutrina desenvolvida desde o Rio de Janeiro pelo Apostolado Positivista do Brasil, constituindo-se em um dos únicos três núcleos de auxílio à propaganda do positivismo ortodoxo autorizados pelos diretores do Apostolado, Miguel Lemos e Teixeira Mendes⁹.

Distinto de Tiradentes, o qual recebeu uma aura bem mais pacífica, livre de características bélicas, e de Benjamin Constant, com uma representação pautada pela influência moral que exercia sobre os demais patrocinadores da Proclamação da República, Bento Gonçalves foi representado sob a égide do militarismo. Nesta, a figura guerreira foi mesclada e dominada, também, pela representação do sentimento de *liberdade* republicana. Procurou-se manipular a mentalidade do povo de modo que este pudesse se identificar com o *herói gaúcho* retratado.

⁸ Grande número trabalhava nas obras da Barra de Rio Grande.

⁹ PEZAT, Paulo. A gestão do intendente municipal Conrado Miller de Campos segundo a imprensa rio-grandina (1900-1902). In: *Imprensa, história e informação: anais do II Congresso Internacional de estudos históricos*. (Coord.) Francisco das Neves Alves. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2007: 65-66.

Alguém que teria lutado não pelo seu *status quo* militar ou econômico, mas pela liberdade do cidadão sul-rio-grandense que, no discurso, passava a significar república. Não importava, para o momento, identificar a relação histórica conflitante entre Bento Gonçalves, representado como republicano, e o município de Rio Grande, sede provincial do governo monárquico no contexto *farroupilha*. Colocou-se de lado todo o passado imperial da cidade em nome de um presente pautado na construção de uma memória fundamentalmente republicana.

O líder *farroupilha* nas mãos de um artista português

No final do ano de 1903, quando as subscrições populares já haviam alcançado um montante considerado satisfatório para o andamento da obra, advinda de cofres públicos e privados, coube à Comissão Promotora do Monumento-túmulo a Bento Gonçalves determinar o escultor responsável pela obra. A escolha do artista se constituía em peça fundamental para o sucesso de recolhimento de donativos de verbas processado junto à comunidade sul-rio-grandense.

Ratificando essa importância, tão logo a decisão sobre o escultor, a Comissão Promotora tratou de enviar, a determinadas personalidades no Rio Grande do Sul, em sua maioria com significativo poder aquisitivo, um documento que comunicava tal resolução e solicitava donativos para a obra.

A seleção do escultor se deu por meio de um concurso ao qual concorreram artistas nacionais e estrangeiros de preferência da própria comissão organizadora da obra. Solicitou-se o envio dos respectivos projetos para que pudesse ser decidido, pelos patrocinadores, qual seria o mais adequado para abrigar os restos mortais de Bento Gonçalves.

Predominou na comissão a preferência por escultores estrangeiros sendo que, dentre os cinco artistas requisitados, apenas um, Rodolpho Bernadelli, autor das estátuas de José de Alencar, Caxias e Osório, entre outras, era brasileiro. Entre os demais, um era francês, Fernando Hamar, escultor da estátua de Rochambeau na cidade de Washington; outro, o italiano Eumene Tomagnini, que esculpiu em mármore a figura de Cristóvão Colombo exposto na Guatemala; e dois portugueses, Thomas Costa, autor da estátua de D. Henrique, localizada na cidade do Porto e António Teixeira Lopes, conhecido por ter esculpido importantes monumentos, entre eles o que homenageava Affonso de Albuquerque, em Lisboa, e as portas da Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro.

Entre os participantes, o escolhido foi o português Teixeira Lopes. Tal decisão, logo após o anúncio, encontrou grande respaldo na sociedade, com destaque para a imprensa.

A escolha de um europeu para a confecção do monumento a Bento Gonçalves não se caracterizou como um impulso ocasional de seus patrocinadores. Conforme arrolado, os artistas europeus dominaram a preferência do grupo, principalmente, de Alfredo Ferreira Rodrigues que liderou grande parte das ações da comissão promotora da obra. Analisando as correspondências e as atas da Comissão Promotora, nota-se que coube, ao historiador, a responsabilidade de designar Teixeira Lopes o que, de alguma forma, elucida a sua preferência pelas questões referentes à cultura e à arte europeias tão em voga nas principais cidades brasileiras do início do século XX. Ao longo do livro de Atas da Comissão Promotora, Ferreira Rodrigues teve a oportunidade de demonstrar a sua fascinação pelo continente europeu e sua arte contemporânea, dando a entender que a competência de se alcançar o alto nível “civilizatório” estaria diametralmente ligada à presença de costumes, arquitetura, trajes e usos europeus. Nesse caso, a estatuária desempenharia o seu papel no processo modelador da sociedade.

O Monumento-túmulo do líder farroupilha entre duas praças

No final do século XIX, a Cidade do Rio Grande, contando com aproximadamente 30.000 habitantes, atravessava um momento ainda destacado no cenário econômico, político e cultural do estado. Em função da recente política colocada em prática pelo PRR, a qual estimulava desenvolvimento financeiro alicerçado nos constantes incentivos à imigração e à atividade industrial urbana em detrimento das *atividades* associadas ao campo, o município manteve um importante grau de desenvolvimento econômico com base no capital do setor industrial e das movimentações advindas do porto local.

De acordo com Martins, a relevância do município do Rio Grande para o crescimento industrial do Brasil esteve atrelada à existência de um parque industrial voltado não somente ao mercado sul-rio-grandense, mas, principalmente, para o país, incluindo grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro, e parte do exterior. Nesse caso, o município do Rio Grande entrou com seu setor portuário e industrial¹⁰ como alavanca para o crescimento da região:

Durante o que denominamos de primeira fase industrial do Rio Grande, a expansão urbana do município deu-se primeiramente

¹⁰ Dentre as fábricas que mais colaboraram com tal situação destacaram-se a Companhia União Fabril, empregando cerca de 900 operários e dona de um complexo urbano de grande presença e atuação na sociedade local, a indústria de charutos Poock & Comp. e a fábrica de conserva de alimentos Leal, Santos & Comp. Produtos. Martins assinala que a fundação da fábrica de tecidos Rheingantz como um marco inicial do processo de industrialização de Rio Grande. Paulatinamente surgiram indústrias diversas, envolvendo calçados, têxteis, alimentos em conserva, biscoitos, moinhos de farinha, entre outras (MARTINS, Solismar Fraga & PIMENTA, Margareth Afeche. Indústria e urbanidade: a constituição da cidade do Rio Grande durante a industrialização dispersa (1874-1930). In: *Anais do Seminário Internacional de Estudos Históricos: História Regional*. (Coord.) Francisco das Neves Alves. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2004: 134)

*em virtude da instalação desses complexos e trouxe consigo uma série de modificações na estrutura urbana, através de diversos tipos de moradias que começaram a formar-se em torno das fábricas. Com este, houve a necessidade de ampliação do sistema viário e do aumento no oferecimento de serviços públicos e privados. Para isso a área citadina comercial não era suficiente para abarcar tais estruturas, fazendo com que a cidade se expanda para além do limite das trincheiras, responsável pela proteção terrestre da urbe das invasões castelhanas.*¹¹

Essa denominada primeira fase industrial do Rio Grande, período que abrangeu a construção do monumento-túmulo a Bento Gonçalves, correu em paralelo à gênese da industrialização em todo o estado do Rio Grande do Sul.

A situação de desenvolvimento sócio-econômico local se constituiu numa das principais alavancas para que a municipalidade pudesse levar um projeto artístico, político e cultural à frente. Especialmente em relação à construção do monumento a Bento Gonçalves, ela colaborou tanto para a angariação dos fundos, através das sucessivas doações enviadas pelo setor comercial à comissão organizadora, como, inclusive, dando condições para que a própria população local se dispusesse a colaborar por intermédio de listas de subscrições, subsidiando os gastos referentes à obra.

A escolha do local, mesmo aparentemente sendo uma matéria pouco polêmica, constituiu-se na questão mais tumultuada da obra e, de certa forma, refletiu o momento urbanístico pelo qual estava passando a Cidade do Rio Grande. Com a ideia de erguimento do monumento em homenagem a Bento Gonçalves disseminada e aceita por amplos setores da comunidade, a atenção da comissão organizadora passou automaticamente a ser o da escolha do local onde a obra deveria ser instalada. Esse ponto de discussão repercutiu em vários domínios da sociedade, desde a classe trabalhadora, passando por clu-

¹¹ Idem: 134.

bes e chegando aos órgãos governamentais do município, provocando cisões no interior do próprio grupo dos gerenciadores do projeto.

Desde logo, a preferência da comissão organizadora se voltou para a Praça Tamandaré, que, já naquela época, constituía-se na praça de maior extensão de todo o Rio Grande do Sul. Entretanto, esse logradouro fazia parte do processo de expansão do município que, devido ao seu crescimento, necessitava se expandir através de novos alinhamentos e ocupações.



FIGURA 02 – “Vista parcial da Praça Tamandaré entre 1892 e 1900”

FONTE: Fototeca do Centro Municipal de Cultura “Inah Emil Martensen”.

Tais desacordos vieram à tona durante boa parte do ano de 1904, em pleno processo de recolhimento de verbas e quando a definição pelo local não poderia mais ser protelada. Nesse ponto, dois membros da Comissão Promotora se destacaram na polarização do debate sobre a escolha do local de instalação: o secretário Alfredo Ferreira Rodrigues e o tesoureiro, coronel Ignácio Xavier de Azambuja. O primeiro, iniciador do projeto de edificação da estátua e, conforme aludido no capítulo anterior, grande estudioso da Revolução Farroupilha, enquanto o segundo, figura importante por ter obtido a guarda dos restos mortais para Rio Grande e possuidor de laços familiares com o Bento Gonçalves da Silva.

Demonstrando pouca tolerância com uma possível troca do local onde seria instalado o monumento, o secretário da comissão, Alfredo

Ferreira Rodrigues, expôs periodicamente sua preferência pela escolha da Praça General Telles¹², aumentando a intensidade de defesa após a escolha do escultor. Como o contato com o escultor português Teixeira Lopes ficou sob sua incumbência, o rio-grandino tratou de promover, através dessa troca de correspondências entre Brasil e Portugal, uma forte influência na opinião do artista acerca dessa questão. Através de suas cartas, Ferreira Rodrigues construiu o nítido conceito de inadequação da Praça Tamandaré à arte estatutária proposta, criticando a infra-estrutura desse logradouro. Cabe ressaltar que o escultor Antônio Teixeira Lopes nunca tinha estado no Rio Grande do Sul, portanto, a opinião de Alfredo Ferreira Rodrigues devia ter um peso bastante considerável para o artista.

Diante da contenda sobre qual praça seria definitivamente a sede do monumento, Alfredo Ferreira Rodrigues publicou, no ano de 1904, uma brochura intitulada *A Estátua do General Bento Gonçalves da Silva. Onde deve ser colocada – Justificação de voto*, na qual pôde argumentar de forma mais detalhada e incisiva o seu pensamento sobre a questão.

Através de cartas enviadas ao escultor português, Alfredo Ferreira Rodrigues acentuou a descrição negativa sobre a Praça Tamandaré, caracterizando-a como um local intensamente mal iluminado, rodeado de chalés, banheiros, moinhos de vento e poços os quais só viriam a subtrair o valor da obra se ali fosse exposto o monumento.

Em contraponto a isso, Alfredo Ferreira Rodrigues descreveu para o artista uma Praça General Telles como um ambiente adequado para tal fim, qualificando-a, entre outras coisas, como o ponto mais movimentado da cidade e importante tanto no momento como no futuro de Rio

¹² Em meados do século XIX, o lugar era conhecido como Praça do Mercado ou Praça Municipal. Com a visita da princesa Isabel à Cidade do Rio Grande, passou a ser chamado de Praça Dona Isabel. Na última década do século, foi denominada General Telles em homenagem ao comandante das forças *castilhistas* da cidade de Bagé que socorreram o município quando este esteve sob ameaça de desembarque das tropas *federalistas* em 1893. A denominação atual, Praça Xavier Ferreira, proveio das comemorações do primeiro centenário (1935) de elevação da vila do Rio Grande à cidade.

Grande. Assim, o historiador pretendeu conquistar o voto de confiança do artista português através da sistemática parcialidade contida nas informações que enviava, o que, provavelmente em seu pensamento, pudesse facilitar a aceitação de seu projeto. Contudo, como ele mesmo havia previsto, o setor contrário à instalação do monumento na Praça General Telles cresceu e tomou partido na disputa.

Todo esse empenho despendido por Alfredo Ferreira Rodrigues a fim de levar o monumento-túmulo de Bento Gonçalves para a tradicional Praça General Telles surtiu um efeito momentâneo. O descarte da Praça Tamandaré como sede dos restos mortais do general, ocorrido em meados de 1904, constituiu-se numa ação de integrantes da própria comissão promotora da obra, sem levar em conta a preferência da população rio-grandina que, por intermédio das subscrições populares, sustentava as finanças do projeto. Tudo isso levou a uma série de divergências no interior e fora da comissão, despertando uma reação imediata da comunidade. Contra essa mudança de praça, circulou pela cidade uma *Representação Popular*, direcionada à Intendência e à comissão encarregada pela obra. Anexado ao documento, um abaixo-assinado ressaltava a escolha da Praça Tamandaré como tendo obtido um aplauso unânime da população que desejava, assim, a permanência de tal localidade como sede¹³.

A representação que se autodenominava como o *eco da vontade geral* do município, enfatizou a difícil e onerosa adaptação que a General Telles ainda necessitaria para abrigar a obra o que, segundo o documento, encareceria de forma desnecessária o orçamento estimado para a conclusão do projeto¹⁴. No mesmo sentido, porém não de forma pública, Alfredo Ferreira Rodrigues concordava que a mudança de local, sugerida por ele, realmente acarretaria em maiores gastos para uma

¹³ Cabe relembra, que, desde a doação dos restos-mortais do General *farroupilha* à cidade do Rio Grande, a Praça Tamandaré já havia sido escolhida e noticiada como sendo o local que iria receber o monumento, não havendo qualquer moção de mudança. Portanto, a proposta de Alfredo Ferreira Rodrigues, apresentada em 1904, trouxe certa surpresa ao processo.

¹⁴ *Representação Popular*. Rio Grande, 16/05/1904.

comissão que ainda não dispunha de condição financeira para isso, mesmo assim, continuou defendendo sua proposta.

Essa *Representação Popular* foi reflexo dessa insatisfação pelas obras públicas que teriam de acontecer caso a mudança fosse colocada em prática. Surgiu uma forte resistência contra a retirada do chafariz (FIGURA 03) existente no centro da Praça General Telles e as reformas que esse ato acarretaria. Alfredo Ferreira Rodrigues previu antecipadamente tal situação em carta endereçada a Teixeira Lopes.



FIGURA 03 – “Chafariz da Praça General Telles no início do século XX”

FONTE: Arquivo do Centro Municipal de Cultural Inah Emil Martensen.

Dentre as manifestações em favor da Praça Tamandaré, além da *Representação Popular* relatada, sobressaiu-se o membro da comissão Ignácio Xavier de Azambuja o qual, em resposta às insistentes tentativas de Alfredo Ferreira Rodrigues, exerceu uma forte influência contrária a tal ato pretendido pelo historiador. O Coronel Ignácio Xavier Azambuja, como era reconhecido, caracterizou-se por representar o outro lado da discussão sobre a questão relativa ao local. Colocou-se ao lado da vontade comunitária em geral, ou seja, pela adoção da Praça Tamandaré como sendo o lugar ideal para a edificação que sediaría os restos mortais do general *farroupilha*.

Em resposta à tentativa de Alfredo F. Rodrigues, Azambuja escreveu sua justificação de voto em defesa da manutenção da Praça Tamandaré

como sede. Nesse documento, a visão do referido membro da comissão apreendeu uma maior atenção ao crescimento que a Cidade do Rio Grande estava atravessando no início do século, contrastando com o pensamento proposto por Ferreira Rodrigues que se centrava, principalmente, no passado histórico do Rio Grande. Nesse mesmo sentido, Azambuja defendia-se daqueles que viam a Praça Tamandaré como muito mal iluminada, ressaltando sua certeza de que a luz elétrica logo seria estendida ao local, o que realmente acabou se concretizando poucos anos após esse debate.

Essa diferença de abordagens e visões responsáveis pela polarização das ações no seio da própria comissão organizadora do monumento serviu para esclarecer alguns contrastes entre o campo de influência exercido por Alfredo Ferreira Rodrigues e o de Ignácio Xavier de Azambuja. De acordo com a perspectiva de que dentro da disputa para a imposição legítima os agentes detêm um poder proporcional ao seu capital simbólico, ou seja, ao reconhecimento que recebem do grupo, Ferreira Rodrigues apareceu como detentor de uma parcela significativa dessa ação¹⁵. Como reconhecido historiador e intelectual, detinha um discurso bastante valorizado na intelectualidade sul-rio-grandense, sendo que foi desse setor que saiu o maior apoio público ao seu propósito. Assim, o *Echo do Sul* expôs uma longa defesa redigida pelo, também intelectual, Mário de Artagão. No entanto, mesmo atribuindo a responsabilidade de escolha ao iniciador da obra, Mário de Artagão também não deixou de demonstrar a sua preferência a qual coincidia com a praça e o local escolhido por Alfredo Ferreira Rodrigues. Ademais, o monarquismo de Mário Artagão ainda se constituía em característica bastante latente em seu discurso, chegando ao ponto do autor não adotar as nomenclaturas que as praças e as ruas do Rio Grande ganharam após a Proclamação da República. Nesse caso, ao invés de General Telles o autor a chamava de Praça D. Isabel. Já a rua Marechal Floriano retomava seu antigo nome: Pedro II. A mudança

¹⁵ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996: 82.

do Brasil para o regime republicano não influenciou o intelectual a acompanhar essa nova estrutura política. Mesmo após 1889, Mário de Artagão manteve seu discurso em defesa da monarquia.

Por esse fato simbólico, não fica difícil compreender o descaso do monarquista Mário Artagão para com essa obra ao pregar sua remoção para a Praça Tamandaré.

Nitidamente se percebe que o escritor atribuíu a Alfredo Ferreira Rodrigues todo o processo que levou ao erguimento do monumento em homenagem a Bento Gonçalves de Silva. Em nenhum momento, ao longo de dois longos artigos escritos em defesa do historiador o autor divide o cometimento com outros membros da Comissão Promotora.

Com o apoio de boa parcela da população rio-grandina, a proposta de manter o monumento de Bento Gonçalves na Praça Tamandaré demonstrou ser mais forte a ponto de reprimir e vencer a pretensão de Alfredo Ferreira Rodrigues e seus apoiadores. No entanto, toda essa celeuma serviu para aumentar o descontentamento do historiador e secretário da comissão promotora que, ao perceber sua proposta deixada de lado, afastou-se da comissão em agosto de 1904. Sua contrariedade com os rumos tomados pelo grupo de patrocinadores, do qual ele fazia parte, foi nitidamente explícita poucos dias antes de sua saída. Ferreira Rodrigues propôs, à comissão, uma consciente comparação dos locais a fim de avaliar onde teria mais realce a estátua, mesmo com orçamento e instalação semelhantes.

Toda a sua tentativa de arregimentar pessoas para a defesa de sua proposta parece não ter alcançado maior resultado nos setores populares e no poder público municipal. Prevaleceu a ideia de Ignácio Azambuja, que encontrara sua base de apoio dentro da própria população da cidade representada pelo abaixo-assinado. Em sua *Justificação de Voto*, Ignácio Xavier de Azambuja, já alegava que o povo teria correspondido ao “*apelo patriótico*” baseado na ideia, tornada pública ainda em 1900, de que a estátua de Bento Gonçalves seria erguida na Praça Tamandaré.

Diferente da visão urbana de Azambuja, o historiador Ferreira Rodrigues assentou suas ideias no passado da cidade. Defendeu a conservação de uma velha concepção de espaço e buscou construir o Monumento a Bento Gonçalves em um espaço intimamente ligado às próprias tradições do Rio Grande e de suas elites que, durante a maior parte do século XIX, encontraram na Praça General Telles um local preferido para seus passeios.

Com a assegurada escolha da Praça Tamandaré como o local onde seria colocado o monumento, o historiador Alfredo Ferreira Rodrigues, em sua renúncia, alegou motivos de ordem superior para seu afastamento. Todavia, ele próprio não disfarçou o seu sentimento de frustração perante os fatos que o levaram a tal decisão em artigo publicado no dia 16 de novembro de 1906, no periódico *Echo do Sul*.

No documento que continha o seu desligamento, também foi exposto um balanço do saldo arrecadado em dinheiro das doações e subvenções ocorridas enquanto ainda membro da comissão. Desse modo, buscou de toda maneira se eximir de qualquer responsabilidade do que poderia vir a ser cobrado, declarando que não seria sua culpa a não existência, “*nesta ou naquela*” praça, pouco importaria o local, de uma “*estátua do guerreiro farroupilha*” (*Echo do Sul*, 13/11/1906. A estátua de Bento Gonçalves – o dinheiro da subscrição. p. 1).

Já na carta que noticiou o seu desligamento ao escultor português Teixeira Lopes, Alfredo Ferreira Rodrigues argumentou sua decisão: “*porque não devo continuar a trabalhar para o falseamento de um ideal elevado e nobre*” (*Echo do Sul*, 17/11/1906. A estátua de Bento Gonçalves. Carta a Teixeira Lopes. p. 1). Tal censura de Alfredo Ferreira Rodrigues pode ser entendida como uma denúncia de apropriação, por parte do setor *castilhistas*, sobre o monumento a Bento Gonçalves. Além da conturbada polêmica entre o historiador e o único filho do General, ainda vivo no início do século XX, gerada pela imputação de monarquismo à figura do líder *farroupilha*, o historiador nutria aberta simpatia pelo antigo regime.

Ao longo do século XIX, percebe-se que o desenvolvimento da Praça General Telles sempre esteve ligado à preocupação que as autoridades governamentais tinham em proporcionar, à população, uma zona própria para os passeios nos fins de semana. Esse logradouro público simbolizava, sobre alguns aspectos, parte do crescimento econômico e urbano da cidade durante o Império. Com a Proclamação da República e o crescimento urbano-industrial a cidade reiniciou um novo avanço em diferentes zonas do município, principalmente, em direção às ruas próximas à Praça Tamandaré que proporcionavam novas formas e espaços para a incorporação de sua população em crescimento.

O desejo de Ferreira Rodrigues em não ter o monumento a Bento Gonçalves instalado na Praça Tamandaré pode ter fundamento no próprio passado desse lugar. Diferentemente da Praça General Telles, a Tamandaré, ao longo do século XIX, fez parte de uma região menos “*chic*” do município. O seu terreno e arredores não participavam da imagem de tradição e desenvolvimento que a Cidade do Rio Grande atribuía à zona portuária próxima à Praça General Telles, circundada por um complexo de prédios administrativos, culturais e religiosos. Segundo Monteiro, naquela localidade existiam lagos e poços nos quais se lavavam roupas e se enchiam pipas para a posterior venda pública do líquido e era, neste local, que os escravos retiravam a água potável para o abastecimento da casa de seus senhores. Fundamentalmente, na primeira metade do século XIX, a localidade era conhecida pelo nome de *Geribanda* que, de acordo com uma enciclopédia portuguesa, quer expressar *descompostura, admoestações violentas*. Na hipótese de Monteiro, a condição do local poderia gerar sérias disputas pela água, o que explicaria o uso dessa denominação ao lugar¹⁶.

¹⁶ MONTEIRO, Antenor Oliveira. *Rebuscos. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, s/d. Recortes de Jornais* (Biblioteca Rio-Grandense): 09-10.

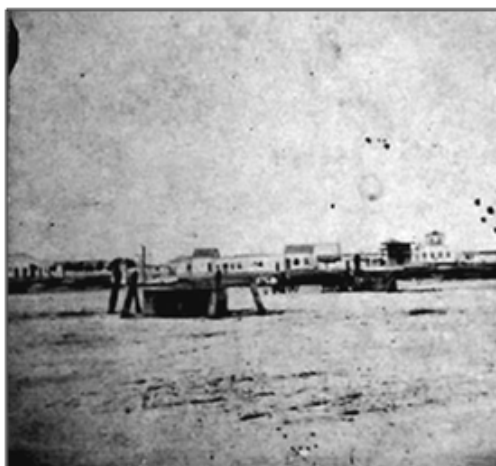


FIGURA 04 – “Vista parcial da Praça Geribanda na década de 1880”
Com destaque nos antigos poços onde os escravos retiravam a água.
Ao fundo a rua General Neto.

FONTE: Fototeca do Centro Municipal de Cultura “Inah Emil Martensen”.

A participação da sociedade sul-rio-grandense

Pouco depois da formação da comissão responsável pela organização da obra, mais precisamente no ano de 1901, foi lançada a campanha que visava a arrecadação de uma quantia capaz de cobrir a maior parte dos gastos da obra. Para isso, buscou-se a colaboração de diferentes associações e agremiações, de Rio Grande e no Rio Grande do Sul, através do envio de uma circular, solicitando que as entidades realizassem festas e atividades quaisquer em prol da angariação de verbas para a Comissão Promotora do Monumento a Bento Gonçalves¹⁷.

¹⁷ Um exemplo das primeiras movimentações em torno da causa foi o Club de Regatas, da Cidade do Rio Grande, o qual, chamado a participar do processo no ano de 1901, teve sua diretoria a decisão de destinar os lucros da festa esportiva que seria realizada no dia 15 de novembro em comemoração ao 12º aniversário da Proclamação da República Brasileira.

Levando em conta a localidade dos estabelecimentos, percebe-se a especial atenção direcionada à zona da campanha sul-rio-grandense, lugar que, historicamente, apresentou profunda ligação com a Revolução Farroupilha e suas reivindicações. Região de onde saíram as principais lideranças¹⁸ e palco central desse conflito. Cabe lembrar que somente pouco mais de cinco décadas haviam se passado entre o encerramento da revolução e a passagem das listas de subscrição na respectiva área, levando a crer que, muito provavelmente, o conflito ainda estaria marcadamente presente na *memória* da população da campanha.

Por outro lado, o vizinho Uruguai apareceu como o único outro país a figurar na lista de recebimentos de donativos para a construção da obra. No passado *farroupilha*, a capital daquela nação cumpriu uma importante função econômica¹⁹.

¹⁸ Muitos deles, estancieiros e charqueadores inconformados com a política imperial que não protegia seus produtos frente à concorrência dos países vizinhos do Prata. Refletindo a importância da região da campanha para o movimento *farroupilha*, dessa área saíram as capitais da República Rio-Grandense, proclamada em 1836: Piratini, Caçapava do Sul e Alegrete.

¹⁹ Permanecendo a região portuária representada por Rio Grande, São José do Norte, Pelotas e Porto Alegre, nas mãos do governo imperial, os revolucionários sul-rio-grandenses foram obrigados a buscar novas vias para o escoamento da sua produção estancieira. Nesse caso, a cidade de Montevidéu se tornou a principal praça para as mercadorias, como o couro, gado e charque. Em contrapartida, dessa capital eram importados alguns produtos para o abastecimento do exército *farroupilha*, principalmente, vestuário e armamento (GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. A República Rio-Grandense e a Praça de Montevidéu. In: *Histórias regionais do Cone Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003: 147-157). Já no período demarcado pela construção do monumento e, mais especificamente, pela distribuição das listas, o estado do Rio Grande do Sul, representado pela administração *castilhistas*, mantinha uma relação política intensa com o governo uruguaio, através da estruturação de uma diplomacia bastante personalista e interessada naquele país, adaptando-se de acordo com os interesses do momento (RECKZIEGEL, Ana Luiza G. S. *A diplomacia marginal: vinculações políticas entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai (1893-1904)*. Passo Fundo: UPF Editora, 1999: 265-266).

Apesar dessas primeiras movimentações, uma campanha de forma mais ostensiva ocorreu dois anos após, por intermédio de uma intensa distribuição de circulares contendo listas de subscrição que atingiram a parcela significativa das cidades do Rio Grande do Sul. Dessa forma, ficava evidente a intenção de se atribuir, à referida obra estatutária, uma conotação estreitamente vinculada com uma *memória* de cunho regionalista. Essas correspondências trouxeram uma numeração superior a mil unidades, foram colocadas a cargo de Intendências, clubes, associações ou pessoas destacadas nas várias comunidades sul-rio-grandenses. As listas possuíam, com exceção a da chamada *livre*, um valor mínimo estipulado para cada doação, de acordo com a quantia impressa no carimbo vermelho localizado no canto superior esquerdo da folha. Desse modo, circularam pelas cidades listas de um, dois, três, cinco, 10, 20 e 50 mil réis, este último com a particularidade de ser o valor mais raramente distribuído dentre a população.

As primeiras circulares foram endereçadas às Intendências Municipais do Estado para que, com o determinado tempo, fossem avaliadas e votadas em seus respectivos orçamentos uma quantia de doação destinada à obra. Contudo, muitos governos municipais devolveram tais listas desacompanhadas de qualquer donativo, alegando falta de verbas. Essa prática não foi exclusiva de administrações municipais sendo repetida, em muitos momentos, por determinadas sociedades, clubes ou associações.

De forma geral não excluíram qualquer setor, seja ele pertencente ao empresariado ou às classes populares. Apelaram para o sentimento identitário regionalista em processo de construção no imaginário da população sul-rio-grandense, sempre enfatizando que para se completar a quantia em que o monumento estava orçado, seria necessário o auxílio de todos que amassem o Rio Grande do Sul, sem distinção de partidos e de nacionalidades.

Mesmo com algumas negativas de entidades e de clubes, os pedidos de contribuições enviadas às diversas sociedades recreativas, culturais ou esportivas, tornaram-se um respeitável instrumento de arrecada-

dação e difusão do projeto de construção do monumento na cidade de Rio Grande. Tais instituições, além de fomentarem o interesse popular pelo processo emprestaram, freqüentemente, suas instalações para a promoção de atividades como forma de arrecadação, uma prática, segundo Bittencourt, comum desde meados do século XIX, quando várias associações promoviam eventos sociais de caráter filantrópico²⁰.

Outro setor que contribuiu de modo mais efetivo para a edificação da homenagem a Bento Gonçalves, foi o das lojas maçônicas. De acordo com as características verificadas no processo e com a intenção da Comissão Promotora da obra, as doações das inúmeras lojas não se limitaram ao município rio-grandino. Promoveram um intercâmbio entre as diversas localidades, repassando as verbas para a Loja Maçônica Acácia Rio-Grandense, localizada na Cidade do Rio Grande que, por sua vez, designava-as à comissão promotora da obra²¹.

O decênio de lutas iniciado em 1835 significava para a zona da *Campanha* o período de formação de sua própria identidade que, de acordo com sua origem histórica, cultural e econômica, apresentava aspectos próximos aos encontrados no *gaúcho* tipificado nos discursos da intelectualidade sul-rio-grandense ao longo do século XIX. Por isso, cidades como Bagé, Jaguarão e Alegrete, sentiam-se comprometidas com a causa inaugurada em Rio Grande. Existia a intensa ideia de pertencimento ao grupo representado pela geração de 1835 e, por isso, através de sua participação no projeto, essas comunidades estariam

²⁰ BITTENCOURT, Ezio. *Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades & cultura no Brasil Meridional*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2001: 91.

²¹ Esse entusiasmo dos maçons para com o monumento encontra sua explicação na própria relação histórica entre a maçonaria e o general *farroupilha*. Bento Gonçalves teria obtido, na década de 1830, o 18º Grau Maçônico e o posto de Venerável – Mestre da Primeira Loja Maçônica regular do Rio Grande do Sul. Além dessa vinculação pessoal com o homenageado, a própria maçonaria também manteve estreita ligação com os ideais políticos propagados no decênio *farroupilha*. Seus “ideais de liberdade, igualdade e fraternidade foram importantíssimos na divulgação, fomentação e adesão às idéias liberais”, mantendo, assim, forte influência sobre a elite *farroupilha*. (PADOIN, Maria Medianeira. *Federalismo gaúcho: fronteira platina, directo e revolução*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001: 129)

homenageando as suas próprias virtudes herdadas de um passado que, para a população dessa região, seria heroico e digno de ser perpetuado. A construção dessa *memória farroupilha* ganhava importância devido à intenção que se tinha de reconstruir, para a área e para o restante do Estado, uma imagem identitária coerente com a memória da Revolução Farroupilha que ainda permanecia no imaginário de sua população.

Simultaneamente às sucessivas distribuições das listas de subscrições para os diferentes municípios do Rio Grande do Sul, a comissão organizadora também as enviou para inúmeros indivíduos influentes tanto em Rio Grande como em cidades no restante do estado e do país. A responsabilidade de arrecadação poderia ser delegada tanto a uma personalidade como a um seleto grupo sendo que, boa parte dos escolhidos, detinha altos cargos civis, militares ou, ainda, pertencia ao grupo social de maior poder aquisitivo dentro da sociedade sul-rio-grandense²².

Com a subscrição popular realizada pelos integrantes da comissão, a edificação do monumento adotou uma característica diferente da maioria das obras construídas no Estado. Apesar do cofre da administração municipal participar das doações e dos respectivos gastos para com a adequação do local de assentamento, a população pôde participar mais abertamente do processo por intermédio dos vários eventos agenciados pelos clubes aos quais pertenciam, associações populares ou elitistas, sem distinção de classes. O apelo protagonizado pela comissão promotora visou à criação de espírito de corpo capaz de congregar todas as divisões sociais sul-rio-grandenses.

No momento posterior à definição do escultor, a Comissão Promotora do Monumento elaborou um novo documento solicitando a participação da sociedade *gaúcha*. Nesse ofício, estava presente uma breve descrição das alegorias propostas para o monumento, aparecendo, então, uma nova concepção sobre a obra²³ que incluía, além da

²² Dentre as figuras que receberam tal encargo, destacou-se um futuro ícone da política nacional: Getúlio Vargas.

²³ O projeto inicial constava unicamente a alegoria de Bento Gonçalves da Silva.

estátua de Bento Gonçalves da Silva, medalhões figurativos de General Netto, David Canabarro e Giuseppe Garibaldi. Com o acréscimo dessas imagens, pretendiam representar: a *Proclamação da República Rio-Grandense*, decretada em 11 de Setembro de 1836 por General Netto; a *Expedição à Laguna*, liderada por David Canabarro, destacando a passagem por terra, em carretas, dos “lanchões” de Garibaldi.

Por outro lado, com o afastamento de Alfredo Ferreira Rodrigues da comissão promotora, o relacionamento entre os organizadores do monumento e seu escultor passou por alguns desentendimentos. Acusações de irresponsabilidade pela demora da entrega da estátua ao Rio Grande freqüentemente foram trocadas.

De acordo com o contrato firmado entre a comissão promotora e o escultor, estava estipulado que a obra seria entregue em março de 1905²⁴, entretanto tal prazo atrasou consideravelmente, sendo concluído apenas em meados do ano de 1909. Essa demora provocou descontentamento e suspeita em parte da população rio-grandina. Na edição do dia 5 de novembro de 1906, na *Seção Livre* do jornal *Echo do Sul* foi publicado um protesto que expôs a situação constrangedora pela qual atravessavam os promotores:

Que é da Estátua?

Não se falando, há muito, sobre o pé em que está a projetada estátua ao general Bento Gonçalves, pergunta-se ao sr. Alfredo Ferreira Rodrigues, o que é feito da mesma, ou, pelo menos, do rico pobre dos subscritores.

É uma pergunta inocente, que, no entanto, bem respondida, virá trazer a tranqüilidade a muitos espíritos.

Alguns signatários (*Echo do Sul*, 05/11/1906. Que é da estátua? p. 3).

Apesar de não fazer mais parte da comissão, Alfredo Ferreira Rodrigues se demonstrou irritado respondendo à indagação, no dia 13

²⁴ De acordo com o quarto artigo do contrato entre a *comissão promotora* do monumento e Antonio Teixeira Lopes assinado no dia 10 de maio de 1904.

de novembro do mesmo ano, publicada nas páginas do *Echo do Sul*. Mostrou-se contrariado com o que chamou de *provocação anônima* e, por isso, segundo ele, só se responderia com desprezo. Durante quatro dias consecutivos, publicou no *Echo do Sul* um balanço, trazendo todos os valores financeiros e o seu trabalho na comissão organizadora, afirmando ter deixado o grupo aparelhado de recursos mais que suficientes e, por causa disso, pôde honestamente se desligar dela e da solidariedade presente nesses compromissos.

Apesar de Ferreira Rodrigues ter enfatizado que a comissão já dispusesse da quantia suficiente para a concretização do monumento, faltando apenas o que caracterizou de um pouco de boa vontade e de trabalho, a falta de verbas e as divergências de ideias fluíram entre o escultor, Teixeira Lopes, e a comissão organizadora logo após o seu afastamento. O acréscimo de um ornamento representando dois leões²⁵ encareceu ainda mais o preço final da obra, enquanto, paralelo a isso, incidia uma queda acentuada na arrecadação provinda das subscrições populares e de órgãos públicos, além da desmobilização da sociedade em torno do processo que, no momento, submergia pelas sucessivas quedas das doações.

Passado um ano do prazo de entrega do monumento, a comissão enviou um telegrama aos seus procuradores radicados em Portugal, censurando a demora de Teixeira Lopes em finalizar a estátua. A data escolhida para a mensagem foi exatamente no dia alusivo às comemorações de aniversário da Revolução Farroupilha: “*Data que o monumento Bento Gonçalves comemorará vimos vosso intermédio protestar perante estatuário falta compromissos assumidos. (Ass). Comissão. Rio Grande, 20 Setembro de 1906.*” (*Relatório Municipal do Intendente Juvenal Octaviano Miller, 04/09/1905*). Percebe-se, nessa ocasião, a presença de Juvenal Miller na presidência da comissão, posição por ele

²⁵ Alfredo Ferreira Rodrigues demonstrou ser o membro da Comissão Promotora que mais simpatia tinha para com a alegoria dos leões, encomendada em meio ao processo. Com o acréscimo dessa figura, pensava que o conjunto ganhava muito em beleza e significado, sintetizando historicamente todo o combate de 1835.

assumida no final de 1906. Somente no ano seguinte à sua entrada, a conciliação entre os promotores e o escultor começou a tomar rumo.

A materialização do monumento de Bento Gonçalves

Após uma série de celeumas entre os envolvidos na obra, o processo de elevação do monumento-túmulo do General Bento Gonçalves foi chegando ao seu final. A cada *20 de Setembro* eram realizadas festividades, visando a arrecadação até à sua definitiva inauguração, no ano de 1909. Durante o desenrolar das questões relativas à obra esse logradouro passou por uma importante e acelerada modernização na sua infra-estrutura, passando a atrair cada vez maior número de visitantes nos finais de semana.

Com todas as polêmicas e desacordos ocorridos nas relações entre a comissão e o escultor, somente passados nove anos de trabalho a comissão organizadora pôde concretizar, no dia 20 de setembro de 1909, a inauguração do monumento-túmulo a Bento Gonçalves da Silva. Enquanto a estátua e seu conjunto estavam sendo transportados para o município do Rio Grande, a bordo do transatlântico alemão Santa Catharina, a data inicialmente escolhida para as festividades de inauguração do monumento foi a de 11 de junho, dia que simbolizava a Batalha do Riachuelo. Esse dia recordava um dos *heróis* nacionais, o Marquês de Tamandaré, rio-grandino o qual emprestava seu nome à praça escolhida para ser sede do monumento.

De acordo com os documentos referentes à época da inauguração do monumento, subentende-se que a dificuldade ocorrida na liberação da obra pela alfândega rio-grandina eliminou qualquer condição para a realização do assentamento da obra na data inicialmente prevista. Estava sob a dependência da aceitação do pedido de isenção de impostos alfandegários, requerido pela comissão promotora junto ao Ministério da Fazenda.

No mês de maio, com a obra já expedida de Portugal rumo à Cidade do Rio Grande, houve a intenção de se realizar a inauguração no dia 14 de julho, data em que o país comemorava um feriado em homenagem à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, proclamada na França revolucionária em 1789. Entretanto, outro fato que pesou bastante para a Comissão Promotora do Monumento, que tinha o *castilhista* Juvenal Miller no comando, foi a associação da data, 14 de Julho, com o aniversário da Constituição Política do Rio Grande do Sul elaborada por Júlio de Castilhos.

Logo após a notícia de isenção de impostos expedida por intermédio de um telegrama, do então Governador do Estado Borges de Medeiros, endereçado à comissão organizadora, ocorreu o assentamento da estátua no dia 2 de junho, ficando os seus arredores proibidos para a circulação pública. Contudo, novamente a inauguração do monumento sofreu uma mudança de data devido às celebrações das exéquias de Affonso Augusto Penna²⁶.

Devido às várias transferências das festividades, a data de 20 de Setembro se tornou a ideal para a inauguração da obra. Certamente a data alusiva ao começo da revolta sul-rio-grandense pesou muito na decisão do novo adiamento, pois, a imagem construída acerca desse dia simbolizava melhor o ideário pretendido com o monumento-túmulo ao *herói*. Enquanto que, para intelectuais não *republicanistas* como Alfredo Ferreira Rodrigues, a Revolução Farroupilha e o *20 de Setembro* significavam o tempo épico do povo *gaúcho*, para os republicanos *castilhistas* elas representariam o próprio regime pelo qual eles tanto lutaram, constituindo-se, para alguns desses, no “14 de Julho” sul-rio-grandense.

As festividades mobilizaram boa parte da população rio-grandina que, por sua vez, embandeiraram e enfeitaram suas residências e casas

²⁶ Presidente da República do Brasil de 15 de novembro de 1906 até 14 de junho de 1909, quando faleceu. Além desse acontecimento, o filho de Bento Gonçalves, Joaquim, também solicitou o adiamento à Comissão Promotora alegando problemas de saúde.

de comércio com as cores da bandeira sul-rio-grandense. Segundo o *Echo do Sul*, mesmo com o falecimento do Intendente e presidente da comissão Juvenal Miller²⁷, a inauguração da estátua constituiu-se numa festa bastante imponente, solene e ainda inédita em Rio Grande, relembrando o nosso passado e nossa glória que, supostamente, teria sido colocada de lado junto com a própria história.



FIGURA 05 – “Cerimônia de inauguração do monumento a Bento Gonçalves (20/09/1909)”

FONTE: Arquivo Fotográfico Biblioteca Rio-Grandense.

As representações no bronze

Ainda nos primeiros anos de contato entre a Comissão Promotora e Teixeira Lopes, o artista havia enviado para Rio Grande um esboço do que seria a sua ideia para o monumento. Nele estava presente, além da palma e da coroa de louros, um barrete frígio ou gorro. Tal alegoria tornara, com a Proclamação da República na França, em 1792, um dos símbolos do regime, vinculando-se à figura feminina que, nesse caso, passou a simbolizar a República. Segundo Carvalho, o barrete frígio já

²⁷ Juvenal Octaviano Miller faleceu no dia 09/09/1909 na cidade do Rio de Janeiro, pouco mais de uma semana antes da inauguração do monumento em Rio Grande.

aparecia na Roma antiga, quando no “*primeiro selo da República trazia a efígie de uma mulher de pé, vestida à moda romana, segurando na mão direita uma lança, de cuja ponta pendia um barrete frígio*”, este identificaria “*os libertos na antiga Roma*”²⁸.

Mais tarde, com a instauração do regime republicano no país, muitos artistas brasileiros também vieram a adotá-lo na maioria das figuras que representaram a República do Brasil. Todavia, a utilização deste símbolo pelo português Teixeira Lopes foi desestimulada por Alfredo Ferreira Rodrigues, provavelmente, pelo caráter monarquista que este estudioso atribuía ao General *farroupilha* como, do mesmo modo, pela sua concepção mais individualista que a obra deveria ter como fundamento. O historiador não buscava através desta obra representar uma imagem essencialmente republicana. Sua leitura sobre os acontecimentos de 1835 diferia da proposta dos políticos *castilhistas*.

As dificuldades em retratar as características físicas e, principalmente, a farda de Bento Gonçalves, permearam muitos dos contatos feitos entre os patrocinadores e o construtor da obra. Segundo Alfredo Ferreira Rodrigues existia apenas um retrato do homenageado e deste teriam de ser tiradas todas as ideias para a reconstituição da roupa. Mesmo assim, as características que foram expostas na reconstituição do fardamento esculpido pelo artista não sofreram maiores críticas ou repercussões após a inauguração da obra.

Os insuficientes recursos arrecadados fizeram com que a comissão solicitasse ao escultor algumas mudanças no conjunto do monumento. O grupo dos leões, (FIGURA 06) alegoria que encareceu, consideravelmente, o preço total da obra²⁹, no pensamento de Teixeira Lopes contribuía para aumentar a grandeza do conjunto.

²⁸ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990: 75.

²⁹ No primitivo contrato a figura dos leões não estava presente. Provavelmente a ideia de acrescentá-la ao conjunto partiu do próprio escultor. A confirmação do alto preço desta alegoria que, segundo Teixeira Lopes, tinha uma fundição trabalhosa, apareceu no valor final. Ela custou aos cofres da comissão mais de 50% do total da obra.

Embora se constituindo numa das principais peças do conjunto, os membros que ainda compunham a Comissão Promotora pouco tempo após a saída de Alfredo Ferreira Rodrigues tentaram dispensar a sua execução, alegando o seu alto orçamento. Fato que irritou o artista português. Procurando convencer a Comissão Promotora para rever sua posição, o artista propôs uma grande redução no valor da alegoria o que veio a ocorrer com a posse do novo presidente e Intendente do município, Juvenal Octaviano Miller³⁰.



FIGURA 06 – “Alegoria dos Leões do Monumento a Bento Gonçalves”

Peça simbolizando a luta entre republicanos e monarquistas.

FONTE: Arquivo pessoal do autor.

No entanto, outro fator pode ter colaborado para a tentativa de exclusão dessa alegoria: o discurso contido nessa imagem. Com esse ornamento, o artista buscou transmitir ao público uma figurativa representação da Revolução Farroupilha na qual um dos leões em posição inferior, segundo Teixeira Lopes, inteiramente deitado ou *derrubado pelo mais forte levanta-se*, encarando o opositor em *atitude serena, mas ameaçadora*³¹, estaria representando a República Rio-Grandense. Em

³⁰ Além dessa exclusão, os organizadores tentaram trocar os medalhões alusivos a Garibaldi, Canabarro e Netto por baixos-relevos como medida para conter os gastos.

³¹ Carta de Teixeira Lopes à comissão, 01/08/1904 – *Coleção de documentos, listas de subscrições e atas pertencentes à comissão promotora*.

posição superior ao republicano, o outro animal representaria a monarquia brasileira, sobrepondo-se ao leão e ao governo *farroupilha* instaurado a partir de 1836. Esse ornamento seria uma imagem que refletiria a *paz honrosa* que marcou o fim do movimento. Mesmo caído perante o antigo regime, o *leão republicano* mantém uma postura flexionada para um contra-ataque. Essa atitude do *leão republicano* estaria simbolizando a definitiva conquista advinda da implantação da República no território nacional em 1889.

Manter uma figura que trazia a imagem de um sistema monárquico imponente, sobrepondo-se ao republicanismo não seria a ideal representação desejada pelos republicanos *castilhistas*, sem contar o controverso debate sobre qual grupo teria sido o real vencedor da *Revolução Farroupilha*. Enquanto para alguns escritores da época a *paz honrosa* teria se constituído numa vitória para os *revolucionários* e que, por isso, deveria ser comemorada, para outros representava um acontecimento quase insignificante no âmbito geral da revolução, preferindo-se mantê-la sob certo esquecimento. Esse fato estaria bem longe de ser uma vitória dos *farroupilhas*.

Simbolicamente, a representação sobre este animal está imbuída das qualidades e dos defeitos inerentes a sua categoria. Se o leão é a própria encarnação do poder, da sabedoria, da justiça, por outro lado, o excesso de orgulho e confiança em si mesmo faz dele o símbolo do pai, mestre, soberano que, ofuscado pelo poder, cego pela própria luz, torna-se um tirano, crendo-se protetor. Pode ser, portanto, admirável, bem como insuportável. Entre esses dois pólos oscilariam suas numerosas acepções simbólicas³². Disso, depreende-se a utilização deste animal, tanto para a representação da monarquia, como para a república. A figura dos leões como representação atribuída ao General Bento Gonçalves se constituiu em prática freqüente na divulgação das ideias sobre a Revolução Farroupilha.

³² CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001: 538.

Outras mudanças solicitadas pela comissão, quando não contava mais com a presença de Alfredo Ferreira Rodrigues, contrariaram o escultor português. Como exemplo, a expressão facial que Bento Gonçalves teria em sua estátua não agradou à comissão promotora (FIGURA 07). A amplitude do mito construído sobre o general impedia imagens que pudessem atribuir características mais humanas à sua estátua. A *humanização* levava à associação com a imperfeição, algo que iria de encontro ao conceito de herói.



FIGURA 07 – “Capa da publicação Arte, da cidade portuguesa do Porto, abril de 1905”

No detalhe a estátua de Bento Gonçalves, ainda sem a cobertura de bronze, ilustrando a atenção dada ao artista e à sua obra em Portugal.

Uma mudança significativa de intenções fez sentir-se com a entrada do *castilhist*a, de tendência *positivista*, Juvenal Miller na comissão organizadora do monumento. Propôs ao escultor a colocação das datas *20 de Setembro – 15 de Novembro* logo abaixo à figura dos *leões* sob o intuito de representar a “continuidade histórica”.

Após a inauguração da obra, percebe-se que a modificação solicitada pelo Intendente foi atendida por Teixeira Lopes, ficando materializado o pensamento *evolucionista* e *processual* da doutrina de Auguste Comte e a franca tentativa de sua apropriação pelos seguidores republicanos na cidade de Rio Grande.

Os republicanos *castilhistas* insistiram, ao longo de quase uma década que levou à maturação e concretização do monumento, na utilização do simbolismo que terminou por ser retratado na obra. A presença de políticos vinculados ao PRR foi intensa tanto no seio da comissão promotora como na movimentação e no auxílio da sociedade em diversas questões referentes à edificação da estátua. Entre os já destacados Juvenal Miller e Ignácio Xavier Azambuja, participaram das ações Trajano Lopes, Rosalvo Azevedo, estes membros da comissão central do partido, Eduardo Alt e, podendo ser considerado como um dos mais influentes e ativos no grupo promotor da obra, Virgilino José da Porciuncula Júnior. Considerando isso, percebe-se que Alfredo Ferreira Rodrigues constituiu-se numa das poucas personalidades sem ligação com o movimento republicano o que, muito certamente, colaborou para a série de colisões entre este e a comissão promotora do monumento, até o seu desligamento da mesma. Recordando que o historiador Ferreira Rodrigues não concordava com a caracterização republicana imposta à imagem do General Bento Gonçalves que, para ele, possuía fortes convicções monarquistas.



FIGURA 08 - “Medalhão representando Giuseppe Garibaldi”

FONTE: Arquivo pessoal do autor.

Nas faces laterais do monumento-túmulo foram colocados, após sucessivas modificações, dois medalhões representando líderes da Revolução Farroupilha. No lugar onde estaria uma figura alusiva ao *farroupilha* Canabarro, ao lado esquerdo do monumento, decidiu-se colocar outra que retrataria o italiano Giuseppe Garibaldi (FIGURA 08). A forte presença da comunidade italiana radicada na Cidade do Rio Grande contribuiu em muito para a colocação da figura em homenagem ao personagem Garibaldi. Ao longo das festividades referentes ao assentamento da *pedra fundamental*, das quermesses e das angariações dos fundos para a construção do monumento-túmulo a Bento Gonçalves da Silva, as diversas sociedades e setores italianos marcaram presença nos atos. Colaborou para o fato a freqüente associação entre a Revolução Farroupilha e a data de unificação da Itália, pois ambas são comemoradas no dia 20 de Setembro. Por isso, muitas vezes, dividiram as mesmas praças para as celebrações, praticando homenagens comuns às duas datas.

Já no lado direito, um medalhão retrata o rio-grandino General Antônio de Souza Netto que, em 11 de setembro de 1836 na região de Bagé, proclamou a República Rio-Grandense após a obtenção de uma vitória contra as tropas *imperiais* em território próximo ao Uruguai (FIGURA 09). Esse oficial nasceu no Povo Novo, atualmente distrito da cidade de Rio Grande, em 25 de maio de 1803. Pela ligação do personagem com o município onde será erguido o monumento e seu papel na Proclamação da República Rio-Grandense, a comissão preferiu a colocação de seu busto em lugar de outros farroupilhas, como pretendiam anteriormente. Na hora de retratar o General Netto para o escultor, a Comissão Promotora se deparou com um problema: não possuía imagem na qual o *herói* figurasse fardado. A solução foi sugerir que Teixeira Lopes se inspirasse na farda de Bento Gonçalves.



FIGURA 09 – “Medalhão representando General Netto”
FONTE: Arquivo pessoal do autor.

Na parte posterior do pedestal do monumento-túmulo, estão presentes outras duas alegorias: as *palmas* e os *louros*. A primeira simbolizando a vitória, a ascensão, a regenerescência e a imortalidade³³, todas elas características associadas constantemente a Bento Gonçalves. A vitória republicana atribuída ao general, mesmo que ocorrendo décadas após a sua luta, somente em 1889, teria tido muito do seu esforço e luta empreendido no decênio *farroupilha*, mantendo-se a imortalidade de seu ideal político e de seus valores morais heroicizados. A imortalidade também é expressa pela segunda alegoria tratada. Os *louros* representam uma planta que, mesmo no inverno, permanece com sua cor verde, simbolizando o triunfo. Segundo Cirlot, não existe obra sem luta, sem triunfo. Por isto os *louros* expressam a identificação progressiva do lutador com os motivos e finalidades de sua vitória³⁴. Assim, seu ideal republicano permanecera vivo mesmo após a Paz de Ponche Verde³⁵.

³³ Cf. CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991: 680.

³⁴ CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Ed. Moraes, 1984: 351.

³⁵ Tratado de Paz, assinado em 1º de março de 1845, que pôs fim à Revolução Farroupilha e à República Rio-Grandense.

A crítica mais contundente em torno da representação de Bento Gonçalves no bronze de Teixeira Lopes caracterizou-se pela decisão de uma figura não eqüestre da obra. Logo após a inauguração da estátua, surgiu a discussão sobre o tema na imprensa rio-grandina. A ausência do cavalo na figura do *general farroupilha* fora questionada em vários momentos do processo de erguimento da obra. Como resultado desse imaginário que entende a figura de Bento Gonçalves como eqüestre, capaz de transmitir uma maior impressão de superioridade e liderança relativa ao pampa, concretizou-se, mais tarde, em Porto Alegre³⁶.

O debate sobre a imagem criada por Teixeira Lopes encontra fundamento na própria construção da identidade sul-rio-grandense. A representação de Bento Gonçalves “a pé” contrariava abertamente a concepção mitificadora edificada sobre o típico gaúcho. Chocou-se com a ideia de *centauro dos pampas*, atribuída aos sul-rio-grandenses ao longo da segunda metade do século XIX em diante, pela cultura regional. Diante do desconhecimento que se tem sobre qual dos personagens teria sido o real responsável pela ausência de tal representação, se o escultor Teixeira Lopes ou o iniciador Alfredo Ferreira Rodrigues, pode-se, mesmo assim, chegar a uma simples reflexão. A imagem simbolizada pelo *centauro dos pampas* não se constituía para Alfredo Ferreira Rodrigues em um aspecto essencial para ser representado nas alegorias do monumento a Bento Gonçalves da Silva.

Em relação ao artista português, é necessária a compreensão de que, não conhecendo o Rio Grande do Sul e tendo como único contato com o Estado a correspondência que manteve com a comissão promotora, ele estava totalmente alheio ao contexto cultural rio-grandense. Possivelmente imperava o desconhecimento do simbolismo que a figura do cavalo abarcava no imaginário *gaúcho*, principalmente, o representativo da campanha.

No que se refere ao material utilizado para a confecção do monumento, o bronze para a cobertura das estátuas teve procedência de

³⁶ O monumento erguido na capital do Estado foi esculpido pelo artista Antônio Caringi e erguido no ano de 1935.

antigos canhões que seriam demolidos e encontravam-se no 7º Batalhão de Infantaria do Largo de Moura, no Rio de Janeiro. No entanto, o pedido realizado ainda no ano de 1904, pelo então secretário da comissão Alfredo Ferreira Rodrigues, só teve resultado cerca de quatro anos mais tarde.

Apesar da longa espera na concretização do monumento, percebe-se que as discussões envolvendo as modificações de algumas características da estátua de Bento Gonçalves não surtiram o resultado ambicionado pela comissão promotora sem a presença de Ferreira Rodrigues. Mesmo com esses sucessivos pedidos de alterações enviados pela comissão promotora ao escultor, a obra foi entregue, trazendo as características básicas do projeto em seu primórdio. A imagem que ficou no monumento-túmulo apresenta boa parte da simbologia pretendida e proposta pelo iniciador Alfredo Ferreira Rodrigues. Porém, cabe ressaltar que as simbologias não ficaram presas ao bronze, alcançando, de forma bastante própria, os discursos que atuaram neste processo, desde a construção até a inauguração definitiva da obra.



FIGURA 10 - “Monumento-túmulo a Bento Gonçalves”
Vista frontal da obra.

FONTE: *Revista Ilustrada*, janeiro de 1911, página central.

ALGUNS DIÁLOGOS COM O ESCULTOR PORTUGUÊS

As estátuas são monumentos erguidos em nome da recordação de personagens e/ou acontecimentos históricos junto à memória coletiva, e o seu maior intento constitui a perpetuação em pedra e/ou metal daquele ou daquilo que se deseja relembrar. Normalmente, a ideia fundamental é a da rememoração histórica, de maneira que os “feitos” do passado possam vir a inspirar as gerações futuras, normalmente através de exemplos de moral, civismo e/ou fé patriótica, mas tais manifestações artístico-culturais podem ser estudadas de maneira bem mais ampla, vinculadas à perspectiva de uma história-processo.

A cidade do Rio Grande, a mais antiga no contexto sul-rio-grandense e por isso mesmo repleta de historicidade, tanto que por muito tempo ficou conhecida pelo epíteto de “cidade histórica”, constitui um terreno extremamente fértil para estudos de fundamentação histórica. Cada recanto pelo qual se passa no âmbito citadino pode ter um determinado significado histórico, seja do contexto local, regional, nacional ou até internacional. Um dos tantos aspectos que podem ser estudados no conjunto dos espaços públicos da urbe está vinculado à arte estatutuária. Chegando a ser reconhecida como “cidade das estátuas”, a comunidade rio-grandina possui uma significativa quantidade de tal manifestação artístico-cultural e histórica, desde bustos mais sim-

ples até grandes monumentos rebuscados em detalhes, símbolos e significados.

A arte estatutária apresenta em torno de sua simbologia a capacidade da materialização de toda uma produção de discursos em torno de acontecimentos e de grandes personagens¹ e, por meio deste peculiar atributo, há viva possibilidade de influir no sentimento da população, de modo a convencê-la a aceitar sua proposta política e/ou cultural. Nesse sentido, o final do século XIX e o começo do século XX carregaram um pensamento propício para a propagação dos monumentos no território brasileiro. A recente mudança na forma de governo do Brasil implicou, sobretudo para os setores políticos dominantes da época, o incremento de novas formas discursivas a serem sobrepostas às antigas concepções e instituições monárquicas, de um modo a disseminá-las mais aceleradamente no imaginário social. Surgiu a necessidade da busca de um instrumento que pudesse ser eficaz no exercício de criar uma nova mentalidade gaúcha e republicana. Culturalmente contribuiu para a disseminação das obras a questão, bastante difundida nas décadas finais do século XIX, da perpetuação em praça pública dos valores morais das datas cívicas e dos grandes personagens históricos ou grandes homens, como foi o caso do Monumento-Túmulo ao General Bento Gonçalves da Silva².

A edificação de tal estátua perpassou os anos que compuseram a primeira década do século XX, desde o lançamento da ideia, passando pela transladação dos restos mortais de Bento Gonçalves para a cidade do Rio Grande, e as constantes idas e vindas do projeto, até chegar ao ato inaugural em setembro de 1909. Ao longo de várias destas etapas foi estabelecido um representativo diálogo entre Antônio Teixeira Lopes e vários dos articuladores da ereção do monumento. Os documentos seguintes reproduzem direta/indiretamente tais contatos, res-

¹ POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos históricos*. v. 2, n. 3, 1989. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989. p. 10.

² ALVES, Francisco das Neves & FUÃO, Juarez José Rodrigues. *Estatutária na cidade do Rio Grande nos primórdios da República Velha (1889-1909)*. Rio Grande: FURG, 2005. p. 8.

saltando correspondências de próprio punho entabuladas pelo escultor português, bem como algumas das convicções estabelecidas acerca da estátua, pelo historiador Alfredo Ferreira Rodrigues, o jornalista Mário de Artagão e o intendente municipal, Juvenal Miller. Para encerrar, foram destacadas as matérias jornalísticas publicadas junto à imprensa local, notadamente por ocasião da inauguração do monumento.

O escultor – Antônio Teixeira Lopes

Antônio Teixeira Lopes (1866-1942) foi um dos mais importantes escultores portugueses. Desde criança começou a entender e a conviver com a arte, visto seu pai, José Joaquim Lopes, ser escultor e ceramista. Diretor técnico e artístico da Fábrica das Devezas, em Vila Nova de Gaia, o qual motivou e incentivou os seus filhos a retocarem peças produzidas nesta fábrica e iniciou-os no desenho³. Estudou na Academia de Belas Artes do Porto e na Escola de Belas Artes de Paris. Desde o final dos anos 1880 apresentou várias de suas obras em diversas exposições, sendo premiado recorrentemente. Foi nomeado professor da cadeira de Escultura na instituição portuense voltada às Belas Artes, mantendo seus ateliêes em Paris e em Vila Nova de Gaia. Seus trabalhos espalharam-se em localidades lusas, com destaque para Lisboa e Porto, mas também se fizeram presentes no Brasil, na França e na África⁴.

Tal escultor lusitano foi um artista de técnica poderosa e sutil e de profundo sentimento plástico embebido de lirismo, constituindo-se em um intérprete admirável da dor humana, da beleza feminina e da graça infantil. Ele soube traduzir na sua arte os caracteres mais fortes e as emoções mais vivas e mais altas através da perfeita harmonia das

³ LIMA, Manuela Abreu e (coord.). *Dois tempos na escultura, quatro escultores: homenagem aos mestres da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto*. Paredes de Coura: Câmara Municipal, 1997. p. 13.

⁴ EXPOSIÇÃO *Soares dos Reis e Teixeira Lopes – os dois mais notáveis escultores portugueses dos tempos modernos e as suas obras de arte no Brasil*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1948. p. 11-13

formas. Algumas de suas obras foram *Ofélia*, *Botão de Rosa*, *Caim*, *A viúva*, *Caridade*, *A História*, *A Dor*, *Portas da Candelária*, *Rainha Santa Isabel*, *Senhora de Fátima*, *Santo Isidoro*, *Eça de Queiroz*, *Verdade*, *O Comércio* e *Vitória*, entre tantas outras. Atuou como escultor religioso, como retratista e também na escultura monumental⁵.

Este trabalho de ampla repercussão levou os interessados na elevação do monumento a Bento Gonçalves a procurarem o artista português. Aquele início de século XX foi um momento agitado e profícuo em termos de produção ao longo da carreira do escultor como bem revelavam alguns fragmentos de suas próprias memórias⁶. Ironia do destino, a estátua do líder revolucionário gaúcho, idealizado como símbolo republicano para os detentores do poder rio-grandenses, foi elaborada por um escultor com simpatias monárquicas e que, em época próxima à inauguração do monumento sulino, sentira significativamente o regicídio e a proclamação da república em Portugal⁷. Algumas das correspondências endereçadas por Teixeira Lopes à comissão responsável pela ereção do monumento revelavam desde certas tendências e concepções artísticas até questões bem pragmáticas e financeiras. Uma de suas maiores queixas foi a falta de continuidade nas orientações daquela comissão quanto à sua obra.

CORRESPONDÊNCIAS expedidas por Antônio Teixeira Lopes à comissão promotora do monumento:

Exmo. Sr.

Absorvido inteiramente pelos meus trabalhos que têm afluído consideravelmente nestes últimos tempos, e sempre na ideia de mandar a

⁵ PAMPLONA, Fernando de. *Dicionário de escultores portugueses*. 4. ed. Barcelos: Livraria Civilização Editora, 2000. p. 278-281.

⁶ LOPES, Antônio Teixeira. *Ao correr da pena: memórias de uma vida*. .. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal, 1968.

⁷ VALENTE, Maria Adelaide. *Meninos de cinzel e barro (Biografia ficcionada de Antônio Teixeira Lopes)*. Braga: Edições Autores de Braga, 1993. p. 125 e 128.

Vs. Exas. uma fotografia em conjunto do nosso monumento a Bento Gonçalves, tenho demorado essa remessa porque assim me obriga a demorada execução desta obra. Penso que até 15 de julho teremos tudo em estado de ser fotografado. Espero que consiga dar à estátua todo o caráter e toda a energia precisa. É uma obra das mais interessantes que tenho tido e desejo ardentemente que a comissão e o povo rio-grandense fiquem satisfeitos com a minha obra.

Na base deixei dois degraus, elevando, além disso, todo pedestal até 5,50 metros e dando três metros à estátua do herói. A atitude deste é mais enérgica e o braço direito, que sustenta a espada, foi modificado, com mais ação e mais expressão.

A farda fica rota em alguns pontos e a manga do braço direito, despedaçada, acentuando em todo o desalinho da figura o rijo combate. Tudo isto é a ver se consigo fugir à banalidade de tantas figuras fardadas que conheço e que, mesmo combatendo, parecem generais de salão, sem uma prega no uniforme, penteados e frisados.

Na face principal e sobre os degraus da base assenta um grupo colossai de dois leões combatendo, estando um inteiramente deitado, derrubado pelo mais forte que se levanta, calcando-o em atitude serena, mas ameaçadora. Depois de muito estudar o assunto, assentei neste grupo que me parece menos banal e que, certamente, gerará maior efeito a todo o monumento, caracterizando melhor que qualquer outro motivo a guerra civil, a luta que tiveram de sustentar.

Nas partes laterais, há dois medalhões, um dos quais a Garibaldi e o outro será a Netto ou Canabarro. Na parte posterior um motivo ornamental formado de palmas, louros e armas.

A estátua de Bento Gonçalves e o grupo de leões são as duas peças capitais e dão-me muito prazer em executar. O medalhão de Garibaldi já está em execução, mas no que se refere ao outro seria bom que V. Exas. me indicassem a qual dão a preferência, mandando-me retratos. Envio hoje uma prova fotográfica da estátua que está muito adiantada, mas por concluir, assim como do grupo dos leões, também por concluir. Só daqui a algum tempo irá uma fotografia do conjunto,

estando todos os dias a melhorar a composição na parte arquitetural como na parte da escultura. Com referência à questão da praça em que devemos levantá-lo parece-me bem, depois de muito estudar, que qualquer dos dois lugares – Praça do General Telles e canto da mesma praça – parecem ficar muito bem. Contudo, acho muito bem pensado o seu plano de o colocarmos no canto da praça e nas condições por V. Exa. apontadas. Irei, porém, estudando melhor a questão e em breve, com a harmonia do conjunto poderei dizer mais. Também andamos tratando dos lampiões, mas, por enquanto, não poderei fazer um orçamento deles. O grupo dos leões aumenta o orçamento já dado em mais 3:000\$000 de réis fortes. Sendo um trabalho importante e que me dá quase tanto trabalho como a estátua. O que, porém, é considerável é a sua fundição trabalhosa. É, contudo, de grande realce para a (...) toda a ilustre comissão que me desculpem a falta. Com muita consideração e agradecimento.

Teixeira Lopes.

Vila Nova de Gaia, 10 de agosto de 1904.

Ilmo. e Exmo. Senhor

Tendo recebido a carta de V. Exa. não respondi logo porque desejava estudar a maneira de atender quanto possível às reclamações de V. Exas. tendentes a modificar algumas coisas já feitas. O conjunto do monumento sofre imenso se lhe tirarmos os leões visto que muito contribuem para lhe aumentar a grandeza (...). A substituição dos medalhões por baixos-relevos obriga-me a modificações na arquitetura, mas será satisfeita a vontade de V. Exas., lembrando apenas que os baixos-relevos serão por fora do orçamento, pois representam um aumento de despesa e como de trabalho e fundição, pois necessitam

de ter figuras que se vejam à distância e não pareçam mesquinhos bonecos.

Em pouco tempo mandarei uma fotografia do conjunto, acompanhada de outras com os baixos-relevos em separado. Mesmo por telegrama me poderiam V. Exas. informar se posso conservar os leões, visto que, como já disse, não podemos adiantar a parte arquitetônica da base sem essa certeza. Os leões estão quase concluídos e representam para mim um enorme trabalho que ficaria inutilizado, causando prejuízo. Em carta oficial do Exmo. Sr. Rodrigues, veio o convite de alargar a composição com uma alegoria e essa alegoria deixada inteiramente ao meu critério. Em outra carta, [tecia] o mesmo senhor considerações em relação aos leões, numa obra formidável que preenchia todo o seu ideal. Como artista, e sem descer a questões financeiras, eu desejo imenso levar a cabo essa obra. Se, ao contrário, V. Exas. decidirem não a por no pedestal, eu serei obrigado a pedir pelo trabalho desse grupo que já está em gesso a quantia de 1:000\$000 fortes, ficando o modelo à disposição de V. Exas.

Fico, porém, esperando as ordens. O que deveras me contrariou e continua a me contrariar é a modificação na boca do general. A sua atitude está em harmonia com essa expressão. Se por um lado eu muito desejo ser amável com V. Exas., atendendo-os como pessoas de elevada educação artística, nem por isso deixo de me lembrar, com tristeza, que o artista não deveria nunca seguir senão o que lhe é dito pelo seu sentimento. Pelo fato de não ser vulgar essa expressão, não deixa ela de ser mais característica. Não há documento histórico que me convença que Bento Gonçalves não abriu a boca. Desse modo, e além de tudo, o artista tem e deve ter as suas audácias, sem o que não passa nunca da arte de salão, atenuada para não chocar. O artista, sobretudo, é depois visado pela crítica impiedosa e julgado responsável, não se preocupando se lhe obedeceu a imposição. No que respeita aos rasgões no braço que leva a espada, o caso é outro, podendo perfeitamente modificá-las, sendo um detalhe de importância secundária.

Fico esperando a deliberação da Exma. Comissão para adiantar o meu trabalho.

Com a maior consideração.

Teixeira Lopes – estatuário.

Vila Nova de Gaia, 2 de janeiro de 1905.

Ilmo. e Exmo. Senhor Afonso Ramos Corrêa

Têm V. Exas. estranhado o meu longo silêncio, apenas motivado pelo estudo dos baixos-relevos que se destinam à base do monumento. [Nas] duas fotografias deles podemos notar que estão apenas em esboço e que só na execução poderão ter o efeito que desejo. No primeiro quis representar o general Netto soltando o grito da liberdade e proclamando à tropa, no dia seguinte à batalha do Seival. No outro – A marcha para a frente da cavalaria de Canabarro e no segundo plano, ao longe, a passagem dos lanchões que transportaram por terra. Como disse, são apenas um esboço e, em tamanho definitivo, poderão ter mais vida e mais cor. São-me muito necessários documentos para os retratos destes dois generais, assim como detalhes de fardas, não só deles, mas dos soldados. Todos os detalhes que V. Exas. me possam fornecer me ajudarão a reconstituir essas cenas.

Ainda com referência à demora na execução da nossa obra, tenho a dizer que, não havendo de princípio nada de definitivo com referência às alegorias do pedestal, essa foi a causa principal do atraso. Modelei o grupo dos leões levado pelo meu entusiasmo e hoje vejo-o posto de lado, não só com o prejuízo material, mas o que é mais, com o desgosto de o não ver realizado!

Dei princípio a um medalhão que haviam de decorar também a base e isto foi ideia do Ilmo. Senhor Rodrigues, cujo critério artístico

me parece notável – sem ofensa para ninguém – e tendo já concluído o retrato de Garibaldi, foi também inutilizado. É esta, como disse, a principal causa de delongas. Além de tudo, mais vale que um destes trabalhos leve tempo de sobra, do que fazê-lo à pressa e ter o desgosto de o ver prejudicado.

A estátua de Bento Gonçalves, essa está quase concluída e com algumas correções por V. Exas. marcadas. O cumprimento tê-lo-ão V. Exas. em fotografia e muito breve. Mas, para isso, preciso da resposta a esta carta. Os dois baixos-relevos, complicados pelo assunto como não pode deixar de ser, retratam os dois personagens principais e, como a responsabilidade de representar cenas históricas, ficam relativamente mais caros que o motivo dos leões, onde desaparecem minúcias no estudo, e onde a minha fantasia estará mais à vontade, além disso, ficarão incomparavelmente menos características e, pelas suas dimensões, talvez mesquinhas no conjunto, dando-nos um aspecto banal de qualquer monumento conhecido.

Segundo orçamento cuidadosamente feito, eles custarão mínimo preço – 1:000\$000 réis fortes cada um. Para ter prazer de executar os leões, resolvi, a muito custo, que eles se fariam por 2:500\$000 réis fortes, visto que, só a moldagem no bronze me custa 1:500\$000 réis. Valerá a pena a V. Exas. substituir pela mesquinha soma de 500\$00 a mais um motivo inquestionavelmente melhor?! Sem dúvida que respeito as suas [ponderações] e a razão fortíssima da falta de recurso. O que deveras me contrista é amesquinhar a minha obra por tão pouco e eu não por isso – visto que outros trabalhos de vantagem me esperam – sacrificar o meu tempo. Que V. Exas. me relevem estas sinceras palavras, estando certo que o esclarecido entendimento da ilustre comissão lhe há de fazer inteira justiça.

Para que eu tivesse já cumprido (...) o contrato a que me obriguei, seria preciso executar o projeto que mandei, onde há na base, apenas motivo de palmas e bandeira. Não agradando as condições que acima deixa expostas, estão sempre em tempo de executar esse modelo como ele era e cuja fotografia V. Exas. possuem.

Para evitar mais delongas, peço a V. Exas. um telegrama para ir prosseguindo de mais pronto.

Esperando uma breve resposta e sempre com inteira consideração.

Teixeira Lopes – estatuário.

Vila Nova de Gaia, 30 de agosto de 1905.

Ilmo. e Exmo. Sr. A. Ramos Corrêa

Pelo mesmo correio, remeto a V. Exa. um desenho do projeto definitivo a Bento Gonçalves.

O pedestal está concluído no que se refere à cantaria e às peças que acompanham vão ser encaixotadas e remetidas para aí imediatamente. Para isso já ontem nos dirigimos ao representante da comissão, os Srs. Cardoso, Moreira & C., do Porto.

A estátua só agora vai para a fundição, mas estará aí a tempo de ser logo colocada, visto levar ainda algum tempo para o assentamento do pedestal nessa cidade. O mesmo digo com referência aos medalhões de Garibaldi, Netto e Canabarro, assim como do motivo decorativo que tem esses baixos. Este motivo ainda é compreendido no nosso primitivo contrato. Os medalhões aumentaram de um conto de réis fortes a quantia pedida, ficando agora tudo concluído pela soma de 7:500\$000. O medalhão de Garibaldi está já feito e vai ser fundido na base imediatamente. Para os outros, preciso retratos que aqui não pude obter ainda. O pedestal tem quatro lugares para medalhões, mas visto não ser por V. Exa. autorizado a acrescentar mais do que três, deixo a parte posterior vazia. Se V. Exas. determinarem que se ponham quatro, dar-me-ão as ordens.

Sei que V. Exas. estão descontentes pelo fato de demorar a execução destes trabalhos. Se não se tivesse dado o caso de fazer e desfazer

o projeto, ele estaria hoje inaugurado. Por cartas que tenho a vista, eu era convidado a (...) os motivos decorativos e isso me levou a executar o grupo de leões, que iria, com certeza, dar grande realce para todo o conjunto. Nesse grupo gastei meses de trabalho (...).

Repito, porém, que a única coisa que se lhe poderia acrescentar era o medalhão da parte posterior, mas V. Exas. o dirão, porque não farei sem ordem.

Apresentando a V. Exa. os meus cumprimentos, com muita consideração.

Antônio Teixeira Lopes.

Gaia, 25 de abril de 1906.

O historiador – Alfredo Ferreira Rodrigues

O escritor Alfredo Ferreira Rodrigues (1865-1942) desenvolveu múltiplas atividades profissionais ao longo de sua vida, mas o papel de historiador era aquele ao qual correspondia a sua vocação. Tinha planos para a formação superior, mas, ao perder o pai, teve de desistir dos estudos, vindo a atuar como professor, para, posteriormente, trabalhar por vários anos na Livraria Americana. Nesse meio tempo, a partir de 1889, começou a publicar um de seus mais importantes trabalhos, o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* que foi editado anualmente até 1917. As dificuldades financeiras e a numerosa família que formou levaram a uma nova guinada na vida do estudioso que se tornou agente comercial, vindo, paulatinamente, a abandonar o caminho das letras.

Como intelectual, Alfredo Ferreira Rodrigues desenvolveu extensa obra. Além dos textos editados naquele *Almanaque*, publicou livros, livretos e artigos, mormente em periódicos. Um de seus maiores objetivos foi o de reunir documentos sobre a história gaúcha, com ênfase para o evento que se tornaria o principal fulcro de sua obra – a Revolução Farroupilha. Rodrigues chegou a publicar uma série de “a pedidos”

junto à imprensa, no sentido de anunciar sua busca por documentos, de modo que ele reuniu, em sua época, a mais completa coleção de fontes acerca do Rio Grande do Sul e, principalmente, sobre a Farroupilha. Pertenceu aos quadros sociais do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, da Sociedade de Geografia de Lisboa e da Academia Rio-Grandense de Letras.

De acordo com os padrões culturais e historiográficos de sua época, Alfredo Rodrigues executou a contento a função de historiador. Assim, apesar de sua múltipla atividade intelectual, Rodrigues foi, por excelência o historiador, dando os primeiros passos do que viria a constituir um tratamento científico para com a história. Interessou-se por toda a história nacional, mas se especializou na história regional, com destaque para o tema que lhe despertou verdadeira paixão, a Guerra Civil Gaúcha de 1835-1845. Nesse quadro, Alfredo Ferreira Rodrigues dedicou-se incansavelmente a desvelar o passado da Revolução Farroupilha. De acordo com o prisma historiográfico reinante, sua perspectiva fundamental era a de historiar os “personagens notáveis” do “decênio heroico”. De acordo com essa meta, Ferreira Rodrigues, na virada do século XIX ao XX, seria um dos mais importantes articuladores da elevação de um monumento-túmulo a Bento Gonçalves da Silva.

Ao trabalhar firmemente no erguimento da estátua, Rodrigues reproduzia seus objetivos ao entabular seus estudos de cunho histórico, quer seja, a história, através dos personagens por ela retratados, deveria servir como exemplo cívico ao comportamento das gerações futuras. Apesar de ser um dos principais responsáveis pela edificação do monumento a Bento Gonçalves, o escritor rio-grandino, acabaria por afastar-se da comissão promotora do monumento, por discordâncias quanto aos rumos tomados pela homenagem. Esse afastamento de Ro-

drigues acabaria por constituir mais uma das suas decepções de vida que viria a contribuir com seu desligamento das lides culturais⁸.

As discordâncias de Alfredo Ferreira Rodrigues quanto aos destinos da estátua ficaram expressas na publicação de um panfleto⁹ transcrito a seguir. O alijamento do historiador dos atos finais que levaram à ereção da estátua deveu-se à sua discordância quanto à localização do monumento. Além disso, ele não comungava com alguns dos ideais dos indivíduos que passaram a dominar o cenário do erguimento do monumento em homenagem ao líder farrapo, em sua maior parte militares seguidores da ideologia positivista e do regime castilhistaborgista que dominava o Rio Grande do Sul. Além disso, em termos historiográficos, Ferreira Rodrigues passava a defender que Bento Gonçalves não professava ideias republicanas, pressuposto diametralmente oposto ao grupo que ocupava o poder no âmbito sul-rio-grandense da época.

⁸ Acerca do escritor, observar: ALVES, Francisco das Neves. Alfredo Ferreira Rodrigues: esboço biográfico e uma breve incursão à sua forma de “fazer história”. In: *Biblos*. Rio Grande: Editora da FURG, 2008. v. 22. n. 2. p. 39-55; ALVES, Francisco das Neves. Fazendo história no Rio Grande do Sul à virada do século XIX ao XX: o trabalho de Alfredo Ferreira Rodrigues. In: *Historiae*. Rio Grande: Editora da FURG, 2011. v. 2. n. 1. p. 9-24; GOYCOCHEA, Luis Felipe de Castilhos. Preito de saudade. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Imprensa Oficial do Estado, 1943. II trimestre. p. 175-179; MARIANTE, Hélio Moro. *Alfredo Ferreira Rodrigues*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1982; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/IEL, 1978. p. 576-577; PORTO ALEGRE, Aquiles. *Homens ilustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ERUS, s/data. p. 150-151; ROSA, Othelo. Alfredo Ferreira Rodrigues. In: *Revista Província de São Pedro*. Porto Alegre: Globo, 1955. n. 20. p. 107-112; RUSSOMANO, Mozart Victor. A vida silenciosa de Alfredo Ferreira Rodrigues I e II. In: *Revista Província de São Pedro*. Porto Alegre: Globo, 1953 e 1954. n. 18 e n. 19. p. 47-58 e 53-62; e VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação/IEL, 1974. p. 508.

⁹ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *A estátua do general Bento Gonçalves da Silva – onde deve ser colocada: justificação de voto*. Rio Grande: Livraria Americana, 1904.

A estátua do general Bento Gonçalves da Silva – onde deve ser colocada: justificação de voto

Para salvaguardar a minha responsabilidade, declaro que voto contra a colocação da estátua de Bento Gonçalves na Praça Tamandaré.

Uma estátua, como esta, em que se glorifica um herói, dos maiores que teve o Rio Grande, requer um largo, pouco espaçoso atendendo às suas pequenas proporções, uma praça sem coisa alguma que possa encobri-la, um local em que haja trânsito permanente e numeroso.

Não se sacrifica, ao simples interesse de embelezar uma praça, um monumento que, ao subido valor de obra de arte, reúne a elevada significação moral da personalidade e do fato histórico que comemora, ao mesmo tempo em que é um ensinamento cívico.

A sua própria natureza está a indicar o local em que ele deve ser erigido. Há estátuas de jardim, de praça ou mais propriamente de largo, de cemitério e de salão. Não se coloca uma no lugar que compete a outra, sem cometer um erro grosseiro contra a estética e contra o bom senso.

A colocação do monumento no centro ou no extremo norte da Praça Tamandaré será um verdadeiro desastre. O arvoredo lhe tirará de todo a vista, deixando-o escondido num ponto da cidade sem importância própria e em trânsito; numa praça cheia de construções de todos os gêneros, rodeada de muros e de casas em sua quase totalidade sem valor e sem arquitetura; completamente às escuras e fechada de noite; cuja cercadura de arame e cujas ruas, irregularmente traçadas, aterradas a barro, abaixo do nível da calçada e que qualquer chuva deixa intransitáveis por alguns dias, fariam o completo contraste com a beleza e a admirável execução da estátua, dando a todos os espíritos esclarecidos a impressão de que a comissão não compreendeu o alcance da obra que executou, e de que nós brasileiros somos por nós mesmos, sem o auxílio de estranhos, incapazes de executar e de administrar qualquer coisa, pois que, se começamos bem, as mais das vezes concluímos mal.

Compreende-se aí, no meio das flores, à sombra das árvores, à beira do lago, onde tudo convida a meditar e fala à imaginação, a estátua de um músico, de um romancista, de um poeta lírico e amoroso, de um orador retórico e amaneirado, ou mesmo de um cidadão, de um administrador que se houvesse consagrado a embelezar a cidade. Mas essa estátua ficaria deslocada nesse meio poético, se o poeta fosse um artista genial, como Camões, cujo nome enche um século e cuja lira cantou a grandeza épica de um povo; se o orador fosse um tribuno, como Gambeta, cuja eloquência salvou a pátria numa crise angustiosa; se o administrador tivesse, como Pombal, a envergadura atlética capaz de remodelar uma nacionalidade.

E, quanto mais estranha seria aí a colocação da estátua de um herói, que personifica todas as virtudes excelsas de uma raça, que consubstancia todas as tradições viris e guerreiras de um povo, toda a aspiração, todo o ideal de liberdade, pelo qual o Rio Grande do Sul se vem batendo, de há século e meio, desde a conquista espanhola até hoje!

A Praça Tamandaré, dirão de certo, será com o tempo a primeira do Rio Grande, mas isso não é bastante para que a estátua seja colocada aí. *Será* é um hipótese muito aleatória e não se deve sacrificar o monumento, na esperança de um futuro remoto, quando tem atualmente a cidade outros locais, não só dignos de recebê-lo, como lhe darem realce e importância, sendo que a instalação neles será menos dispendiosa que na Praça Tamandaré.

E nem no futuro, quando a praça for o que promete ser, a estátua ficará bem no centro dela. E ficará pior do que hoje, porque o arvoredo há de crescer, afogando o monumento, tirando-lhe a vista e prejudicando-o até nas condições de exposição à luz.

É verdade que, durante algum tempo, aceitei e me conformei com a escolha da primeira comissão, porém apenas como uma solução provisória, sem nunca me satisfazer plenamente com ela. A primeira comissão partiu de um ponto de vista falso, escolhendo o local antes de saber que monumento ia ter e se este era compatível com aquele.

Veio o tempo e com ele a reflexão e o estudo; e, como entendo que todo o espírito livre e inteligente tem o direito e o dever de estudar e de progredir, sem que lhe advenha desdouro de confessar o seu erro, conheci que havia errado e procurei achar outro local que melhor correspondesse às proporções, à natureza e ao subido valor artístico do monumento.

*
* *

Para melhor justificar o meu modo de pensar, seja-me lícito apresentar os motivos que me fazem preferir à Praça Tamandaré qualquer dos três outros locais submetidos à escolha.

Antes de entrar na apreciação dos detalhes referentes a cada um deles, farei algumas considerações gerais.

O local escolhido para um monumento deve reunir três condições primordiais e essenciais: proporções, importância e trânsito.

1º. Proporções, para que o monumento dê perfeita a impressão artística e para que se imponha aos transeuntes, num simples olhar em toda a sua beleza.

Um monumento de colossais proporções requer um espaço amplo, para que de longe possa ser abarcado em conjunto, sem necessidade de levantar e baixar o olhar para percorrê-lo de alto a baixo.

Ao contrário, sendo pouco elevado, como é o nosso, deve estar num pequeno largo, para que, de qualquer ponto, não pareça insignificante, menor do que é, amesquinhado pela distância.

2º. Importância, porque o meio, no mundo físico como no moral, reage sempre poderosamente sobre a obra de arte como sobre um indivíduo.

Uma estátua primorosa no meio de casebres e muros, ou um quadro de um grande artista numa sala pobremente mobiliada, ficam deslocados, perdem necessariamente de seu valor. Coloque-se, porém,

a estátua na proximidade de edifícios de harmoniosas linhas arquitetônicas, mude-se o quadro para um salão luxuoso com outros quadros e com bronzes que sustentem o confronto, e ver-se-á que um e outro ganham com a mudança. Não porque o seu merecimento intrínseco e real seja diverso, mas porque o meio mudou, emprestando-lhe um pouco do seu valor próprio.

3º. Trânsito, para que o monumento possa ser visto por todos e se imponha à admiração geral, sem haver necessidade de ir procurá-lo para poder vê-lo.

A estátua de um herói, de uma grande individualidade como Bento Gonçalves, cujo nome enche muitas das páginas mais belas e mais viris de nossa história, e que personifica todas as grandezas e todas as virtudes da geração extraordinária que sonhou o Rio Grande livre no convívio das nações, defendendo a sua independência durante nove anos, de combate em combate, para só abater armas mediante um tratado honrosíssimo de paz ante a ameaça da invasão estrangeira; a estátua do grande guerreiro e patriota não deve ficar perdida na enorme extensão de uma praça, escondida no meio do arvoredo, num lugar que só tem grande trânsito acidentalmente nas tardes de domingo, sendo que, ao cair da noite, fica completamente morto, no isolamento e na escuridão.

Não. Essa estátua, que significa a glorificação do patriota abnegado, que duas vezes abandonou uma grande fortuna aos azares da guerra, do soldado ilustre que derramou o sangue pela pátria e pela liberdade; essa estátua, que encerra em si um estímulo, um exemplo e um ensinamento cívico, deve estar num ponto em que haja trânsito permanente, a todas as horas e em todos os dias, para que a veja a população inteira, para que a todos os forasteiros esteja patente, para que todos possam admirá-la e, vendo-a e admirando-a, achem um estímulo, tenham um exemplo e recebam um ensinamento para amar e para servir à pátria como ele fez.

E sem este ideal elevado e nobre não se compreende a ereção de um monumento comemorativo. Para se ornar uma praça, que se faça

uma coluna, uma figura qualquer, alegórica e impessoal; mas para glorificar um herói, que se dê ao monumento uma situação que seja digna dele.

*
* *

Além da Praça Tamandaré, os locais apresentados à escolha da comissão foram o canto da Praça General Telles, em frente à Alfândega, o centro da mesma praça e o largo da Matriz.

1º. O canto da Praça General Telles, no cruzamento das ruas dos Andradas e Marechal Floriano, é indubitavelmente o ponto de maior trânsito da cidade, de dia e de noite, durante a semana, como nos domingos e nas ocasiões de festas populares. Aí cruzam e se ramificam todas as linhas de bondes; não há um habitante da cidade que, ao menos uma vez por semana, não passe por aí, nenhum forasteiro desembarca no Rio Grande que aí não vá ter forçosamente; não se faz um cortejo, uma festa, uma marcha militar que não tenha essa praça como ponto obrigatório de passagem.

Quanto à importância, é inegável a sua supremacia sobre todos os outros pontos da cidade.

O Rio Grande é um porto de mar. Toda a sua prosperidade comercial e industrial decorre desse porto, como dele há de decorrer no futuro a sua supremacia política e militar. Todo o comércio se estendeu e se concentrou nas três ruas paralelas ao seu magnífico e extenso cais de granito.

Ora, se o porto fez a concentração do comércio, se o comércio deu movimento e vida às ruas próximas ao cais, estas deram, a seu turno, importância à Praça General Telles. E a proximidade do porto, o movimento do comércio, a vida das ruas, a importância da praça, hão de necessariamente dar realce e valor ao monumento.

Além disso, em torno da praça agruparam-se, não por acaso, nem pelo capricho de alguém, mas pelo encadeamento lógico dos fatos

acima enunciados, os principais edifícios e repartições públicas da cidade: a Alfândega, de vastas e monumentais proporções, a Praça do Comércio, o Correio, o Mercado, a Biblioteca, o Quartel-General, a Subintendência e a Intendência Municipal.

A concentração de todos esses edifícios ainda concorre para aumentar o trânsito e a importância, que a praça já tinha pela proximidade do porto e pela situação na rua de maior movimento comercial.

E isto que é hoje, há de ser sempre, porque o Rio Grande nunca há de perder os foros de um porto de mar importante. O comércio se há de estender de certo, espalhando-se pela cidade em diversas direções, porém as casas mais fortes hão de ficar onde estão, sendo que outras que se criarem desalojarão daí as que não tiverem elementos de vida. A estrada de ferro, que trouxe o movimento comercial do interior, poderia talvez prejudicar um pouco a importância dessas ruas. A supremacia do porto, porém, é de tal ordem que atraiu a linha férrea, obrigando-a a vir buscar as cargas e os passageiros na Estação Marítima.

Se a Praça General Telles é e será o ponto mais importante da cidade, o canto em frente à Alfândega é de toda ela o local mais bem situado e de maior movimento.

Aí se poderá fazer, com muito pequena despesa, menor que em qualquer outra parte, cortando um pouco o gradil de cada lado, sacrificando apenas uma árvore, um largo de forma octogonal, de 11 a 13 metros de largura, ao nível e no prolongamento da calçada à qual sobressairá um pouco e em cujos centros se assentará a estátua em diagonal.

As proporções do local estão de perfeito acordo com a altura do monumento. A rua Marechal Floriano tem aí 22 metros de largura e a dos Andradas 30. A estátua será vista a uma distância nunca maior de 70 metros, dando sempre uma impressão de grandeza e de imponência.

Além disso, a sua situação, excepcionalmente privilegiada, com um campo de visibilidade maior de 240 graus, permitirá que ela seja vista em todas as posições, de frente, de lado e de três-quartos.

Dois lampiões podem ser colocados nas colunas onde termina o gradil, e outros dois na parte do embasamento que sobressai à calçada, de modo que, à noite mesmo, a estátua, iluminada fartamente, será vista e admirada.

A única objeção que se poderá opor a esta situação é a falta de simetria. Mas a simetria não é condição essencial do belo. E precisamente naquela das belas artes cujas regras assentam mais especialmente na simetria, na arquitetura, essa condição pode deixar de ser observada, sem que o monumento por isso fique defeituoso.

Temos, aqui mesmo, um exemplo bem eloquente disto, na Igreja do Salvador, que dos nossos edifícios é um dos que mais rigorosamente tem as linhas de uma ordem arquitetônica. A simetria exigiria duas torres, uma de cada lado, ou pelo menos uma torre ao meio do frontispício. Pois a torre, colocada a um lado e fora do corpo principal, rompendo toda a simetria, não lhe tira o valor de obra de arte, porque, por uma disposição especial, lhe foi dada a situação mais nobre, fazendo-se por ela a entrada para o templo.

Ao monumento se poderá dar uma situação idêntica e tão boa como esta, sem romper a simetria. Bastaria colocá-lo num amplo embasamento ao nível e sobressaindo de 4 a 5 metros ao alinhamento da larga calçada de mosaico, como foi proposto para a esquina, porém ao meio da praça, e em frente à entrada que dá para o largo do chafariz. As condições de proporções, importância, trânsito, visibilidade e economia seriam rigorosamente mantidas ali como aqui.

São de tal ordem estas duas situações que dificilmente se poderá dar preferência a uma ou a outra. Se na esquina o trânsito é maior, aqui, em compensação, além da colocação simétrica, terá a figura maior destaque, pois que avançará sobre a calçada, ao passo que no canto teria de recuar um pouco.

2º. O centro da Praça General Telles tem quase as mesmas vantagens da importância, do trânsito e da situação deste primeiro local.

A instalação aí, aberta a entrada que dá para a rua Marechal Floriano, na largura de 20 metros pelo menos, será em compensação muito

mais imponente, de muito maior efeito, pela vasta e elevada escadaria, na qual assentará a estátua. O arvoredo, se é verdade que lhe vai tirar a vista dos lados, formará um fundo artístico, que de certo lhe dará vigoroso destaque.

Acho a esse local, como único defeito, a insuficiência da entrada, não quanto à largura em si, porém quanto ao ângulo de visibilidade. De fato esse ângulo medirá menos de 45 graus, o que é insuficiente para dar da calçada a vista de três-quartos.

É verdade que a estátua ficará apenas a 35 metros dessa calçada e a menos de 60 do outro lado da rua, o que é um ponto de vista obrigatório e excelente.

Mas, para a estátua ser admirada de lado ou mesmo de $\frac{3}{4}$, será preciso que o observador se aproxime dela, isto é, que tenha vontade e tempo de vê-la. Ora, uma estátua não deve ser colocada de modo que seja vista e apreciada *por quem quiser vê-la*. Deve estar de tal modo que se imponha aos transeuntes, obrigando-os a vê-la em todas as posições.

A grita levantada contra a colocação da estátua neste centro tirou toda a sua argumentação da enorme despesa, que se dizia resultar do reparo do local e sobretudo da inutilização do piso cimentado e da escadaria do chafariz. Esta argumentação não tem o menor fundamento, pois que a despesa a fazer é muito menor do que se fantasiou, e o piso e a escadaria seriam aproveitados, apenas com insignificantes retoques.

3º. O largo da Matriz guarda as proporções com o monumento e nada tem que lhe possa tirar a vista. Aí se poderia fazer, com pequena despesa, uma boa instalação. As ruas que o cercam são, porém, estreitas e de secundária importância, e as edificações, inclusive a própria Matriz, do mais acanhado e vetusto aspecto. Nas mesmas condições está o pequeno largo Júlio de Castilhos.

Resumindo, direito que julgo a colocação da estátua, no canto ou ao meio da calçada da Praça General Telles, de primeira ordem, sob qualquer aspecto que seja encarada; no centro da mesma praça, muito

boa quanto à instalação em si e quanto ao trânsito e importância local, porém insuficiente quanto às condições de visibilidade; e nos largos da Matriz ou Júlio de Castilhos muito aceitável.

Quanto à situação da Praça Tamandaré, já disse a considero um desastre, tanto no centro, como no extremo norte onde existiu o chariz. Aí o único ponto aceitável seria na parte entre o lago e a Rua General Vitorino, pela proximidade dos edifícios da Igreja do Salvador e da Sociedade Portuguesa de Beneficência, pelo trânsito da linha de bondes e pela facilidade de se retirar o pouco arvoredo que existe. Ao menos aí se salvariam o quanto possível, as condições de estética e não se sacrificaria de todo a glorificação do herói, apesar de ser estreita a rua e de ficar o local retirado do maior movimento da cidade.

Quanto às despesas a fazer na Praça Tamandaré, em qualquer ponto, não são insignificantes, como a primeira vista se afiguram, porém consideráveis e excedendo de muito os recursos da comissão.

Basta considerar que a praça está muito abaixo do nível da cidade, abaixo mesmo do nível da calçada e das ruas que a rodeiam, precisando em alguns pontos ser elevada em mais de 30 centímetros. A necessidade de um aterro se há de impor muito em breve, não se devendo esquecer que o nível das praças arborizadas tende espontaneamente a crescer. Para prevenir a eventualidade de, mais cedo ou mais tarde, ficar a estátua soterrada, deve dar-se ao embasamento no mínimo a elevação de 50 centímetros. Ora, por pequeno que seja esse embasamento, a elevação de meio metro com alicerce correspondente exigirá muitos metros cúbicos de alvenaria, importando em alguns contos de réis. A esta despesa se devem acrescentar os gastos indispensáveis para modificar o arruamento, para aterros, para transplantação de arvoredo, para preparar e embelezar enfim o local.

Compare-se agora a mesquinha instalação que nessa praça se poderia fazer, no meio de ruas estreitas e revestidas de barro, com a vasta e elevada escadaria do centro da Praça General Telles, num largo cuidadosamente cimentado e rodeado de gradil, ou com a bela e imponente situação no canto ou ao meio da larga e extensa calçada de

mosaico; compare-se o limitado trânsito de uma, durante o dia, exceção feita nas tardes de domingo, com a constante circulação da outra, de dia e de noite; compare-se o efeito do meio, numa sucessão de muros, portões e casebres, e apenas aqui e ali algumas construções boas, e na outra os edifícios importantes, a série de repartições públicas e estabelecimentos comerciais; compare-se à noite o triste aspecto de uma, morta no isolamento e na escuridão, como um buraco negro no meio da vida da cidade, com a abundante iluminação da outra, cheia de movimento e de animação.

Quem estiver com o ânimo desprevenido, com a razão calma, compare e diga em consciência onde ficará melhor a estátua, mesmo com orçamento igual, mesmo com instalação semelhante.

*
* *

Aos meus distintos companheiros da comissão, a quem me confesso agradecido e obrigado, o quanto um homem de coração o pode ser, pela dedicação e pelo interesse que sempre manifestaram pela realização da obra que iniciei, peço que, antes de assentada a deliberação definitiva, meditem na sinceridade de minhas palavras, pesando em suas consciências as responsabilidades que vão assumir, em comparação ao valor que pode ter uma representação, em que não se aduziu um só argumento para justificá-la, e que não traduz, de modo algum, a vontade da maioria dos que, por donativos e serviços, concorreram para a ereção da estátua.

Essa representação deixa, no ânimo de quem pesa o valor das coisas, uma impressão tristíssima: é quando muito o traço característico da indiferença nacional, do nosso menosprezo ao culto dos grandes homens do passado, dos serviços ilustres da pátria. Para os signatários dela, vale mais a Praça Tamandaré do que a estátua de Bento Gonçalves. Esta é considerada como uma figura bonita, mais para embelezar um jardim do que para glorificar um herói.

Para mim, para a comissão, de certo também, significa ela alguma coisa de mais alto e de mais nobre. É a expressão visível, palpável, material do fervoroso culto à memória do herói cavalheiresco, magnânimo e abnegado; é a expressão sincera da admiração, do entusiasmo pela época extraordinária que ele personifica melhor do que ninguém e cujos feitos são a glória de uma geração e são o orgulho de um povo; é a expressão vivaz e perene do muito amor ao Rio Grande do Sul, à pátria estremecida.

À feitura desse monumento consagrei anos de um trabalho constante, votei todas as energias de minha alma, não recuando diante de obstáculos, de contrariedades e de lutas de toda a sorte.

E como me é doloroso, depois de tudo vencido, quando o ideal está prestes a converter-se em realidade, depois de ter consubstanciado a glorificação do herói na obra perfeita de um grande artista, ver que são menosprezadas as minhas intenções, não são compreendidos os meus mais puros sentimentos.

E, se fosse caso de medir serviços, eu poderia lançar na balança o meu esforço e o meu trabalho. Mas não quero apelar para esse extremo, pois julgo ser bastante colocar a questão no único ponto de vista em que ela deve ser encarada.

Nada mais quero do que a glorificação de Bento Gonçalves, mas a glorificação elevada e completa, patriótica e perfeita, na brilhante e magistral execução de uma obra de arte, como na permanente e contínua admiração de todos.

A comissão que resolva, como melhor entender. Eu ficarei com a consciência do dever cumprido.

Junho de 1904.

O jornalista – Mário de Artagão

Antônio da Costa Correia Leite Filho (1866-1937), mais conhecido pelo nome artístico Mário de Artagão, nasceu na cidade do Rio Grande e realizou seus estudos em Portugal e na Alemanha. Foi representante

comercial do empreendimento familiar Leite & Cia. Ltda., atuando no Recife, no Rio de Janeiro e em sua cidade natal. Ao lado das atividades empresariais, manteve uma carreira de poeta e jornalista. Junto à imprensa, o escritor teve significativa atuação, escrevendo na *Tribuna Liberal* do Rio de Janeiro, no *Correio Mercantil*, na *Opinião Pública* e no *Diário Popular*, na cidade gaúcha de Pelotas, e no *Artista*, no *Echo do Sul* e no *Rio Grande do Sul*, todos jornais publicados na cidade onde nasceu. Além disso, fundou, gerenciou e redigiu o diário *A Actualidade*, no qual advogou suas convicções político-ideológicas voltadas aos ideais monarquistas.

O posicionamento favorável à forma de governo decaída custaria a Artagão acirrada perseguição, uma vez que se opôs abertamente ao autoritário sistema político chefiado por Júlio de Castilhos que comandou o Rio Grande do Sul nos primeiros tempos republicanos. Como típico representante da intelectualidade de seu tempo, Mário de Artagão atuou em múltiplas áreas, de modo que, além de poeta e jornalista, foi professor, filósofo, conferencista e teatrólogo. Era poliglota, dominando não só a língua materna como também o inglês, o francês, o espanhol, o alemão e o italiano. Ele foi membro-fundador da Academia Rio-Grandense de Letras, além de ter sido membro de academias literárias em Paris e em Hamburgo.

A gênese de sua carreira literária ocorreu em 1889, com o lançamento de *As infernais*, livro que contou com uma segunda edição no ano seguinte. Já de volta ao Rio Grande, publicou *Psaltério* (1894), *Psaltério na quermesse* (1896), *Janina* (1900) e *Música Sacra* (1901). Nessa época, também contribuiu com escritos para o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, o *Almanaque Popular Brasileiro* e o *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul*. A partir de sua militância, teria o cerceamento e as práticas persecutórias cada vez mais próximas de si, mantendo-se na oposição e na resistência até quando foi possível. Tamanhas perseguições fizeram com que o escritor tivesse de abandonar o jornalismo, chegando a ter de refugiar-se por oito meses no consulado inglês.

Os desgostos com os rumos autoritários predominantes nas esferas federal e estadual fizeram com que o poeta se decidisse por desfazer-se do valioso patrimônio familiar e optasse por um autoexílio em Portugal, se mudando para Lisboa em 1905, adotando-a como novo lar, permanecendo ali até o seu falecimento. Em termos intelectuais, abandonaria a carreira de jornalista militante, preferindo não se ocupar da vida política brasileira. Na Europa, retomou sua carreira literária, lançando uma segunda edição de *Janina* (1907) e de *Psaltério* (1912), e uma terceira edição de *As infernais* (1914). Publicou também os poemas *No rastro das águas* (1925) e *Rimas pagãs* (1933), a conferência *Helláda – ninho dos deuses* (1934) e o drama *Feras à solta* (1936), publicando ainda poemas em periódicos lusitanos¹⁰.

No que tange ao monumento a Bento Gonçalves, Mário de Artagão escreveu dois artigos intitulados “A estátua” no jornal rio-grandino *Echo do Sul*¹¹, transcritos em seguida nos quais expressava sua opinião amplamente favorável às posições de Alfredo Ferreira Rodrigues. Além de colega de Rodrigues, nas lides literárias e jornalísticas, Mário de

¹⁰ A respeito do jornalista e poeta, ver: ALVES, Francisco das Neves. O debate político “monarquia X república” o discurso de um intelectual sul-rio-grandense. In: *Anais do XI Encontro Estadual de História*. Rio Grande: FURG, 2012. p. 360-369; ALVES, Francisco das Neves. A produção literária de um poeta sul-rio-grandense: uma breve incursão ao pensamento e à obra de Mário de Artagão. In: *Cadernos literários*. Rio Grande: Editora da FURG, 2011. p. 49-58; ALVES, Francisco das Neves. Um poeta brasileiro no exílio: duas obras de Mário de Artagão escritas e editadas em Lisboa. In: *Navegações: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2014. v. 7. n. 1. p. 40-48; ALVES, Francisco das Neves. História e Literatura: interfaces na obra de um escritor sul-rio-grandense (Mário de Artagão, 1892-1894). In: *Historiae*. Rio Grande: Editora da FURG, 2015. v. 6. n. 1. p. 9-28; FREITAS, José Joaquim de Senna. *Ao veio do tempo (ideias, homens e fatos)*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira Livraria Editora, 1908. p. 347-355; MARTINS. p. 308-309; SARMENTO, José. O grande exilado. In: *Ilustração Portuguesa* – edição semanal do jornal *O Século*. Lisboa, 22 abr. 1907. n. 61. v. 3. p. 489-495; e VILLAS-BÔAS. p. 268.

¹¹ ARTAGÃO, Mário de. A estátua I. In: *Echo do Sul*. Rio Grande, 4 jul. 1904. A. 50 N. 151. p. 1.; e ARTAGÃO, Mário de. A estátua II. In: *Echo do Sul*. Rio Grande, 5 jul. 1904. A. 50 N. 152. p. 1.

Artagão apoiava o camarada também como uma forma de manifestar sua ferrenha oposição ao regime castilhista-borgista, do qual eram partidários os agentes que se opunham às premissas daquele escritor. Mário de Artagão confirmava que, naquele momento, vinha preferindo afastar-se das discussões políticas, mas não deixava de expressar sua opinião sobre o tema específico da localização da estátua. Interessante destacar que os princípios monárquicos do autor apareciam nas linhas e entrelinhas de seus textos, como ao denominar os logradouros municipais pelos nomes que eram conhecidos à época imperial, como Pedro II, D. Isabel e 13 de Maio, sem fazer referência às novas nomenclaturas dos tempos republicanos.

A estátua I

A insistência com que vários amigos me estão pedindo uma franca e pública opinião sobre a escolha do local em que se vai altear a estátua de Bento Gonçalves, exige-me por momento o abandono desse búdico retraimento, a que propositalmente me condenei no gozo olímpico de um egoísmo perverso e vindicativo.

A gente acaba por cansar na lufa-lufa estéril dos esforços dos sonhos. E espanto não pequeno me esmaga, quando vejo um irmão pelo espírito, como Alfredo Ferreira Rodrigues, a cavar alicerces de um monumento, que há sido a sua extenuante preocupação de dois longos anos e que, ideado apenas, ameaça desabar, soterrando para sempre as aspirações de uma têmpera patriótica, aliadas à vibratilidade de uma alma nervosamente artística.

Pertence-lhe a ideia de perpetuar pelo bronze a memória de Bento Gonçalves; é seu, muito seu, todo esse trabalho de pertinácia incansável, à sua pena deve o guerreiro rio-grandense um notável ressurgimento histórico. E não contente em fazê-lo passear através de centenas de páginas triunfantes, entendeu Alfredo Rodrigues que devia ir mais longe: – e foi assim que pensou em casar a sua pena com o escopro de Teixeira Lopes, confiando ao bronze a rijeza da figura que um estilo

adorável soubera plasmar em arrojos de aprumo e aturdimentos de entusiasmo.

É bem de ver, portanto, que a responsabilidade de semelhante cometimento cabe em maior quinhão a Alfredo Ferreira Rodrigues, não sendo lícito acreditar que, em questão secundária de escolha de local, pudesse viciar exigências da arte esse mesmo espírito que tantas demonstrações de capacidade há exibido na estrutura do seu projeto e na concepção colossal do seu herói.

E aqui estou enfrentando o problema que parece ser a preocupação irrequieta de uma boa porção dos meus patrícios.

Antes demais nada: – quais são as proporções da estátua?

Esta singelíssima pergunta é destinada a resolver de chofre a questão.

Um monumento, com pretensões a suggestionar pela verdade artística, não pode fugir às leis de encenação.

Depois da beleza da fatura, a perspectiva é tudo.

Ora, dizendo-se-me que a projetada estátua de Bento Gonçalves, conjuntamente com o pedestal, a custo poderá subir além de sete metros, é intuitivo que, de modo algum, me posso deter na escolha da Praça Tamandaré, como o local mais apropriado a enquadrar o monumento.

As vastas dimensões dessa praça exigem blocos ciclópicos de joalharias de escopro.

Pedem nada menos do que uma massa de granito ou bronze dominando arvoredos e casaria. E só assim, ressaltará o monumento, desafogado, triunfante, respirando a plenos pulmões.

Por isso, não vacilo em dizer que se Bento Gonçalves na extremidade da praça me vai parecer uma minúscula figura decorativa, com mais razão ao centro o julgarei achatado e ridículo no esforço de culminar com o mais raquítico dos álamos circunvizinhos.

Ademais, as estátuas que celebram façanhas de um povo, não se devem esconder no ensombramento da jardinagem.

Querem o sol; querem fitar de frente a imensidade do infinito!

É assim que Nelson, em Trafalgar Square, domina os palácios gigantescos dos assombros londrinos; é assim que Guilherme I, no alto do Niederwald, vê a seus pés a Alemanha ajoelhada; é assim que Dom José, no Terreiro do Paço, avista o grande mar dos deslumbramentos portugueses.

Esta ordem de considerações leva do mesmo modo a condenar a preferência que se quer dar à parte central da Praça D. Isabel.

Subsiste aí com maior espessura o arvoredado atrofiante; e quando além deste argumento, não houvesse atuando como medida de economia a conservação do belo chafariz que ali se admira, bastaria na eliminação de semelhante preferência que se atentasse para o fundo indecoroso em que se esbateria a estátua, e que é tudo quanto a arquitetura tem produzido de mais grotesco e mais chilro no terreno das decorações.

Quero referir-me ao mercado, com a sua frontaria hedionda, arredando nesgas de penitenciária.

Houve também quem trouxesse à discussão o largo da Matriz; e semelhante ideia deve merecer repúdio imediato. O templo, que lhe abarrotava uma das faces, há de ser sempre a nota predominante de interesse, não só pela aridez da feitura desgraciosa e vetusta, como pela monstruosidade da massa, esmagando tudo quanto se esforce por tirar-lhe o predomínio do quadro.

O largo da Matriz, com as suas vielas soturnas e com a fachada carrancuda da igreja, dá-me a impressão do campo santo de Mozart em que Bento Gonçalves passaria a ter o cenho taciturno da estátua do comendador.

MARIO DE ARTAGÃO.

A estátua II

Resumirei as considerações ontem externadas: – Não me seduz o largo da Matriz, porque não há obra de arte que se possa harmonizar com a atmosfera pesada das tredas e vizinhas sacristias; não me

sugestiona a parte central do jardim D. Isabel, porque além do atufamento da ramagem, há para entristecer e apoucar o cenário esse panejamento ao fundo de uma desoladora pobreza decorativa; e por último o senso estético não me permite volver olhos para a Praça Tamandaré, porque se trata dum bloco de estatuária delicadíssima que, tristemente deslocado na vastidão do quadrilátero, teria de suportar a dor de se ver achatado pelas bombas de aeração que ali se aprumam em altura esmagadora.

Não há meios-termos para o perímetro da Praça Tamandaré: – ou o monumento gigantesco desafiando a grandiosidade do templo gótico do Salgado e quejando arcos arquitetônicos em futuro não remoto, ou os bustos singelos que a estatuária sabe miniaturar e que belamente calham no aconchego sonolento das ramagens misteriosas.

Eu poderia levar mais longe o meu passeio de observador. Haveria ainda a estudar as condições das praças do Quartel e Sete de Setembro, muito superiores na exigência artística à discutida preferência que se tem dado aos locais por mim condenados.

Um monumento, que nos fala das façanhas de Bento Gonçalves, vai muito bem na aproximação marcial e ríspida das casernas. Mas eu não me devo abalar a agravar os embaraços da debatida escolha, preferindo confinar-me na letra das discussões travadas e buscar dentre os quatro locais apontados pela comissão, o meio mais harmônico e mais decorativo em que amplamente possa resfolegar a estátua, numa conjugação severa com as leis da perspectiva.

E quando chego a este momento decisivo, manda a lealdade que, sem me deter em vacilações, aponte resolutamente para o ângulo da Praça D. Isabel, que recebe a confluência das ruas Pedro II e Andradas.

É aí que se deve altear a estátua do guerreiro rio-grandense.

Entre as razões principais da minha predileção abandonarei aquela por outros explorada, e que se refere a uma visita mais fácil dos forasteiros, por ser o ponto da cidade para onde de preferência converge a azáfama da população.

É esta uma verdade fora de discussão e que todavia eu não posso deixar de estender a outros logradouros, quando futuramente, com o acréscimo da natalidade e imigração, a cidade firmar o centro na parte que hoje demora nas proximidades do Quartel.

Um monumento em qualquer parte pode canalizar a visitação, desde que a sua feitura se imponha pela perfeição e originalidade à admiração dos estetas.

Mas em se atendendo à atualidade e quando não houvesse esse argumento para preferir o ângulo citado da Praça D. Isabel, bastaria, como ganho de causa, que se apontasse para a encenação do local, que, rasgado pela mais vasta artéria da cidade, está oferecendo uma incomparável perspectiva para um monumento de sete metros de altura, cheio de sutilezas de escopro, digno de ser admirado nas suas mais insignificantes minudências e que aí ressaltaria sobre o fundo do arvoredo numa saliência invejável, sem desproporções, perfeitamente enquadrado, desafiando a atenção sem cansaços e apresentando numa extensão de trezentos metros a linha dos seus contornos, em suave afogamento de luz, nítida e rutilamente triunfante.

Para remover uma pequeníssima objeção que se possa fazer relativamente à coluna comemorativa de 13 de Maio que ali fica ao fundo, sou de opinião que se desloque esse monumento para a extremidade da Praça Tamandaré, onde hoje assenta a pedra fundamental da estátua que nos preocupa. Haverá despesas a fazer com a destruição e reconstrução da coluna, cujo revestimento caprichoso está escondendo a pobreza do material de tijolo.

Mas a arte tem exigências, ante as quais todo o espírito de economia é um insulto baixo que se não perdoa.

Aprume-se a estátua de Bento Gonçalves no local que estou indicando.

A linha secante apenas sacrificará duas árvores, ampla e vantajosamente substituídas por artísticos lampiões a demarcarem os ângulos do quadrado, que apenas em alguns metros avançará sobre o passeio,

oferecendo em grande relevo as linhas fidalgas do precioso monumento.

É aí que Bento Gonçalves deve viver em bronze.

As adjacências guardam com a estátua as severas proporções de uma incomparável harmonia; e voltando-me para qualquer uma das suas faces, eu rigorosamente observo vastidão sem vácuo, trânsito sem insulto, luz sem espalhafato, arvoredos sem demasia e glória sem ridículo!

MARIO DE ARTAGÃO

A autoridade pública – Juvenal Octaviano Miller

Político, militar, romancista, conferencista, jornalista e professor, Juvenal Octaviano Miller (1866-1909), nasceu na cidade do Rio Grande e estudou no Ginásio N. S. da Conceição em São Leopoldo e na Escola Militar de Porto Alegre. Graduou-se no Curso de Estado Maior e Engenharia, seguindo a carreira de engenheiro militar no seu estado natal e no Mato Grosso. Militou na propaganda republicana, tendo fundado o jornal porto-alegrense *A Denúncia*, em 1888. Além de engenheiro, foi professor, atuando no Ginásio São Pedro e no Colégio Corseuil, na capital gaúcha. Foi também secretário da Escola de Militar e um dos fundadores e docente da Escola de Engenharia de Porto Alegre.

Em termos ideológicos, seguiu o ideário conteano, chegando a escrever um romance positivista de nome *Professos* (1899). Publicou também *Discurso na Solenidade do 4º Centenário do Descobrimento do Brasil* (1900), *Discurso na Comemoração do 78º Aniversário da Independência do Brasil* (1900) e *Viagens a Mato Grosso* (1926 – obra póstuma). De acordo com tal tendência ideológica, foi um ardoroso defensor do regime castilhistaborgista, desenvolvendo carreira político-partidária sob esta bandeira. Nessa linha, desempenhou mandatos e cargos públicos, como o de Deputado na Assembleia de Representantes do Rio

Grande do Sul (1901), Deputado Federal pelo seu estado (1903), Intendente Municipal da cidade do Rio Grande (1905-1909) e Vice-Presidente do Estado do Rio Grande do Sul (1908-1909)¹².

Especificamente quanto ao monumento a Bento Gonçalves, Juvenal Miller teve atuação decisiva, chamando para si, como intendente, a responsabilidade pela conclusão da estátua, buscando eliminar os entraves que vinham constantemente adiando a inauguração e estabelecendo os contatos para a efetivação de tal ato. Acabaria por não assistir aos atos inaugurais, falecendo poucos dias antes da data marcada. Em um dos relatórios de sua lavra, foi publicada uma rubrica específica em relação ao monumento¹³, no qual o intendente busca realizar um histórico dos passos até então promovidos em relação ao erguimento da estátua.

De acordo com a postura política que defendia, caracterizada pela centralização administrativa, Juvenal Miller buscava dar a palavra final, aparando as arestas e determinando soluções para que a estátua fosse colocada em praça pública. Além de historiar os diversos acontecimentos que antecederam a sua posse como presidente da comissão promotora do monumento, com destaque para a gênese do processo, patrocinada por um parente seu que governara o município, o intendente teve especial preocupação em expressar os gastos com a estátua, também de acordo com a linha castilhista de ampla divulgação das contas públicas. Para Miller, a homenagem realizada a Bento Gonçalves estava associada aos precursores da forma republicana que, segundo a concepção governista, estavam encarnados na figura dos farroupilhas, solicitando textualmente a associação entre o 20 de setembro e o 15 de novembro. Ao transcrever as correspondências trocadas, Juvenal Octa-

¹² Dados biográficos do militar, político e escritor podem ser verificados em: MARTINS. p. 369-370; e VILLAS-BÔAS. p. 320.

¹³ MILLER, Juvenal Octaviano. Monumento a Bento Gonçalves. In: *Relatório do intendente do município apresentando ao Conselho Municipal, em Sessão de 1º de setembro de 1906 e correspondente ao período de 1º de julho de 1905 a 30 de junho de 1907*. Rio Grande: Oficinas d'O Intransigente, 1907. p. 15-22.

viano Miller foi um dos que melhor expressou os diálogos travados com o escultor Antônio Teixeira Lopes.

Monumento a Bento Gonçalves

Em 20 de setembro de 1900, com o patrocínio do então intendente, Dr. Conrado Miller de Campos, e iniciativa do culto espírito do Sr. Alfredo Ferreira Rodrigues, começou-se nesta cidade a propaganda para a ereção de um monumento que perpetuasse no bronze os feitos memoráveis da geração de 1835 que, chefiada pelo general Bento Gonçalves, durante um decênio esforçou-se valorosamente pela vitória da causa republicana no solo rio-grandense.

Essa justa homenagem, bela lição de civismo e generoso preito de gratidão, encontrou, desde logo, a mais decisiva aprovação do povo desta cidade.

A cívica tentativa teve prática consagração na solene recepção dos restos mortais do bravo general, entregues aos cuidados desvelados da Intendência deste município pelo herdeiro do glorioso nome, senhor Joaquim Gonçalves da Silva, único filho sobrevivente do heroico chefe revolucionário.

Durante algum tempo a comissão incumbida de levar a efeito o patriótico tentame e composta do mesmo intendente, do Dr. Arlindo da Costa Corrêa Leite e do referido Sr. Alfredo Ferreira Rodrigues, eficazmente agiu no desempenho da honrosa tarefa.

A ausência de um dos membros da comissão e a próxima retirada de outro, deixaram isolado o Sr. Alfredo Rodrigues e, *ipso facto*, bem arriscados de longa paralização os trabalhos tão auspiciosamente encetados com uma solenidade que, dizem-me os que a assistiram, teve desusado brilho, graças aos esforços do partido republicano deste município, chefiado então pelo Dr. Conrado.

Havia nesta cidade, porém, uma alma sinceramente republicana que, do retiro a que se obrigara, triste e desolada via o esquecimento em que se ia envolvendo a causa que, desde o primeiro instante, de

intenso júbilo invadira o seu coração patriótico e cheio de puro afeto pelos descendentes do impávido general.

Os insucessos, longe de quebrantarem-lhe o ânimo varonil, deram-lhe ainda mais forças, e ele, que até então não agira ativamente em prol do cometimento que tanto o entusiasmava, decidiu-se a procurar o Sr. Alfredo Rodrigues e oferecer-se para afastar os empecilhos oriundos de acontecimentos que se haviam desenrolado nesta cidade. E em campo entrou o Sr. coronel Ignácio Xavier de Azambuja, substituindo na comissão o Dr. Arlindo Corrêa Leite, e, nesse caráter, indo lembrar ao major Assumpção que a investidura de intendente fazia-o presidente da comissão promotora do monumento a Bento Gonçalves.

E este saudoso homem político trouxe para o seio da comissão o ativo prestígio que parecera ter desaparecido com a ausência do seu antecessor.

Foi a fase mais prolífera em conquistas práticas, porque aos três membros já citados veio unir-se a ilustrada coadjuvação dos coronéis Virgilino José da Porciúncula Júnior, vosso acatado presidente e Antônio Ilha Moreira, benquisto oficial do exército.

A comissão que até então, em junho de 1903, só conseguira donativos na importância de 4:101\$400, em abril de 1904, havia obtido a bela soma de 19:824\$000.

Com essa quantia, julgando-se habilitada à ereção do monumento, deliberou a comissão, afinal, escolher o artista que no bronze cinzelasse a figura varonil do primeiro presidente de um estado republicano implantado no território do Império, evidenciando, em uma luta homérica, o seu alto valor pessoal e a rija têmpera dos bravos que o ajudaram em semelhante empresa.

No livro – brasileiros narram a epopeia grandiloqua; no bronze fora essa tarefa destinada ao escultor Teixeira Lopes, o original artista português, cabendo assim ao luso buril traçar com carinhoso amor o vulto que concretizou os feitos gloriosos dos descendentes dos heróis famosos que na terra de Santa Cruz encontraram, afinal o doirado rei-

no do Preste João, sonhado, em longas noites de vigília, pelo infante D. Henrique.

Escolhido o escultor, foi com ele lavrado o respectivo contrato, sendo a comissão representada, por procuração, pela firma Cardoso, Moreira & C. da cidade do Porto, e que desinteressados e bons serviços tem a ela prestado, graças às relações que ligam o Sr. Joaquim Fernandes Moreira à nossa terra e ao Sr. coronel Virgilino José da Porciúncula Júnior.

Muito longe estava ainda o monumento de partir do atelier de Vila Nova de Gaia, embora já pagas duas prestações, e aqui, por uma questão de local onde deveria assentar o atestado brilhante da nossa admiração pelo legendário republicano, abandonara a comissão o seu talentoso secretário, Sr. Alfredo Ferreira Rodrigues, que foi substituído pelo ilustre Dr. Afonso Ramos Corrêa.

Surgiram depois desinteligências com Teixeira Lopes a propósito da figura principal do monumento e, mais tarde, por modificações introduzidas que aumentavam as despesas por tal forma, que insuficientes eram os fundos angariados.

Tão constristadores fatos, que tanto contribuíram para a demora na prontificação, são oriundos da grande falta cometida em ser lavrado o contrato, pagas mesmo duas prestações na importância de 15:223\$480 réis, sem que estivesse definitivamente aprovado o projeto do monumento.

Depois vem o falecimento do major Assumpção que, por dever do cargo de intendente, era o presidente da comissão, e, logo após, ausenta-se desta cidade o coronel Ilha Moreira.

Assumo a Intendência e, poucos meses depois, a presidência da comissão promotora do monumento, composta dos coronéis Virgilino José da Porciúncula Júnior e Ignácio Xavier de Azambuja e Dr. Afonso Ramos Corrêa.

Os meus afazeres, o estado precário do tesouro, a ignorância completa dos sucessos que se haviam desenrolado com o escultor, deixaram-me durante algum tempo na expectativa.

Aproximava-se o dia 20 de setembro de 1906, o prazo para a entrega do monumento ultrapassara de dois longos anos e a comissão deliberou passar o seguinte telegrama aos nossos procuradores:

“Data que o monumento Bento Gonçalves comemorará vimos vosso intermédio protestar perante estatutário falta compromissos assumidos. (Ass). Comissão. Rio Grande, 20 de setembro de 1906.”

Em 28 de outubro de 1906, chegou-nos a seguinte carta, firmada pelo eminente escultor:

“Ilmos. e Exmos. Srs. É a primeira vez que me dirigem tal censura! A comissão deveria ter tido de princípio uma ideia nítida do que desejava para que não houvesse coisas a acrescentar e a corta constantemente do projeto. As demoras e delongas são devidas exclusivamente à comissão. Eu por meu lado já teria mandado tudo para lá e teria entrado no embolso completo da quantia que custa tal monumento.

V. Exas. sabem porém que, acima do negócio, ponho eu a minha reputação e não me desviarei um momento daqui.

O contrato feito com a comissão caducou pelo fato de ter sido por ela alterado. Hoje o meu propósito único é terminar o melhor possível a minha obra e ela irá quando eu a julgar digna disso. Acima de tudo está este assunto, que a mim interessa mais do que a ninguém.

O pedestal está concluído e se V. Exa. dá ordem encaixota-se imediatamente e segue, porque a estátua e ornamentações só depois dele armado no local é que poderão ser assentes. Tratam do assentamento imediato das pedras que formam o pedestal e têm tempo de receber a estátua e seus pertences. Vou mandar aí uma pessoa a entender-se com V. Exa. sobre a maneira de fazer-se o transporte para o Rio Grande.

De V. Exas. muito att^o. obrg^o. Antônio Teixeira Lopes. – 23 de setembro de 1906.”

Contestei nos seguintes termos:

“Rio Grande, 19 de novembro de 1906. – Exmo. Sr. Teixeira Lopes. – Tendo assumido recentemente o cargo de presidente da comissão promotora do monumento a Bento Gonçalves e exercendo o

cargo de intendente municipal, estou empenhado em ver, quanto antes, inaugurado, em meu torrão natal, o trabalho estético do ilustre autor do monumento a Eça de Queiroz. Mais do que supondes em vossa pátria, nós os brasileiros acompanhamos com fervor crescente o movimento literário e artístico do moderno Portugal, pelo que, desde a minha juventude, voto um verdadeiro culto ao notável escritor que seria uma glória universal se não houvesse escrito as suas obras monumentais no idioma menos lido de toda a Europa contemporânea. Também, há alguns anos, nas revistas europeias, acompanho, nas exposições do Salon, os vossos trabalhos sempre notáveis pela arrojada concepção.

Depois que ligastes o vosso nome de artista emérito ao do invejável autor do *Crime do Padre Amaro* e dos *Maias*, comecei a ter por vós uma verdadeira admiração.

Foi, pois, com intensa satisfação, que soube vos ter sido entregue a confecção do monumento a Bento Gonçalves. Alheio, porém, ao que se dava no seio da comissão, atribuí a demora da vinda do monumento ao natural descuido das almas eminentemente artísticas que não se podem, como um filisteu qualquer, prender à letra dos contratos.

‘A recompensa da demora teremos na concepção genial e no estético cinzelamento desse monumento’, dizia eu em roda de amigos, tendo a iluminar-me nesse instante a contemplação subjetiva do manto diáfano da fantasia brotando daquele olhar de míope emergindo com tamanha verdade do bloco trabalhado pelo vosso buril tão festejado.

Infelizmente, conheci agora ser a demora proveniente de desinteligências oriundas de haver sido realizado o contrato sem que a comissão tivesse uma fotografia do conjunto, como verifiquei por vossa carta de 1º de agosto de 1904, quase três meses após o recebimento da primeira prestação, no valor, de 2:112\$8000 rs. moeda portuguesa.

Soube também, com desprazer, que uma outra prestação, no valor de 2:063\$100, da mesma moeda, vos foi entregue, de acordo com o contrato, ainda sem que a comissão possuísse a mais insignificante maquete ou mesmo uma simples fotografia do conjunto. Igualmen-

te, acaba agora de ler a carta que dirigistes aos nossos procuradores, Srs. Cardoso, Moreira & C., afirmando que o contrato caducou.

A comissão, tanto quanto se depreende do arquivo, cumpriu escrupulosamente o contrato e, portanto, considero tal afirmação como uma simples tirada *pour epater les bourgeois*. Demais bem sei que para um artista do vosso merecimento, acima de qualquer contrato, está a responsabilidade de um grande nome. Tanto assim é que logo adiante dizeis: 'Hoje o meu propósito único é terminar o melhor possível a minha obra e ela irá quando eu a julgar digna disso.'

Desse propósito, que sabemos bem aquilatar, queremos, os da comissão, facilitar-vos ainda mais a vossa gloriosa missão, resolvendo, por terem melhorado as condições pecuniárias, aceitar o monumento com a alegoria dos leões.

Tanto quanto me é possível pelos documentos do arquivo reconstituir o monumento, constará ele da figura principal, a alegoria do grupo dos leões, o motivo decorativo e os medalhões de Garibaldi e Netto.

Quanto à soma que vos ficamos restando, suponho ser:

2:324\$100, do contrato primitivo;

2:500\$000, do grupo dos leões;

700\$000, dos dois medalhões.

5:524\$100

Se for possível, na face correspondente ao grupo dos leões, colocar as datas 20 de setembro – 15 de novembro, julgamos exprimirá, então, mais nitidamente, essa alegoria, a continuidade histórica, evidenciando que a ideia pela qual se batiam os heróis de 1835 persistiu até a completa vitória obtida pelos legionários de 1889. Ficará assim o monumento digno do vosso renome, da confiança depositada na comissão e do acontecimento a comemorar.

Cremos ter, por todas as formas, contribuído para que desapareçam afinal 'as desinteligências', dando lugar a que, sem empecilhos, deixeis correr sobre o molde frio a rubra concepção do gênio em cintilantes fulgurações. De Vossa Excelência, admirador sincero. Juvenal Octaviano Miller."

Essa resolução de mandar vir o grupo dos leões, foi tomada pela comissão, que para isso não tinha fundos suficientes, por nos havermos obrigado, eu e o vosso ilustrado presidente coronel Virgilino José da Porciúncula Júnior, obtermos convosco fossem votados os subsídios necessários para ser satisfeita condignamente a vontade dos habitantes desta cidade.

A 23 de março do corrente ano, contestou-nos o estatuário com a carta abaixo:

“Vila Nova de Gaia, 12 de fevereiro de 1907. – Ilmo. e Exmo. Sr. – Tive muita satisfação por ver que podemos, finalmente, depois de tantos contratempos, fazendo e desfazendo motivos decorativos, chegar a um acordo e levar a cabo nossa obra como eu a havia planeado.

Pela carta de V. Exa. vejo também ter sido muitíssimo acertada a escolha do novo presidente que, como pessoa altamente ilustrada, tendo um bom gosto artístico, me ajudará a que o monumento a Bento Gonçalves possa ser uma obra à altura dos desejos de nós todos.

Em princípio tratei com um cavalheiro daí, o Sr. Alfredo Rodrigues, que muito me auxiliou; mas, infelizmente, deixou de fazer parte da comissão e isso prejudicou e retardou consideravelmente os trabalhos, porque tive de modificar por diferentes vezes e sempre para pior.

No desejo de fazer o grupo dos leões, dei um preço muito por baixo, preço que agora mantenho, está claro, mas nem assim o quizeram. Sujeitei-me a perder o trabalho dos estudos por diversas vezes, mas não tenho outra pena que não fosse a de ver prejudicar-se nossa obra como aspecto geral e o aspecto geral de um destes trabalhos é a parte mais importante.

Tenho concluída a estátua de Bento Gonçalves, assim como os dois medalhões de Garibaldi e Neto, assim como já está terminado o motivo decorativo que há de ornar a parte posterior. Estou agora modelando os leões no tamanho em que hão de ficar. Tenho, porém, uma importante observação a fazer a VV. EExas, que é a altura da sua colocação no pedestal. Para o motivo decorativo estava bem a base, mas agora teremos de elevar esse pedestal na base de um metro, pelo

menos, evitando assim que eles fiquem muito baixos, o que seria um grande contratempo. Além disso, não perderá a composição geral em ser toda elevada desse metro. Todo o pedestal está já concluído e encaixotado para seguir. O aumento a fazer seria nos degraus da base. Desejam VV. EExas. que esses degraus sejam feitos aqui no mesmo granito? Para evitar delongas pedia um telegrama neste sentido. Sendo aqui feitos não ficarão caros; apenas o encaixotamento e transporte os faz mais dispendiosos. Se virem, porém, que os podem aí executar, eu lhes mando as indicações necessárias. O pior é, a meu ver, a diferença da pedra em sua cor e qualidade. Propus aos seus correspondentes mandar-se já o pedestal, para que sem perda de tempo ele se fosse aí colocando, porque as esculturas seriam colocadas no último tempo. Parece-me isto muito melhor e creio que eles já escreveram neste sentido a VV. EExas.

De resto estou o mais animado possível e repito que, apesar de tantas contrariedades nós havemos de dar a essa linda terra uma obra que não nos envergonhe.

Com os meus cumprimentos e com toda a minha consideração e agradecimento. Antônio Teixeira Lopes.

Tendo os nossos correspondentes na cidade do Porto comunicado que já se achavam encaixotadas as partes constituintes do pedestal, em carta de 19 de maio, autorizamos a remessa e requeremos ao Exmo. Sr. ministro da Fazenda a isenção de direitos.

Em breves dias, pois, aqui estará o pedestal do monumento que, pelo voto popular expresso em documento firmado pelos nomes mais respeitáveis desta cidade, será erigido na Praça Tamandaré.

O jornalismo – repercussões junto à imprensa

Nos primórdios do século XX, a imprensa no Brasil passava por uma fase de transição. Progressivamente, no periodismo brasileiro, os jornais mais tradicionais, vinculados a firmas médias e pequenas, de âmbito normalmente local, vinham cada vez mais sendo substituídos

por publicações organizadas em moldes empresariais, melhor organizadas tipográfica e financeiramente, desenvolvendo-se uma centralização e concentração das atividades jornalísticas, pelas quais os grandes periódicos das cidades maiores vinham ganhando espaço em detrimento das folhas locais. Tal processo não significou o desaparecimento dos periódicos publicados nos centros menores, entretanto, a concorrência do jornalismo empresarial se tornaria cada vez mais restritiva, em uma conjuntura que se aprofundaria nas décadas seguintes.

No âmbito do jornalismo da cidade do Rio Grande, esta perspectiva já se fazia sentir, de modo que, nos primeiros decênios dos Novecentos, os representantes da pequena imprensa sofreram decisivo refluxo, ao passo que jornais tradicionais que já circulavam por décadas, como o *Diário do Rio Grande* e o *Artista* viriam a desaparecer. Dos periódicos mais antigos, só o *Echo do Sul* conseguiu adaptar-se aos novos tempos, garantindo uma sobrevida ainda por alguns anos. Já no alvorecer da nova centúria, duas novas publicações passariam a ser editadas no contexto citadino, *O Intransigente* e *O Tempo*. Em relação ao monumento a Bento Gonçalves, notadamente no que tange ao ato inaugural da estátua, o periodismo rio-grandino variou sua abordagem entre um caráter informativo-descritivo e uma manifestação menos ou mais velada de suas convicções político-partidárias.

Diário do Rio Grande

O *Diário do Rio Grande* (1848-1910) foi um dos mais longevos jornais rio-grandinos. Ao longo de sua existência, intentou manter uma postura na qual deveria prevalecer o primado da notícia, expressando suas convicções partidárias em períodos mais específicos e delimitados cronologicamente. Ainda assim, no período imperial, teve duas fases distintas, nas quais militou primeiramente ao lado dos conservadores, para, depois, com uma mudança de proprietário, passar a defender os liberais. Com a mudança da forma de governo e as políticas repressivas dos primeiros tempos republicanos, buscou adotar um comportamento ainda mais informativo e apolítico. Tal característica ficava evidenciada

à época da inauguração do monumento a Bento Gonçalves, quando se declarava um “órgão popular independente”. Quanto ao tema, nos artigos transcritos abaixo, manteve uma linha descritiva e foi uma das folhas que mais destacou o papel do escultor português.

20 DE SETEMBRO – Bento Gonçalves e Garibaldi¹⁴

A data de amanhã tem recordações formosas para o Rio Grande republicano e para a Itália unida.

Para um lembra o estalar da gloriosa luta de 1835 em que o Rio Grande do Sul, pela bravura assombrosa de seus filhos, mostrou ao mundo inteiro como ele sabe amar e defender os seus ideais de liberdade e fraternidade, em nome de uma forma governativa mais consentânea com o altivo do caráter do povo americano.

Para a Itália, recorda o 20 de Setembro o feito extraordinário da entrada das tropas italianas ao mando do general Cadorna pela Porta Pia e a proclamação da sua unidade política. (...) [trecho referente apenas à unificação italiana]

Para os heróis de 30 de Setembro, o povo rio-grandense e o povo italiano têm ainda hoje manifestações de profundo e imanente carinho.

O famoso *condotieri* italiano já está sagrado entre os grandes da sua pátria, quer nas lendas históricas, quer na perpetuação brônzea de estátuas e monumentos rememorativos e mais ainda: no coração de todos os italianos patriotas.

O herói rio-grandense de 35, o general Bento Gonçalves da Silva tem também o seu lugar de honra no coração daqueles que amam a liberdade e estão identificados com os princípios políticos que levaram o general farroupilha a lutar com ardor contra os brasões do 2º império e contra a forma republicana parlamentar – que em 1835 dominava desde as cabeceiras do Amazonas até à barra do Chuí.

Para o bronze que afrontando os tempos o apontará as gerações vindouras, passa agora o chefe do movimento revolucionário de 35.

¹⁴ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 19 set. 1909. A. 61. N. 864. p. 1.

E esse ato solene terá lugar amanhã à 1 hora da tarde, não se revestindo da pomposidade que devia ter, devido à morte do Dr. Juvenal Miller, presidente efetivo da comissão promotora do levantamento da estátua.

Verá, pois o Rio Grande realizada uma de suas muitas aspirações e dotada a grande e belíssima Praça Tamandaré com uma obra de arte e patriotismo a atestar: por um lado a fina manifestação do talento de estatuário lusitano que soube dar vida e destaque à figura do herói dos Pampas, no famoso decênio de lutas que se desdobraram em nome de uma ideia só vitoriosa 54 anos depois, e, por outro, os esforços patrióticos, a dedicação e o trabalho afanoso de uma distinta comissão de rio-grandenses, da qual será uma prova de justiça destacarmos o ilustrado Sr. Alfredo Ferreira Rodrigues, a quem muito deve o êxito do cometimento grandioso que o Rio Grande amanhã comemorará no terreno de suas conquistas patrióticas e progressivas.

O *Diário*, lembrando a data de amanhã, rende o preito de sua veneração cívica à memória dos dois vultos: Bento Gonçalves e José Garibaldi, heróis cujas glórias aliás distintas se confundem pelo traço de união existente como lutadores que foram em prol da liberdade de suas pátrias e já porque também juntos pelejaram neste recanto da América do Sul, participando das mesmas derrotas e das mesmas vitórias.

Ao Rio Grande do Sul e à Itália, as nossas cordiais saudações antecipadas.

Os restos mortais do general Bento Gonçalves da Silva foram entregues ao município do Rio Grande no ano de 1900, sendo intendente o Dr. Conrado Miller de Campos.

Trouxe-os o filho do extinto guerreiro, Sr. capitão Joaquim Gonçalves da Silva.

A estátua que amanhã se inaugurará foi trabalhada pelo ilustre artista português Sr. Teixeira Lopes.

Sobre a mesma já demos em tempo oportuno minuciosas informações.

Feita por subscrição popular, concorreram também os cofres do município com elevada soma, votada há tempo, pelo conselho.

A pedra fundamental fora lançada em 20 de setembro de 1901, sendo que o ato foi solene.

O filho do general Bento Gonçalves, Sr. capitão Joaquim Gonçalves, residente em Santa Rosa, será representado nas solenidades de amanhã pelo respeitável cavalheiro Sr. Inácio de Azambuja, um dos esforçados membros da comissão promotora do levantamento da estátua.

Para o ato são convidadas autoridades civis e militares, corpo consular, associações, imprensa e o povo em geral.

Uma comissão de *garibaldinos* italianos irá levar uma coroa que os patrícios de Garibaldi residentes entre nós oferecem a Bento Gonçalves.

Será orador oficial da solenidade o Dr. Vaz Dias Júnior.

Durante o ato formará uma força do 9º batalhão de artilharia aqui estacionado.

A estátua será descerrada pelo Sr. coronel Rosalvo Azevedo, vice-intendente em exercício e membro da comissão promotora do monumento.

Uma banda de música tocará o hino de 35.

20 DE SETEMBRO – Bento Gonçalves – a inauguração da estátua¹⁵

Passou-se anteontem em meio da recordação vivaz dos contemporâneos a relembração do fato histórico de 1835, quando o general gaúcho Bento Gonçalves da Silva deu o grito de revolta contra o império e em nome da liberdade.

Para comemorá-lo houve as costumadas festas públicas resumidas no embandeiramento de edifícios estaduais e municipais e iluminação à noite com retreta na Praça General Telles.

O fato maior do dia, para nós, os rio-grandenses, foi a inauguração da estátua de Bento Gonçalves à Praça Marquês de Tamandaré, para onde o povo se canalizou durante a tarde e a noite a contemplar o brônzeo monumento esculturado pelo notável artista português Teixeira Lopes com a maior competência e verdadeiro gosto artístico.

Conheciamo-lo através das descrições que chegavam até nós procedentes do atelier do estatuário em Vila Nova de Gaia.

¹⁵ *DIÁRIO DO RIO GRANDE*. Rio Grande, 22 set. 1909. A. 61. N. 865. p. 1.

Eram, porém, unicamente, as suposições dos delineamentos e do vigor artístico do trabalho que o Rio Grande encomendara o que nos trabalhava na imaginação.

Agora, temos sob os olhos a obra de Teixeira Lopes e podemos afirmar que ela bem se nivela à fama do artista que a moldou.

A figura do guerreiro é impressionante pelo gesto largo e heroico e pela verdade descritiva do tipo, raça, momento histórico e demais agentes que influíram para o acabamento daquele trabalho que o artista executou apenas com o auxílio de fotografias e dados explicativos de um fato ocorrido há muitas décadas num para ele desconhecido recanto da América do Sul.

Acompanham Bento Gonçalves na perpetuidade do bronze dois companheiros dedicados nas refegas sangrentas de 35; são eles os generais Netto e Garibaldi que condecoram com os seus bustos também moldados no bronze, o meio-corpo do pedestal.

No primeiro plano e sob os pés de Bento Gonçalves, está o soberbo grupo de leões; pela parte superior e, no mesmo plano, coroas e palmas simbólicas, tudo de bronze, estão sobre a inscrição ofertiva: “Ao general Bento Gonçalves, o povo do Rio Grande. 20 de setembro de 1835-1909”.

Temos para nós que o pedestal deverá ser mais elevado e menos vultuoso.

Será isto talvez a impressão recebida de momento e dadas as circunstâncias do local que está sendo dominado pela luxuriosa vegetação que se lhe desenvolve em torno.

Isso, porém, em nada desmerece a obra de arte confiada ao ilustre escultor português Teixeira Lopes, que a executou com essa superioridade invejável que põe em destaque os gênios no seio glorioso da arte universal.

A inauguração

À hora aprazada e na presença de autoridades civis e militares, corpo consular, representantes de muitas sociedades locais e classes populares, o Sr. tenente-coronel Dr. Trajano Lopes, como representante do Dr. presidente do estado, foi convidado pelo Sr. coronel Virgilino Porciúncula que representava o tenente-coronel Rosalvo Azevedo, vice-intendente municipal em exercício, e que se encontrava enfermo, a assumir a presidência da solenidade que ia ter lugar.

Logo após, o Dr. Trajano fez descer o panejamento tricolor farroupilha que revestia o monumento, levantando vivas à memória de Bento Gonçalves, ao Rio Grande e à república.

As bandas presentes dos Aprendizes Marinheiros, Gioacchino Rosini e União Musical tocaram o hino de 35 e muitas palmas repercutiram no local.

Dada a palavra ao orador oficial Sr. Dr. Vaz Dias Júnior, este talentoso contrerrâneo pronunciou elegante discurso sobre a tocante cerimônia que se efetuava, perorando brilhantemente sobre a figura do herói que representa um ensinamento de alto valor às gerações vindouras, quer pela sua personalidade de guerreiro inteligente e denodado, quer pela integridade de seus ideais de liberdade e fraternidade.

Seguiram com a palavra respectivamente:

A inteligente menina Odete Pereira, que de junto do grupo de leões pronunciou bonito discurso análogo ao ato;

O Sr. Benjamin do Canto Filho, em nome e como representante do município de D. Pedrito;

O Sr. Francisco Guimarães Filho, que pronunciou longo e entusiástico discurso em nome da mocidade;

O Sr. cav. Ricardo Giovannini, oferecendo em tocante alocução fraternal uma coroa e palma de bronze para ser colocada, em nome da colônia italiana aqui residente, junto ao monumento de Bento Gonçalves.

Esse belo mimo foi conduzido até aquele local em palanquim carregado pelos meninos Atílio Capuano, Arthur Gentili, Francisco Schiafino

Filho e Carlos Schiafino, vestido à moda garibaldina.

Também a oficialidade do aviso *Oiapoque* ofereceu bela coroa de flores naturais tendo pendentes fitas das cores rio-grandenses com inscrição expressiva.

Pelo Sr. coronel Virgilino Porciúncula, presidente do conselho e membro da comissão promotora do monumento, foram agradecidas essas homenagens.

Em seguida foi lavrada uma ata da inauguração pelo secretário do município, Sr. capitão Leonel Constantino Romeu, sendo esse documento assinado por grande número das pessoas presentes, inclusive o corpo consular, autoridades, etc.

Competentemente uniformizada e tendo as armas enfeitadas com fitas das cores rio-grandenses, prestou continência à estátua, uma força de bordo do navio *Oiapoque*, sob o comando do Sr. 1º tenente Pinna.

Também o 9º batalhão deu guarda de honra, sob o comando do Sr. tenente Virgílio Braga.

Tocaram alternada e conjuntamente, por vezes os hinos nacional, da república, de 35 e marcha real italiana, as bandas da Escola de Aprendizes Marinheiros, Gioacchino Rossini e União Musical.

O policiamento por ocasião da solenidade foi de uma demasiada tolerância: havia entre a multidão um cidadão estrangeiro que, provavelmente bastante alcoolizado, perturbava a palavra dos oradores com apartes atoleimados.

Infelizmente muitos dos circunstantes faziam coro com o pobre bêbado, rindo-se parvamente!

Ao derredor da estátua havia ligeiro e modesto embandeiramento, pois tendo falecido há pouco tempo o presidente da comissão do monumento, a pompa festiva foi restringida, conforme dissemos.

A comissão da colônia italiana que fez entrega da coroa e palma de bronze, era composta pelos Srs. Ricardo Giovannini, Francisco Acurso, José Gervasi, Augusto Dante, Rafael Anselmi, Roco Caprio, Vicente Pinto, Alexandre Fingallo, Rafael Marsiglia e Luiz Loréa.

Durante todo o resto da tarde, a Praça Tamandaré foi assaz concorrida, dando, ali, retreta até à noite a banda musical Lira Artística.

Houve iluminação farta, a gás corrente, em arcos em todas as confluências das alamedas e globos de cores verde, amarela e encarnada.

À mesa que presidia a solenidade tomaram lugar os Srs. tenente-coronel Dr. Trajano Lopes, representante do Sr. presidente do estado; coronéis Virgilino Porciúncula, membro da comissão promotora e representante do Sr. vice-intendente em exercício e major Joaquim Gonçalves da Silva, filho do general Bento Gonçalves; capitão Leonel Romeu, secretário do município e o nosso ilustrado patrício Sr. Alfredo Ferreira Rodrigues, um dos iniciadores da ideia que naquele momento tinha a sua anelada realização.

Finalizando esta imperfeita notícia, o *Diário* envia calorosas felicitações à comissão promotora e ao povo do Rio Grande, pela inauguração desse monumento de patriotismo e de arte.

A Teixeira Lopes foi enviado este telegrama:

Vila Nova de Gaia, 20 de setembro – Teixeira Lopes – Monumento inaugurado. Efeito sensacional. Congratulações. – *Comissão*.

#####

Echo do Sul

Dentre os jornais diários rio-grandinos o *Echo do Sul* (1858-1934) esteve entre os mais longevos e tradicionais. Desde as suas origens teve uma postura significativamente engajada à causa conservadora, chegando a atuar como órgão partidário. Com a transformação política brasileira ocorrida em novembro de 1889, o periódico teve de rearranjar suas construções discursivas, variando sua postura de um apoio inicial à república, para depois, colocar-se ao lado dos dissidentes republicanos e, finalmente, lutar ao lado dos federalistas. Nesse sentido, o *Echo* não só atuou na oposição, como na resistência ao regime castilhistaborgista, sofrendo dura perseguição por conta de tal posição. Por ocasião dos atos inaugurais do monumento a Bento Gonçalves, a folha já anunciara uma nova etapa, dita independente e apartidária, sem, entretanto, afastar-se integralmente de suas convicções, as quais ficaram bem expressas nas linhas e/ou entrelinhas das notícias acerca do tema. Dentre os vários textos publicados pelo

periódico, foram transcritos um específico sobre o escultor português e aqueles que noticiavam a inauguração.

TEIXEIRA LOPES¹⁶

Vai hoje reproduzido no *Echo do Sul* o retrato de Teixeira Lopes, o escultor de celebridade mundial, que emprestará o cunho do seu talento ao monumento que se vai erigir à memória de Bento Gonçalves.

A comissão andou acertadamente, pois o projeto honra o autor ilustre e honra a cidade do Rio Grande.

É a alma portuguesa casada com o patriotismo brasileiro!

Teixeira Lopes é, como todos os grandes artistas, um homem de poesia e de sonho, a quem se conhece duas fases: – uma lírica, a qual, o dizer de Raul Brandão, pertencem todas as deliciosas cabeças de velhinhos e crianças e todas as esculturas que vêm até o espantoso fragmento do túmulo de Oliveira Martins – a figura da História; outra que abre com essa prodigiosa e grande obra de arte e que deu a Portugal a glória de contar um escultor igual aos maiores do globo.

Entre os trabalhos de Teixeira Lopes destacam-se:

Jesus Cristo, subindo ao Calvário, em caminho da morte, para a igreja de Aveiro.

O poderoso gênio do artista conseguiu evocar, dar vida dentro em nós, essa espantosa tragédia de bondade, de altruísmo, de sofrimento.

A *Viúva*, belo grupo que na Exposição Internacional de Berlim de 1896 foi premiado com medalha de ouro e é formado por uma mulher sentada, tendo ao lado um berço e, nele, uma criança em pé que se lhe suspende ao seio. Essa mulher do povo que perdera o seu homem e se encontra paralisada pela dor a ponto de não poder chorar é chamada à vida pelo filhinho a quem amamenta. Na obra de Teixeira Lopes

¹⁶ *ECHO DO SUL*. Rio Grande, 19 mar. 1904. A. 50. N. 65. p. 1.

a maior intensidade concentra-se justamente na deliciosa criança que instintivamente e com esforço se ergue do berço em procura do seio materno; e isto porque essa criança, maravilha de graça e de delicadíssima ternura, contrasta fortemente com a mãe robusta, maciça, sem idealidades, em quem a dor se manifesta naturalmente, duma forma apática e apenas no olhar alucinado e vago, nos sulcos fundos da face e no entreabrir amargo e trêmulo da boca que nem geme.

Em 1894 modelou Teixeira Lopes a maquete para a estátua de Soares dos Reis, destinada ao monumento de Gaia.

Nesta concepção o artista reuniu, debaixo dum intenso sentimento de admiração pelo mestre querido, as obras em que este, pode dizer-se, se representou a si sob os aspectos da ambição artística que o animara em criança e da desolação moral em que viveu feito homem.

Em 1895, foi a Paris fundir em bronze a estátua *A História* para o monumento de Oliveira Martins e as portas para a igreja da Candelária do Rio de Janeiro.

De 1896 em diante;

A Dor, estátua maior que o natural, destinado a um túmulo. É uma figura de mulher, envolvida numa túnica de largas dobras que lhe deixa o colo e os braços a descoberto; jaz prostrada por terra, junto da *Porta de bronze* da eternidade, para além da qual não há esperança de voltar, porta que só se abre para entrar e, à qual a escultural e alegórica figura encosta a cabeça descaída, num desânimo profundo, admirável e fortemente expresso pela atitude.

Santo Isidoro de Sevilha, magnífico exemplo de escultura cristã; após o *Caim*, a *Santa Isabel de Portugal* e a *Caridade* que o artista concebeu na sua mais intensa fase de renúncia ao mundo, a da mulher que se torna feia, que repele todos os seus mais belos adornos para se consagrar ao amor divino, para ir para o reino do céu.

Em 9 de novembro de 1903 o monumento que os amigos e admiradores de Eça de Queiroz lhe consagraram e do qual o talento de Teixeira Lopes fez uma das mais eloquentes e comovedoras obras da escultura portuguesa.

BENTO GONÇALVES¹⁷

O Rio Grande do Sul vai comemorar depois de amanhã a sua data mais brilhante, a que, com maior cópia de exemplos, documenta a sua tradição gloriosa.

O 20 de Setembro marca, de fato, o surgimento de um povo, preparado para todas as conquistas de liberdade.

Bento Gonçalves da Silva, o glorioso herói da cruzada que se iniciou nesse dia, em 1835, ao sair para as coxilhas a reivindicar a liberdade, o direito, a razão, a justiça, então como hoje sonogados pela prepotência desenvolta, pela tirania disfarçada, escreveu, a golpes de espada, a mais estupenda história da bravura de um povo que se sentia talhado para outros destinos que não aqueles que lhe procurava dar o poder.

Bento Gonçalves, à frente de uma legião de bravos, verdadeiros filhos da Esparta encravada nos vergéis do Rio Grande do Sul, ao iniciar a napoleônica campanha de 35, marcou de fato uma época reivindicadora, que é hoje o nosso orgulho, o brilhantismo do nosso nome cívico.

A república rio-grandense teve a vida efêmera de dez anos – decênio glorioso de luta e de sacrifício – mas perpetuou-se na obra agora continuada em todo o país, de cujo concerto o Rio Grande não podia e não devia ser afastado.

Ao empunhar a sua espada flamejante, o Napoleão dos Pampas, tão generoso, tão nobre, tão modesto, não podia prever que com a lâmina dessa espada corria as cortinas da imortalidade, em cujos domínios entrou triunfalmente, descansando da peleja cruenta nos braços da glória máxima e perfeita.

* * *

¹⁷ *ECHO DO SUL*. Rio Grande, 18 set. 1909. A. 55. N. 213. p. 1.

Coincide a passagem do 74º aniversário do estupendo feito com a inauguração do monumento que o povo desta terra mandou erigir à memória do glorioso *farroupilha*.

Não eleva o povo o valor do herói ao reproduzi-lo no bronze: eleva-se, sim, à altura dos povos que, conscientes do seu valor, conhecedores da sua história, honrados pelo seu passado, perpetuam-se ao perpetuar a memória dos que se destacaram para honrá-lo.

O monumento que depois de amanhã será descortinado, não representa tão somente a obra de arte talhada para ornamentação, assim como também não é a estátua que o convencionalismo político-social manda fundir. É, sim, a gratidão sincera e leal do povo transformada no bronze. É, também ainda mais que essa significação intrínseca: é o brio, materializado, do próprio povo.

Um povo que erige com sacrifícios inauditos, um monumento que tem por fim perpetuar a memória de um herói da liberdade, certo esse povo está preparado para jamais ser aviltado, porque chegou à sua perfectibilidade cívica.

Honra, pois, aos iniciadores do patriótico tentame, que vem marcar na nossa história social uma verdadeira época: perpetuando-se naquele bronze inderrogável a memória do maior filho desta terra, fica de fato perpetuada a verdade eloquente de que soubemos um dia ser gratos e que atingimos à máxima perfeição cívica.

Felizes dos povos que têm heróis para levantar-lhes estátuas. . .

O 20 DE SETEMBRO NO RIO GRANDE – Bento Gonçalves – inauguração da estátua – notas e impressões¹⁸

O 20 de Setembro no Rio Grande, este ano, foi, sem dúvida, um dia memorável, destoando completamente do dias comuns, em que a vida local é a mesma, sol a sol, dia a dia, sem mudanças nem sensações,

¹⁸ *ECHO DO SUL*. Rio Grande, 21 set. 1904. A. 55. N. 214. p. 2.

como soe acontecer em todos os centros, cujo bulício é o do trabalho, o da atividade produtora.

A alma popular sentiu, ontem, a sensação de um espetáculo novo, isto quanto ao que concerne à superficialidade festiva com que revestiram o fato. Quanto ao verdadeiro valor dele, foi ensejo bastante para que o povo sentisse, embora em religioso respeito, os mais justos entusiasmos pela grandeza da nossa história e pela fortaleza do nosso civismo.

É indiscutível que a inauguração da estátua à memória de Bento Gonçalves da Silva foi uma festa deveras imponente, soleníssima e ainda não feita nesta terra, pois até aqui temos sido um povo nada cioso da nossa glória, do nosso passado, da nossa história.

Os grandes filhos desta terra, os que mais se destacaram no campo da batalha, na arte, na literatura, em todas as searas da inteligência humana, estão esquecidos na poeira do passado, a despeito dos esforços dos historiadores contrerrâneos.

A estátua de Bento Gonçalves, além de ser uma reivindicação, representa um atestado de que iniciamos uma época de remodelação.

Glorificado o herói, naquele bronze, termina a dívida da gratidão popular – termina justamente onde começa uma escola cívica, uma fonte perene de ensinamentos.

Não só os que despenderam esforços para a ereção do monumento, mas todos os rio-grandenses devem estar de parabéns, por terem sido os vanguardeiros na glorificação do herói que, num decênio que assombra, tanto pugnou pela liberdade do povo.



O dia amanheceu com aspecto áacre de festa: consulados, associações, repartições, casas de comércio e particulares e quase todas as embarcações surtas no porto estavam embandeiradas.

Em vários pontos da cidade via-se desfraldado o pavilhão tricolor da cruzada de 35.

Na Praça Tamandaré, onde se faziam os últimos preparativos para a inauguração do monumento, era grande o movimento, desde as primeiras horas do dia.

A praça apresentava ornamentação propositalmente simples e que consistiu de galhardetes ao longo do passeio que deita para o largo em que está a estátua.

Esta se achava resguardada numa grande cortina com as cores da bandeira de 35.

Encarregaram-se dos trabalhos de ornamentação os Srs. Vítor Figurelly e Nabor Pereira.

À uma hora da tarde começou a se fazer a grande reunião popular em torno da estátua.

Compareceu em primeiro lugar, uma força de bordo do aviso *Oiapoque*, puxada por clarins e tambores e comandada por um oficial.

Esta força, após algumas evoluções, foi se postar na face direita do monumento.

Ao ato inaugural compareceram: autoridades civis e militares, estas de mar e terra, representantes do governo federal, estadual e municipal, municípios do Estado, associações, Mutua Cooperazione Italiana e Gioacchino Rossini, incorporadas, comissões das lojas maçônicas daqui, corpo consular, imprensa, etc.

Também rodeavam a estátua representantes de todas as classes sociais, excelentíssimas famílias e grande massa popular.

Presidiu a solenidade o Sr. coronel Virgilino da Porciúncula Júnior, achando-se presente o Sr. coronel Inácio Azambuja, membro da comissão do monumento.

O Sr. coronel Virgilino da Porciúncula deu um viva à memória de Bento Gonçalves, sendo em seguida o monumento descortinado.

A multidão prorrompeu numa salva de palmas e as bandas de música Gioacchino Rossini e União Musical executaram o hino nacional.

Assomou então à tribuna, que estava colocada cerca do monumento, à esquerda, o Sr. Dr. Vaz Dias Júnior, orador oficial da solenidade.

S. S. pronunciou longo discurso análogo ao ato, sendo ao terminar aplaudido pela assembleia popular.

Falaram em seguida a menina Odete Pereira e o Sr. Francisco Guimarães Júnior.

O Sr. Ricardo Giovannini ofereceu uma coroa de flores naturais, para ser depositada no monumento, em nome das sociedades e colônia italiana.

Respondeu, agradecendo, o Sr. coronel Virgilino da Porciúncula Júnior.

Igualmente a oficialidade do *Oiapoque* depositou uma bonita coroa de flores naturais.

Foram executados por vezes, os hinos de 35 e italiano.

Compareceu mais tarde uma força do 9º, puxada pela banda da Escola de Aprendizes de Marinheiros.

Essa força formou em continência, contornando a estátua.

A Praça Tamandaré continuou muito concorrida. Ao anoitecer a banda musical Lira Artística executou algumas peças à frente da estátua.

À noite, as gambiarras colocadas à entrada do local em que se acha o monumento, foram acesas. A despeito do forte vento então reinante, o aspecto do local era imponente.

A concorrência era numerosa e ali permaneceu até depois das 9 horas da noite.

O Dr. Quillinan Machado, cônsul português, telegrafou ao escultor Teixeira Lopes, dando-lhe ciência da inauguração e felicitando-o.

A base do monumento é de granito e foi, como já dissemos, assente pelo nosso amigo Sr. Manoel José Funchal, que vem de prestar assim um relevante serviço a esta localidade.

Emerge de degraus e logo no primeiro plano vê-se o grupo de leões, que é, sem dúvida, o melhor detalhe da obra de arte.

A figura de Bento Gonçalves domina o monumento. O herói empunha a espada e leva na atitude de arremetida em que se acha o estandarte da revolução, à sombra da qual uma legião de bravos jurou implantar a liberdade em nossa terra.

Ainda em comemoração ao dia de ontem, o *Cinema Parisiense* realizou no Teatro 7 de Setembro um espetáculo de gala, perante grande assistência.

Os camarotes que estavam reservados à autoridade municipal e aos oficiais do aviso *Oiapoque*, achavam-se enfeitados.

A banda musical *Gioacchino Rossini* executou os hinos nacional e de 35, que foram ouvidos de pé pela numerosa assistência.

Após a exibição das vistas do monumento de Bento Gonçalves, tirada logo após a inauguração e do aviso *Oiapoque*, bem como o retrato do Dr. Juvenal Octaviano Miller, teve início um programa variado que agradou à assistência.

O Banco da Província, muitas casas comerciais e particulares, bem como repartições públicas iluminaram as suas fachadas.

#####

Artista

O jornal *Artista* (1862-1912) surgiu como um semanário publicado pelos artífices, voltado aos interesses dos trabalhadores. Mais tarde, o

periódico passaria por uma nova fase, transformando-se em uma publicação política, literária e noticiosa, vindo a constituir um dos também tradicionais diários rio-grandinos. Desde a sua gênese e até o final da monarquia, o *Artista* manteve manifesta simpatia pela agremiação liberal, chegando a atuar como um órgão doutrinário, mas sem filiação partidária. Com a proclamação da república e as políticas coercitivas, o jornal teve de passar por uma completa reformulação, adotando uma postura mais noticiosa. À época da inauguração da estátua de Bento Gonçalves, a folha já vivia em seus estertores e passava por uma etapa de ampla indefinição editorial, limitando-se a publicar uma pequena nota sobre o assunto, conforme segue transcrito.

GENERAL BENTO GONÇALVES – Homenagem¹⁹

Com toda a solenidade foi ontem pouco depois de uma hora da tarde inaugurado, à Praça Tamandaré o monumento do glorioso general farroupilha Bento Gonçalves da Silva.

Presidiu ao ato que se revestiu da máxima imponência, o ilustre patrício Dr. Trajano Lopes, representando os Drs. Carlos Barbosa Gonçalves, presidente do estado e Borges de Medeiros, benemérito chefe do partido republicano.

Descerrada a estátua pelo Dr. Trajando Lopes, foram por este levantados calorosos vivas à república e ao ínclito general Bento Gonçalves, dando em seguida a palavra ao orador oficial Dr. Vaz Dias Júnior, distinto promotor público desta comarca, que produziu belíssimo discurso.

Falaram ainda a galante menina Odete Pereira e os Srs. Francisco Guimarães, pela mocidade rio-grandense, e Benjamin do Canto, pelo município de D. Pedrito.

Foram depositadas sobre o monumento duas riquíssimas coroas; uma de folhas de louro em bronze, oferecida pelo Sr. cônsul da Itália Ricardo Giovannini, em nome da colônia italiana aqui residente, outra

¹⁹ *ARTISTA*. Rio Grande, 21 set. 1909. A. 48. N. 209. p. 2.

de flores naturais de onde pendia uma fita com as cores nacionais e os seguintes dizeres: – Ao general gaúcho – A marinha brasileira.

Foi lavrada ata da inauguração, assinando as autoridades civis e militares, corpo consular, associações e representantes da imprensa.

Compareceu ao local grande massa popular.

#####

O Intransigente

Uma das primeiras publicações rio-grandinas fundadas na nova centúria, *O Intransigente* (1901-1915), surgiu como uma folha quinzenária, em seguida passaria a circular diariamente. Ainda que intentasse manter suas seções noticiosas, o periódico caracterizou-se essencialmente por sua filiação ao regime castilhistaborgista, atuando praticamente como o órgão governista no âmbito citadino. Nesse sentido, declarava-se como um sustentador dos interesses municipais e defensor ardoroso da política republicana proposta pelo “grande evangelizador”, em referência ao governante e chefe partidário Júlio de Castilhos. Tal postura ficaria evidenciada nas narrativas do jornal acerca dos atos inaugurais da estátua de Bento Gonçalves, encarnados como uma ação incontestada dos méritos republicanos. O periódico acabaria não destinando muitas matérias sobre o assunto, além do artigo transcrito, tendo em vista estar muito mais preocupado em noticiar o falecimento do intendente Juvenal Miller, buscando enaltecer a figura do mesmo e tratar da sua sucessão.

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO²⁰

O Rio Grande, num exemplar movimento de civismo, preiteou, ontem, a memória inapagável dos bravos da cruzada de 35, inaugurando o

²⁰ *O INTRANSIGENTE*. Rio Grande, 21 set. 1909. A. 9. N. 201. p. 2.

monumento do herói que concretiza a gloriosa revelação primeira das incontidas aspirações republicanas da nossa terra – Bento Gonçalves da Silva.

A solenidade de ontem foi empolgante: desvestida oficialmente de caráter festivo pelo doloríssimo motivo do passamento do chefe amado do rio-grandense preclaro e benemérito Dr. Juvenal Octaviano Miller, teve, ainda assim, pela espontaneidade respeitosa do concurso público, o brilho de uma consagração verdadeiramente coletiva.

À hora que chegamos ao local da estátua, à Praça Tamandaré, já era extraordinária a aglomeração popular. Comissões e representantes dos municípios também ali já estavam em grande número. Pouco antes das 2 horas da tarde, chegava, incorporada, a colônia italiana, levando à frente as bandeiras da sua gloriosa pátria e das sociedades “Mutua Cooperazione” e “Gioacchino Rossini”, conduzindo em um elegante palanquim, guarnecido por 4 meninos uniformizados à garibaldina, riquíssima coroa de bronze, para ser colocada no monumento.

Pouco depois, o nosso amigo Sr. coronel Virgilino da Porciúncula Júnior, ilustre presidente do conselho municipal, e, representando o distinto presidente da comissão promotora do monumento, nosso respeitável amigo Sr. coronel Rosalvo Azevedo, em eloquentes palavras, declarou aberto o solene ato. Em seguida, convidou para assumir a presidência da mesa inauguradora, o nosso prestigioso amigo deputado Dr. Trajano Lopes, representante do Dr. Borges de Medeiros, eminente chefe do partido republicano e do Dr. Carlos Barbosa, presidente do estado.

O Dr. Trajano Lopes, logo após assumir a presidência, dirigiu-se ao monumento, descortinando-o, com vivas à memória de Bento Gonçalves e ao Rio Grande do Sul, estrepitosamente correspondidos, tocando as bandas musicais o hino de 35.

A impressão que a todos causou o soberbo monumento foi dominadora: não houve uma alma que não vibrasse de entusiasmo diante da majestosa, impecável obra do grande artista Teixeira Lopes.

A estátua do herói é admirável de expressão de naturalidade. O grupo de leões, concepção genial do artista luso, emociona e deslumbra.

Os demais motivos ornamentais, inclusive os medalhões com os bustos de Garibaldi e Netto são igualmente esplêndidos.

E foi sob essa entusiástica emoção de todo o público que ali se premia, que o ilustre presidente de mesa deu a palavra ao nosso ilustrado correligionário Dr. Vaz Dias Júnior, orador oficial da solenidade.

Orador fluente, elegante, o Dr. Vaz Dias produziu excelente pela oratória, bradando na sua palavra castigada, o extraordinário valor do herói rio-grandense.

Ao terminar, foi o Dr. Vaz Dias muito aplaudido e cumprimentado, executando as bandas o hino da república.

Falou, em seguida, a inteligente menina Odete Pereira, que pronunciou vibrante alocução glorificadora dos heróis de 35, recebendo aplausos.

Logo após, a colônia italiana, por intermédio do seu distinto cônsul, ofereceu, para o monumento, a coroa que aludimos, agradecendo, em bem inspirado discurso, o nosso amigo Sr. coronel Virgilino da Porciúncula, em nome da mesa inauguradora.

Oraram ainda, com eloquência, o nosso talentoso amigo, tenente Benjamin do Canto, representante do município de D. Pedrito e o nosso jovem correligionário Afonso Guimarães Júnior.

Não havendo mais quem quisesse fazer uso da palavra, o Dr. Trajano Lopes encerrou a solenidade, erguendo vivas às memórias de Bento Gonçalves, de Garibaldi e ao Rio Grande do Sul.

Nessa ocasião todas as bandas executaram o hino da república.

Foi então lavrada e assinada a ata do grandioso acontecimento.

Compunham a mesa inauguradora o Sr. tenente coronel Trajano Lopes, coronéis Virgilino da Porciúncula Júnior e Inácio Azambuja e Alfredo Ferreira Rodrigues, secretariando-a inteligentemente o capitão Leonel Romeu.

Deram guarda de honra ao monumento um contingente do aviso *Oiapoque*, sob o comando do 1º tenente Armando Pinna e do 9º batalhão comandado pelo 2º tenente Virgílio Braga.

Compareceram as bandas Gioacchino Rossini, da Escola de Aprendizes Marinheiros, União Musical e Lira Artística.

Numa formosa expressão da fidalguia dos seus sentimentos, o nosso ilustre amigo capitão tenente Manoel Ferreira de Lamare, representante do Sr. ministro da marinha, mandou colocar sobre o monumento riquíssima coroa de flores naturais, com esta dedicatória – Ao bravo general gaúcho, a marinha brasileira.

O respeitável sr. coronel Inácio Azambuja representou o venerando filho do herói, o capitão Joaquim Gonçalves da Silva.

A Teixeira Lopes foi enviado este telegrama:

Vila Nova de Gaia, 21 de setembro – Teixeira Lopes – Monumento inaugurado. Efeito sensacional. Congratulações – *A comissão*.

#####

O Tempo

Demarcando a etapa de transição pela qual passava o jornalismo local, *O Tempo* (1906-1960), logo de início, intentou manter uma linha noticiosa em suas práticas editoriais. De acordo com tal perspectiva, anunciava a si mesmo como uma publicação imparcial e sem vínculos políticos, buscando defender os interesses gerais e mantendo a consciência e o propósito de afastar-se de qualquer tipo de subordinação partidária. Apesar de tal proposta, a folha passaria por certas etapas de filiação, aproximação e/ou simpatia em relação a questões político-partidárias, como foi o caso da época da inauguração do monumento a Bento Gonçalves, quando o periódico estampava o dístico “órgão do partido republicano federalista”. Nesse sentido, o jornal adotaria uma postura de oposição ao regime castilhistaborgista e isto ficaria expresso na abordagem do tema, pois, ao lado do aspecto informativo, nos artigos publicados e aqui transcritos, havia indicações da luta contra a “tirania”, como qualificava a situação política gaúcha.

GLORIFICAÇÃO CÍVICA²¹

A faustosa data aniversária da gloriosa revolução de Trinta e Cinco terá este ano uma comemoração condigna.

Numa das mais belas praças desta cidade, descobrir-se-á ao respeito e à veneração patricia, perpetuado no bronze pela centelha divina da arte, o vulto majestoso e homérico do heroico chefe daqueles centauros que, durante cerca de um decênio, enfrentaram galhardamente as armas do império, então a mais forte potência sul-americana, numa luta desigual em defesa da nossa liberdade.

A gratidão popular, porque foi dela que partiu a iniciativa patriótica, foi no seu generoso coração que a ideia fecundou, foi com o seu

²¹ O *TEMPO*. Rio Grande, 18 set. 1909. A. 3. N. 240. p. 1.

concurso que se cristalizou em realidade, pagará o tributo da posteridade ao chefe prestigioso, em torno do qual a mocidade rio-grandense corria a alistar-se, para sustentar com as armas o ideal patriótico que lhes fazia pulsar o coração ardente sob um impulso de entusiasmo sublime.

Bento Gonçalves, soldado valente, dotado de eminentes faculdades, que havia conquistado por serviços brilhantes indisputado prestígio, não duvidou arrancar da espada em defesa da liberdade, amesquinhada na então província, por um governo tirânico, atrabiliário e treloucado, tornando-se desde então o centro de convergência do movimento revolucionário, em torno do qual, manobravam com bravura e galhardia Netto, Canabarro, Onofre, João Manoel, Crescêncio, Afonso Corte Real e tantos outros valentes guerreiros que, com o seu sangue e com o seu valor, esculpiram na história, em páginas refulgentes, o nome rio-grandense.

A geração de então, impelida por nobres aspirações, que trazia latentes e trabalhadas pelas ideias republicanas, que lhe trouxeram os revolucionários italianos imigrados, era uma geração de fortes, como se vê pelas canções populares, onde se expandia a sua alma vibrante e onde o grito de – liberdade ou morte – bem definia a sua tempera espartana, o seu ardor cívico, a sua elevada compreensão do conhecimento da pátria e dos direitos do cidadão.

O Rio Grande, glorificando o maior dos seus filhos, é a si que se glorifica.

Mas quanto é triste confessá-lo! Quanto é humilhante o confronto!

Quando diante da massa popular se descobrir o vulto legendário do maior patriota que as tradições republicanas consagram, hoje que o ideal, porque ele com os companheiros se sacrificaram nessa luta titânica, é uma realidade nas instituições pátrias, não terá diante de si a homenagear-lhe a memória aqueles valentes gaúchos em que a lealdade era o timbre. Em vez dos heroicos centauros que preferiam a morte a viver sem liberdade, terá a glorificá-lo a multidão dos submissos incondicionais; em vez da geração que disputava a liberdade até

ao último passo, terá a geração dos amoldáveis; em vez dos que nos estos da paixão cívica pediam a cabeça dos tiranos, terá os réprobos que desejariam fazer rolar cabeças aos centos, converter as sarjetas em rios de sangue, dos últimos abencerrages dessa mesma liberdade que ele tanto cultivara.

Ao descerrarem-lhe os panos que o encobrem ver-se-á em frente do mundo oficial, desse mesmo que ainda há pouco, no santuário das pompas fúnebres, assistiu perplexo à profanação sacrílega daqueles átrios sagrados, com a exibição da fúria de aretino contra a liberdade de pensamento, contra a liberdade consciência, contra o direito da imprensa, a aliada sempiterna da liberdade, o reduto inviolável, o sacrário venerando das consciências livres.

Se os manes dos mortos pudessem falar, se a sua alma e a dos heróis que nesse instante devem pairar sobre as frentes da multidão, se a corrente que fecha o circuito dos nobres sentimentos, tivesse o poder de os evocar, é possível que nessa hora augusta, do alto do pedestal, a cujos socacos se preme a pequenez humana, dos lábios do herói, surpresos e admirados, e dos manes que o cercam, escapasse a exclamação do poeta:

– Aonde a terra que talhamos livre?

– Aonde o povo que fizemos forte?

...

Nos ninhos d'águias que nos restam? –

Corvos,]

Que vendo a pátria se estorcer no chão,

Passam, repassam como alados crimes

Da lua pálida ao fatal clarão.

Não vereis, herói sublimes da pátria, entre o cortejo do mundo oficial, os que guardam como um depósito religioso, a arca santa do ideal, que foi a vossa glória, que foi a vossa preocupação constante.

Longe, bem longe, num recanto obscuro, encontrá-lo-eis no seu posto de sacrifício, lutando até a exaustão, para que a liberdade seja uma verdade na nossa pátria comum, para que a tirania – que é a mentira, o embuste, o aviltamento – não apague das páginas da história e do coração do povo, a tradição luminosa dos nossos feitos, a herança gloriosa dos vossos ideais.

Ela se conserva intacta, ela se transmite, e a semente lançada em terreno sáfaro há de frutificar, porque a liberdade não é um mito.

Esse monumento que o povo, na generosidade da sua inconsciência, levanta hoje, será um incitamento mais aos bons, e um opróbrio eterno aos degenerados descendentes blasfemos e hipócritas, duma raça de bravos.

BENTO GONÇALVES – inauguração do monumento²²

Realizou-se, ontem, a inauguração do belo monumento com que o povo desta cidade quis perpetuar os feitos heroicos de Bento Gonçalves e dos seus valentes companheiros de jornada libertadora.

O ato, sem pompa, pelo motivo conhecido, foi assistido por enorme concorrência de pessoas de todas as classes sociais.

As cortinas das cores da bandeira de 35 que encobriam o monumento aos olhos do público foram descerradas pelo Dr. Trajano Lopes, representante do presidente do estado, e a quem, por esse mesmo motivo, a comissão central entregou a presidência da cerimônia.

²² *O TEMPO*. Rio Grande, 21 set. 1909. A. 3. N. 241. p. 2.

Após o descerramento, as forças ali postadas fizeram a continência devida e as bandas musicais executaram o hino da República de Piratini.

Usaram da palavra o Dr. Vaz Dias Júnior, orador oficial, produzindo fervoroso e inspirado discurso; a jovem Odete Pereira, os Srs. Benjamin do Canto, Francisco Guimarães Filho, Ricardo Giovannini e coronel Virgilino da Porciúncula Júnior.

O Sr. Ricardo Giovannini, digno agente consular da Itália, agradecendo a lembrança de se haver colocado numa das faces do monumento a efígie de José Garibaldi, ofereceu para o mesmo, em nome da colônia italiana aqui residente, uma artística coroa de louros, em bronze.

Essa coroa, conduzida em palanquim por quatro meninos fardados a garibaldino, foi depositada no sopé da estátua.

Outra coroa de flores naturais, foi oferecida em nome da marinha brasileira ao herói gaúcho, dedicatória contida em fitas pendentes, com as cores nacionais brasileiras.

Lavrada a ata da inauguração, assinaram-na ali todas as pessoas que o quiseram fazer.

Estiveram presentes autoridades civis e militares, corpo consular, oficiais da armada e do exército, representantes de muitas associações locais, dos cleros católico romano e protestante, da imprensa, excelentíssimas famílias e inúmeros populares.

Abrilhanaram as bandas musicais Gioacchino Rossini, União e da Escola de Aprendizes Marinheiros, executando os hinos de 35, garibaldino e nacional.

Prestaram as honras militares uma força do 9º batalhão sob o comando do tenente Virgílio da Silva Braga e outra de bordo do aviso de guerra *Oiapoque*, comandada pelo 1º tenente Armando Pinna. Esta última levava nas armas laços de fitas com as cores de 35. Representando a oficialidade daquele navio, compareceu o 1º tenente Alvim, imediato do mesmo.

Durante o resto da tarde e à noite, muita gente foi ver o monumento, garridamente iluminado por meio de arcos e arandelas a gás corrente.

BANDARILHAS

Foi, ontem, solenemente inaugurada na nossa bela Praça Tamarandaré, uma das primeiras do sul do Brasil, a estátua do glorioso general Bento Gonçalves, a tanto tempo e tão ansiosamente esperada.

Solenemente, é um modo de dizer, porque nós não compreendemos solenidade sem pompa, como não compreendemos também que se despissem dela a homenagem de um povo inteiro ao herói em que se resumiu uma geração.

Não é, porém, desse assunto que nos queremos ocupar, nem também do expressivo trabalho artístico de Teixeira Lopes.

Queremos simplesmente deixar aqui registrados acontecimentos que se têm desenrolado desde que foi levada a termo a iniciativa do monumento.

Rodearam-no tantas contrariedades, que não devem passar despercebidas.

A primeira foi a luta, que tiveram de travar os que primeiro pensaram colocá-lo nesta cidade, justamente a que foi mais refratária ao movimento revolucionário de 35.

Porto Alegre queria-o, os chefes situacionistas viram com maus olhos os trabalhos dos que tomaram a peito erigi-lo.

Pode-se mesmo afirmar que, desde a procissão cívica, por ocasião da trasladação dos ossos do general farroupilha, aqui realizada com grande pompa, data a condenação do Dr. Conrado Miller de Campos, então intendente, que com os Sr. Alfredo Rodrigues, coronéis Bento Gonçalves Filho e Azambuja, foram os promotores do grande cometimento, que logo tomou feição popular.

Em seguida à deposição daquele intendente, Alfredo Rodrigues viu-se coagido a destituir-se da comissão promotora para não sancionar

os absurdos que desfearam o plano original do artista, as heresias e disparates que o profanavam, e que aí estão patentes para atestar a toleima dos que impuseram tais modificações.

A estátua como se sabe levou tempo a prontificar.

Assente o pedestal, a inauguração foi marcada para o 14 de julho, sendo depois transferida por morte do Dr. Afonso Penna, em seguida transferida pela retirada do Dr. Juvenal, e novamente por morte deste.

Dos promotores do monumento apenas assistiram à inauguração os Srs. Alfredo Rodrigues e coronel Azambuja.

O Dr. Conrado de Campos, um deles, na qualidade de intendente, não logrou essa ventura, por estar afastado, mas também não assistiu à inauguração nenhum dos intendentes que posteriormente lhe sucederam.

A lição é sugestiva. E por isso, ontem, após a inauguração ouvimos dizer a alguém do povo, enumerando os fatos referidos: – Esta estátua é fatídica! Em torno dela tem-se dado fatos extraordinários! Deus queira! Deus queira! que aquela espada tanta vez desembainhada em defesa da liberdade não caia sobre a cabeça de mais alguém! . .

X & Y.



DIRECTORIA

DIRECTOR: ERNESTO RODRIGUES

DIRECTORES-ADJUNTOS: JOSÉ EDUARDO FRANCO
ANA PAULA TAVARES

SECRETÁRIA: LUÍSA MARINHO ANTUNES

VOGAIS: LUÍS DA CUNHA PINHEIRO
PAULA CARREIRA



DIRETORIA

PRESIDENTE: PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL

VICE-PRESIDENTE: FRANCISCO DAS NEVES ALVES

DIRETOR DE ACERVO: MAURO PÓVOAS

1º SECRETÁRIO: PAULO SOMENSI

2º SECRETÁRIO: LUIZ HENRIQUE TORRES

1º TESOUREIRO: VALDIR BARROCO

2º TESOUREIRO: ROLAND PIRES NICOLA



Conselho Editorial

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Carlos Carranca (Universidade Lusófona)

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)

Ernesto Rodrigues (Universidade de Lisboa)

Francisco das Neves Alves (FURG)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

José Eduardo Franco (CIDH-CLEPUL)

Luiz Henrique Torres (FURG)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Mauro Nicola Póvoas (FURG)

Vania Pinheiro Chaves (CLEPUL)



**Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do
Projecto “UID/ELT/00077/2013”**



A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



CLEPUL Centro de Estudos
de Línguas e Literaturas
da Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa



FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

